

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE E A TELEVISÃO:  
Estudo do meio como mediação**

Dissertação de Mestrado

LUCIANA BOCHI DORNELES

Porto Alegre  
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE E A TELEVISÃO:  
Estudo do meio como mediação**

**Luciana Bochi Dorneles**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nilda Aparecida Jacks

Porto Alegre  
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação “ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE E A TELEVISÃO: ESTUDO DO MEIO COMO MEDIAÇÃO”, elaborada por LUCIANA BOCHI DORNELES, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Informação.

Comissão Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Escosteguy

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Veneza Ronsini

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Cogo

*Logo que cheguei aqui, comentei com a minha mãe que não entendia como essas gurias podiam gostar tanto de TV, elas davam tudo pra ver TV. Hoje, eu entendo o que elas sentiam, porque é bem o que sinto.*

Depoimento de uma adolescente durante a entrevista individual.

“Tá dona, mas por que a senhora tá fazendo essa pesquisa? O que que eu vô ganha com isso?”.

Este estudo é dedicado a todos os adolescentes que participaram desta pesquisa, com o desejo profundo de que, de alguma forma, esta Dissertação responda a pergunta deste adolescente, ou inspire outras pessoas a buscarem outras respostas que façam com que esses jovens “ganhem”, com sua estada na FASE-RS, acima de tudo, a oportunidade de começar de novo.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os adolescentes da FASE-RS que contribuíram com este estudo.

A professora Nilda Jacks, minha orientadora, por todo o apoio,  
paciência e valiosas contribuições.

As professoras Claudia Fonseca e Ana Carolina Escosteguy,  
pelas suas contribuições durante a banca de qualificação.

Aos meus amigos e familiares pelo apoio e paciência.

A diretoria e aos funcionários da FASE-RS por abrirem as suas portas  
para mais esta pesquisadora.

Ao meu marido pelo seu constante apoio, compreensão, e, principalmente, por respeitar  
minhas opções, pois mais malucas que pareçam.

A Fulbright pela bolsa que tive no último ano para estudar nos Estados Unidos.

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo central verificar como os adolescentes privados de liberdade, internos em três casas da Fundação de Assistência Sócio-Educativa do Estado do Rio Grande do Sul (FASE-RS), relacionam-se com a televisão antes e durante a sua internação e de que forma esse meio de comunicação de massa atua como uma mediação entre a instituição e a sociedade. Os objetivos específicos foram: identificar qual o lugar da televisão na rotina diária dos adolescentes privados de liberdade, antes e durante a internação; conhecer a percepção que esses jovens têm da televisão e das mensagens veiculadas por ela, principalmente dos seus programas favoritos; verificar o grau de relevância desse meio para estes jovens e como ele opera como mediação. Para tanto, adotou-se como referencial teórico central o Modelo das Múltiplas Mediações, proposto pelo pesquisador Guillermo Orozco Gomez, que define a recepção televisiva como um processo complexo que abrange múltiplas interações da audiência com a TV, sendo objeto de múltiplas mediações. Orozco sugere uma série de categorias analíticas (supertemas, comunidades de apropriação e estratégias televisivas), as quais foram utilizadas para analisar a recepção desse segmento específico. Esta pesquisa utilizou-se de técnicas quantitativas (aplicação de formulário) e qualitativas (entrevistas individuais e grupos de discussão), adotando essas metodologias de forma integrada para obter uma compreensão mais completa sobre o objeto em estudo. Este estudo verificou a importância dos supertemas (uma das categorias propostas por Orozco) na forma como esse grupo relaciona-se com a televisão, mostrando que temas como criminalidade, drogas e relações juvenis, presentes na vida desses jovens, são também os que mais os atraem na televisão, pautando as suas estratégias televisivas e a escolha do que irão ou não assistir. Ele também aponta o papel assumido pelo próprio grupo de adolescentes como a principal comunidade de apropriação dos conteúdos televisivos. Durante a recepção televisiva, esses jovens apropriam, reapropriam ou refutam as mensagens veiculadas, realizando, na maioria das vezes, uma leitura coletiva dessas mensagens, a qual é mediada, principalmente, por suas experiências pessoais. Este estudo mostra também que a televisão assume um papel diferenciado na vida desses jovens durante a internação, passando a operar como uma mediação entre o mundo que ficou lá fora e a instituição. Antes da internação, a maioria desses jovens não tinha contato com o meio, já que eles passavam a maior parte do seu tempo na rua ou realizando atividades externas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação - Estudos de Recepção - Televisão e Adolescência.

## **ABSTRACT**

This research aims to verify how the teenagers who live in three Juvenile Detention Centers located in the State of Rio Grande do Sul, Brazil, relate to television during their stay at the institution, and, also before they went to the institution, in their homes. With this research I will also analyze how television, as a means of communication, works as a bridge between society and the institution. Its objectives are: to identify which role television takes in their everyday life, before and during their stay in the institution; to find out which programs they like to watch and why; to verify how this means works as a bridge for this group and society. The theoretical-methodological reference used in this study is the theory of the multiple mediation model, of the Mexican Guillermo Orozco Gómez, which defines the television reception as a complex process, which suffers the influence of multiple mediations. Orozco suggests a number of analytical categories which were used to analyze the reception process of this specific group. This research used quantitative (surveys) and qualitative (individual interviews and discussion groups) techniques using them in an integrated way to gain a better understanding of the object studied. This research confirms the importance of the super-themes (one of the categories proposed by Orozco) in the way it demonstrate this groups interaction with television, showing that subjects, such as criminality, drugs and juvenile relations, that are present in their lives are also the ones they like the most on television, defining their options regarding to what they will or will not see. This study points out the role played by the group as the major “appropriation community” of the television contents, showing that, during the reception process, these teenagers make a collective reading of the messages which is mediated mostly by their personal experience. It also outlines the different roles played by television in these teenagers’ lives during their stay at FASE, becoming a mediator between the institution and the world outside and an important companion that makes the time passes quicker and makes their stay at the institution easier.

**KEY-WORDS:** Communication - Reception Studies - Television and Teenagers.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	9
LISTA DE FIGURAS .....	10
INTRODUÇÃO .....	
1 CONHECENDO NOSSO OBJETO EMPÍRICO .....	15
1.1 A TRAJETÓRIA DAS POLÍTICAS DE ATENDIMENTO A ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI NO RIO GRANDE DO SUL .....	15
1.1.1 Sistema FASE-RS .....	21
1.2 ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE: O MAPA BRASILEIRO .....	28
1.2.1 Perfil do adolescente que cumpre medida de privação de liberdade no Brasil .....	30
1.2.2 Adolescentes privados de liberdade – FASE-RS .....	37
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO .....	45
2.1 ESTUDOS DA RECEPÇÃO .....	45
2.2 OROZCO E O “MODELO DAS MEDIAÇÕES MÚLTIPLAS” .....	49
2.2.1 Micromediações .....	66
2.2.2 Macromediações .....	69
3 REFLEXÕES METODOLÓGICAS: PROCEDIMENTOS .....	74
3.1 APLICAÇÃO DE FORMULÁRIOS .....	76
3.2 ENTREVISTA INDIVIDUAL .....	79
3.3 GRUPO DE DISCUSSÃO .....	82
3.4 ETAPAS COMPLEMENTARES .....	84
3.5 REFLETINDO SOBRE A COLETA DE DADOS: O PAPEL DO PESQUISADOR E SUAS LIMITAÇÕES.....	85
3.6 ESTRUTURA DA ANÁLISE .....	88
4 RESULTADOS .....	91
4.1 PERFIL DOS ADOLESCENTES .....	91
4.1.1 Perfil dos adolescentes a partir da pesquisa quantitativa .....	91
4.1.2 Consumo televisivo a partir da perspectiva quantitativa .....	105
4.2 ANÁLISE QUALITATIVA .....	110
4.2.1 Perfil dos adolescentes entrevistados .....	110

4.2.2	Adolescentes privados de liberdade e a televisão .....	122
4.2.2.1	Mediação televisiva: a importância da TV dentro da instituição .....	122
4.2.2.2	Mediação institucional: o papel da diretoria na recepção televisiva dos adolescentes da FASE-RS.....	126
4.2.2.3	Mediação situacional: a política da sala de estar e a importância do grupo como principal comunidade de apropriação na recepção dos jovens .....	129
4.2.2.4	Mediação individual e supertemas .....	134
4.2.2.5	A vida segue mesmo sem televisão: a unidade sem acesso ao meio .....	148
CONCLUSÕES .....		151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....		158
ANEXOS .....		163
ANEXO 1	FORMULÁRIO DA PESQUISA QUANTITATIVA .....	164
ANEXO 2	A POLÍTICA DA TELEVISÃO NAS CASAS DA CAPITAL QUE NÃO FIZERAM PARTE DESDE ESTUDO .....	169
ANEXO 3	ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – ECA .....	172
ANEXO 4	NOMENCLATURAS ADOTADAS EM TODO O PAÍS PELAS ANTIGAS FEBEMS .....	175
ANEXO 5	FICHAS DOS PROGRAMAS .....	177

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Brasil: Unidades de privação de liberdade e de internação provisória (set./out. 2002) .....	31
Tabela 2 -	Brasil: Adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade, segundo raça e cor (set./out. 2002) .....	33
Tabela 3 -	Idade dos adolescentes .....	91
Tabela 4 -	Com quem moravam antes da internação .....	92
Tabela 5 -	Dados sobre o trabalho .....	93
Tabela 6 -	Dados sobre a escola .....	94
Tabela 7 -	Delitos cometidos .....	95
Tabela 8 -	Consumo de drogas .....	98
Tabela 9 -	Cinema .....	99
Tabela 10 -	Videogames .....	99
Tabela 11 -	Leitura .....	100
Tabela 12 -	Leituras preferidas .....	100
Tabela 13 -	Meio de comunicação em que mais confiam .....	102
Tabela 14 -	Consumo de rádio .....	103
Tabela 15 -	Estilos musicais preferidos .....	104
Tabela 16 -	Consumo televisivo antes da institucionalização .....	106
Tabela 17 -	Consumo televisivo diário antes da institucionalização .....	106
Tabela 18 -	Programas que costumavam assistir antes do ingresso .....	107
Tabela 19 -	Quem decidia na escolha da programação assistida .....	107
Tabela 20 -	Televisão na FASE-RS .....	108
Tabela 21 -	Horário em que assistem televisão na FASE-RS .....	108
Tabela 22 -	Programas mais assistidos .....	109
Tabela 23 -	Porque assistem esses programas .....	109

## LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 - Unidades do Complexo Vila Cruzeiro .....	24
Quadro 2 - Unidades do Complexo Padre Cacique – FASE-RS .....	25
Quadro 3 - Unidades do Interior .....	27
Gráfico 1 - Brasil: Adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade, segundo faixa etária .....	32
Gráfico 2 - Brasil: N° de Adolescentes que freqüentavam escola antes da internação .....	33
Gráfico 3 - Brasil: N° de Adolescentes que trabalhavam antes da internação.....	33
Gráfico 4 - Adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade .....	34
Gráfico 5 - Brasil: Adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade, segundo a renda familiar (set./out. – 2002) .....	35
Gráfico 6 - Brasil: Adolescentes usuários de drogas antes da internação (set./out. – 2002) .....	36
Gráfico 7 - Principais delitos cometidos .....	37

## INTRODUÇÃO

A relação adolescente-televisão tem preocupado muitos pesquisadores da área da Comunicação. Vários estudos (FAILA ELIAS, 1995; MEINE, 1996, SILVA, 1996 e GOMES e COGO, 1998) têm sido realizados, dentro e fora do Brasil, em busca de respostas que auxiliem a entender melhor a forma como esse público se relaciona com a televisão. Embora não seja mais visto com olhos tão apocalípticos, esse “super-meio” continua nos instigando, pela forma como entra em nossas casas e como ocupa parte do nosso tempo. Como explica Orozco:

Há cinquenta anos de sua inserção social, a televisão segue sendo, no século XXI, o fenômeno técnico-mediático-cultural mais importante para as maiorias que habitam os países latino-americanos. Odiada por uns, temida por muitos, admirada por outros, criticada por alguns, mas desfrutada por (quase) todos, a televisão é um dos fenômenos mais complexos, espetaculares e desafiadores de todos os tempos. Instaurada não apenas como o super-meio com maior popularidade e penetração, sua presença versátil, incisiva, sedutora, crescente e amplificada constitui, além de um dos mais sofisticados dispositivos de moldamento e reconversão das sensibilidades e de um "paradigma comunicacional", todo um sistema audiovisual, educativo e cultural que incide nos usos do tempo e do espaço de milhões de latino-americanos. (OROZCO, 2001, p. 11, tradução nossa).

Para muitos jovens, a televisão é um meio de informação, de diversão, de educação e uma forma de passar o tempo<sup>1</sup>. Entretanto, apesar de conhecermos “relativamente bem” a relação que nossos adolescentes estabelecem com esse meio, ainda há muito a ser estudado. Há grupos específicos que, embora já venham sendo sujeitos de análises em outras áreas do conhecimento, continuam sendo ignorados pelos estudos da Comunicação, como é o caso dos adolescentes privados de liberdade. Esse é um grupo que pode dar contribuições significativas aos estudos realizados na área, mas que não tem sido objeto das pesquisas desenvolvidas sobre o tema. No Brasil, atualmente, há 9.555 mil adolescentes privados de liberdade, desse total, 844<sup>2</sup> estão no Rio Grande do Sul, cumprindo medidas socioeducativas na Fundação de

---

1 Essas pesquisas (ELI,1995; MEINE, 1996; SILVA, 1996 e GOMES e COGO, 1998) deixam claro a grande inserção desse meio, com o qual os adolescentes brasileiros, na sua maioria, têm contato diário.

2 Estes dados são de outubro de 2002. Atualmente, a FASE possui uma população de 1.015 adolescentes.

Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (FASE-RS, antiga FEBEM-RS<sup>3</sup>).

A inexistência de estudos no campo da Comunicação voltados a esse público e a importância que discussões sobre a adolescência infratora têm adquirido na nossa sociedade indicaram que o estudo da relação desses adolescentes com a televisão, antes e durante a institucionalização, poderia ser duplamente revelador. Em primeiro lugar, a pesquisa poderia revelar de que forma esses jovens, — excluídos de muitos dos bens vendidos como símbolos da juventude ou até mesmo de coisas que deveriam ser básicas, e em contato permanente com a violência urbana —, relacionam-se com esse meio; e, em segundo, contribuir para a compreensão de qual o papel e o espaço ocupado pela televisão no cotidiano desses adolescentes, quando essa passa a ser um dos poucos elos que os une à sociedade. Na FASE-RS, esses adolescentes vivenciam uma abrupta mudança cultural e temporal. O seu dia-a-dia, antes marcado pela incerteza, pela aventura e pela ausência de rotina, passa a ter horários fixos e predeterminados. Nesse novo contexto, a televisão assume um papel diferenciado e “mais importante” no cotidiano desses adolescentes, como explicaram participantes da pesquisa.

Essas questões mereciam um estudo mais específico, e foram elas que nos levaram a realizar esta Dissertação que contribuiu para que pudéssemos conhecer uma realidade fora do âmbito familiar e escolar, abordada pela maioria das pesquisas de recepção com adolescentes, e para que ampliássemos o conhecimento sobre a recepção televisiva. Este estudo poderá colaborar, também, para que a FASE-RS e as demais unidades que executam medidas de privação de liberdade ao adolescente em conflito com a lei passem a ver a televisão não apenas como um eletrodoméstico ou um meio de diversão, mas como um importante

---

<sup>3</sup> O nome FASE-RS substituiu a nomenclatura FEBEM, em maio de 2002, quando a diretoria da época, seguindo as recomendações do Estatuto da Criança e do Adolescente, extinguiu a então FEBEM, criando duas instituições: a FASE, dirigida ao atendimento dos adolescentes em conflito com a lei, e a Fundação Proteção Especial (FPE), responsável pela execução das medidas de proteção às crianças e aos adolescentes vítimas de maus-tratos. A troca de nomenclaturas foi adotada para consolidar uma mudança que já vinha sendo realizada desde 1999, quando a então FEBEM-RS dividiu-se em duas diretorias, uma para tratar dos jovens infratores e outra para as crianças e os adolescentes vítimas de maus-tratos ou em situação de abandono.

instrumento de socialização, “uma instituição social, produtora de significados” (OROZCO, 1996a, p. 33), que precisa ser considerada, como demonstramos nesta Dissertação.

Para a realização deste estudo, utilizamos como referencial teórico central o “Modelo das Múltiplas Mediações”, proposto pelo pesquisador Guillermo Orozco Gómez (1991, 1996 e 2001), bastante adotado nos estudos da Comunicação para verificar diversos fenômenos relacionados à recepção da televisão. O autor entende que a recepção televisiva é um processo complexo que abrange múltiplas interações da audiência com a TV, sendo objeto de múltiplas mediações. Em suas obras, Orozco sugere uma série de categorias analíticas, as quais foram utilizadas neste estudo para conhecer de que forma este meio opera como mediação entre a instituição e a sociedade. Entre as categorias apontadas por Orozco (1996a, p. 72), destacamos os supertemas, as comunidades de apropriação, o jogo das mediações e as estratégias televisivas, que, de acordo com o autor, não são meros ordenadores da informação recebida, mas, sim, elementos de uma racionalidade substantiva de investigação através da qual o objeto construído é explorado, e que são relevantes para orientar o processo de investigação.

O objetivo geral desse estudo foi o de verificar como os adolescentes que vivem na FASE-RS convivem com a televisão e qual o papel dela em suas vidas, como mediadora entre o mundo externo (a sociedade) e a instituição. Os objetivos específicos foram: identificar qual o lugar da televisão na rotina diária dos adolescentes privados de liberdade, antes e durante a internação; conhecer a percepção que esses jovens têm da televisão e das mensagens veiculadas por ela, principalmente nos seus programas favoritos; verificar o grau de relevância da televisão para esses jovens e como esse meio opera como mediação.

Este estudo foi realizado em três casas da FASE-RS; uma casa masculina da Capital, com internos também da Região Metropolitana, uma casa masculina do Interior e a única feminina, com adolescentes de todo o Estado. Elas foram escolhidas a partir de critérios como: disponibilizar acesso à televisão aos jovens institucionalizados e ter adolescentes que ficassem na

instituição por um período considerável de tempo, o suficiente para a realização desse estudo.

Esta pesquisa utilizou-se de técnicas quantitativas (aplicação de formulário) e qualitativas (entrevistas individuais e grupos de discussão). Optamos por esse desenho metodológico, pela possibilidade que ele nos daria de triangular os dados, podendo confrontá-los, confirmá-los ou refutá-los. A metodologia adotada neste estudo será detalhada no terceiro capítulo.

É importante salientar que não buscamos com este estudo obter generalizações mais além das audiências envolvidas, tampouco uma representatividade do que acontece em todas as unidades da FASE-RS ou em outras instituições dessa natureza, uma vez que cada unidade e cada fundação tem sua política própria. O que pretendemos foi obter uma descrição o mais completa e integrada possível da relação estabelecida entre os adolescentes das casas estudadas e a televisão, de modo que pudéssemos compreender como a televisão atua em um contexto diferenciado e que espaço ela ocupa nesse contexto específico.

Esta Dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo foi destinado ao nosso objeto empírico, abordando questões relacionadas à FASE-RS, cenário desta pesquisa, e algumas revisões bibliográficas sobre a situação dos adolescentes infratores no Brasil e no Estado. No segundo, retomamos os referenciais teórico-metodológicos que nortearam esta pesquisa, discutindo os estudos da recepção na América Latina e o “Modelo das Múltiplas Mediações”. No terceiro, abordamos a metodologia adotada nesta pesquisa, refletindo sobre cada etapa e cada técnica usada na coleta de dados, bem como sobre o nosso papel no desenvolvimento deste estudo. No quarto, apresentamos os resultados da pesquisa, analisando a relação estabelecida por esses jovens com a televisão durante a sua internação e a leitura que fazem dos seus programas favoritos, bem como o perfil dos adolescentes participantes deste estudo. Esse capítulo foi dividido em duas partes, na primeira levantamos os dados quantitativos, e, na segunda, os dados qualitativos. Ao final, realizamos uma reflexão sobre o estudo, suas limitações e *insights*.

# 1 CONHECENDO NOSSO OBJETO EMPÍRICO

## 1.1 A TRAJETÓRIA DAS POLÍTICAS DE ATENDIMENTO A ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI NO RIO GRANDE DO SUL

A história da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (FASE-RS) está vinculada ao drama da exclusão social, que, embora tenha se agravado nas últimas décadas, não é uma novidade para a sociedade brasileira. As sociólogas Patrice Schuch e Marta Jardim (1999) relatam que

na década de 20, a questão da infância pobre se torna objeto da ação jurídica, que se volta contra os meninos não absorvidos pelo ramo industrial, que constituem um desafio à sociedade urbana. Em 1927, surge o primeiro Juizado de Menores, criado pelo decreto Lei de 20/12/1923, cujo objetivo era consolidar as leis de assistência e proteção a menores abandonados ou delinquentes, com menos de 18 anos, formuladas pelo Código de Menores, elaborado no mesmo ano. Este código expressa a necessidade de leis particulares para os filhos das camadas pobres, como se houvesse duas justiças, separando a infância pobre da infância dos demais segmentos sociais. (SCHUCH e JARDIM, 1999, p. 02).

Ao resgatar a história das Políticas de Atendimento à Infância e à Juventude no Estado e o aparecimento da FEBEM, atual FASE, as sociólogas dividem a história da instituição em quatro momentos, como veremos a seguir:

A) Primeiro período: ações filantrópicas, atendimento aos excluídos

O primeiro momento inicia-se em meados da década de 70 do século XIX e estende-se até a virada do século XX. Sua principal característica são as ações filantrópicas realizadas por indivíduos ou por grupos religiosos, em geral de orientação católica. A partir de 1826, a Santa Casa de Misericórdia começa a atender crianças, velhos e doentes mentais em situação de pobreza. É a partir da Santa Casa que surgem os atendimentos/equipamentos dirigidos exclusivamente a essas pessoas, como o Asilo Santa Tereza para "órfãs", criado em 1846; o Asilo de Mendicidade para "desprovidos", fundado em 1881; e o Hospital São Pedro para "alienados", criado em 1884. (SCHUCH e JARDIM, 1999, p. 04).

## B) Segundo período: Código de Menores especializa atendimento

O segundo momento tem início com a chegada do século XX. O encerramento desse período é marcado pela “Lei de criação da FUNABEM, em 1964, caracterizando-se pelo início das ações do Estado no que se refere à infância e juventude”. (SCHUCH e JARDIM, 1999, p. 05).

O Poder Legislativo apresenta, em 1927, o primeiro Código de Menores, — o primeiro da América Latina —, e os Estados implementam ou se apropriam de equipamentos de atendimento, passando a mantê-los.

Em 1933, é criado o 1º Juizado de "Menores" em Porto Alegre e os abrigos de "menores" masculino e feminino. Em 1941, no Rio de Janeiro, é implantada a primeira organização em nível nacional de implantação de Política de Atendimento: o Serviço de Amparo ao Menor (SAM). Em 1945, o Serviço Social do Menor-RS (SESME) constitui-se como sucursal do SAM.

Em 1964, é implementado o Departamento de Assistência Social (DEPAS) no Estado do Rio Grande do Sul em substituição ao SAM, considerado pela opinião pública a “Universidade do crime” e a “sucursal do inferno” devido ao seu caráter repressivo e desumano. No mesmo ano, no Rio de Janeiro, o SAM é extinto e passa a ser substituído pela Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (FUNABEM), estabelecida pela Lei n 4513/64<sup>4</sup>. É nesse momento que tem início o que Schuch e Jardim (1999) definem como terceiro período, encerrado com a extinção da FUNABEM em 1985 e a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

---

4 Antônio Carlos Gomes da Costa conta que, em 1964, o Golpe Militar trouxe com ele grandes alterações no Estado brasileiro. As políticas sociais passam a atender uma dupla finalidade: fortalecer a determinados segmentos do empresariado e atender às necessidades básicas dos segmentos mais vulneráveis da população (COSTA, 1992, p. 4).

### C) Terceiro período: o surgimento da FEBEM

Neste período, pode-se observar, de um lado, a centralização do atendimento estatal, especialmente na década de 70, e de outro, os movimentos sociais que, articulados, provocaram a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Costa (1992, p. 05), entretanto, defende que, embora a “FUNABEM se propusesse a superar o modelo de atendimento do SAM, a fundação herdou do órgão antecessor os prédios, os equipamentos, o pessoal e a cultura organizacional do passado a qual impedia que modelos correccionais repressivos fossem superados”.

O Relatório FEBEM-RS de 1969 informa que a FUNABEM tinha por objetivo centralizar a assistência ao “menor”, enquanto as Fundações Estaduais de Bem-Estar do Menor (FEBEMs) desdobravam nos Estados a política nacional. O objetivo era o de “conjugar esforços do poder público e da comunidade para a solução do menor, que, por suas condições socioeconômicas, não tem acesso aos meios normais de desenvolvimento”. (RELATÓRIO FEBEM, 1969 apud SCHUCH e JARDIM, 1999).

Criada em 1969, pela Lei 5747/69, a FEBEM-RS começou a funcionar em 1970. Sua meta era propor e executar políticas que respondessem a uma demanda crescente e já alarmante, que era dar assistência aos “menores carentes e abandonados” e, também, dar seqüência às decisões proferidas pela Justiça de Menores com relação aos “menores infratores”<sup>5</sup>.

Schuch e Jardim explicam que os programas de atendimento da FEBEM-RS

---

5 Citando Seda (1998), Gonçalves (2002) explica que, até o fim da década de 80, a lei que “amparava” as crianças e adolescentes de nosso país era o Código de Menores. Vivia-se sob uma doutrina social e legal para meninos e meninas que era a da “menoridade absoluta” (SEDA, 1998, p. 11 apud GONÇALVES, 2002, p. 02) ou da doutrina da situação irregular. Essa doutrina via crianças e adolescentes como “menores” ou em “situação irregular”. Levava-se em conta não só os atos considerados delituosos pela Justiça, mas também os comportamentos de inadaptação ou irregulares que requeressem medidas de proteção ou de reeducação, devido negligência familiar ou social. Portanto, a “situação irregular” podia ocorrer não só pela autoria de infração penal, mas por abandono, carência, vitimização, desvio de conduta, etc. Era comum encontrar adolescentes na FEBEM por estarem perambulando nas ruas. Ser pobre, vítima de abuso, maltratos, exploração, abandono da família, do Estado ou da sociedade, era motivo para uma criança ou adolescente ser privado de liberdade.

estabeleciam, através de uma triagem interna, os critérios de separação dos destinatários, quais sejam: idade, sexo, presença de deficiências mentais e conduta. Quando foi criada, a FEBEM-RS possuía 16 unidades de atendimento, “com usuários que variavam de tipologia: ‘menores infratores’ ou com ‘problemas de conduta’; ‘menores abandonados’, com ‘quociente intelectual baixo ou excepcional’, ou com ‘perturbação da conduta e com capacidade de aprendizagem profissional’”. (SCHUCH e JARDIM, 1999, p. 06).

Ao longo da década de 70, há uma ampliação de vagas para o atendimento em internatos, apesar dos objetivos norteadores da criação da FEBEM-RS pretenderem enfatizar os projetos de cunho comunitário e preventivo. Em 1973, a FEBEM já possuía 23 unidades. Contudo, no final da década de 70 e durante a década de 80, ocorreram importantes mobilizações sociais incentivadas pela discussão internacional e pelo surgimento de novos atores sociais no debate sobre as políticas de atendimento, oriundos dos movimentos sociais, essenciais para a mudança gradativa que passou a ocorrer no país.

É a partir da implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1991, que tem início o quarto período, em que se destaca o reordenamento das estruturas e concepções sobre infância e adolescência.

#### D) Quarto período: a implementação do ECA

O grande desafio após 1990 é o de implementar as estruturas de atendimento à infância e à juventude vigentes às orientações do Estatuto da Criança e do Adolescente, que separou o adolescente em conflito com a lei das crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, orientando ações e programas específicos para melhor atender a cada uma

dessas situações. Gonçalves (2002) explica que o Código de Menores é derrubado e, com ele, é “[...] abolido o estigmatizante, preconceituoso, discriminador termo ‘menor’<sup>6</sup>”.

A partir de então, passa-se a utilizar os termos “criança” e “adolescentes”, que se tornam “[...] ‘cidadãos’, ‘sujeitos de direitos’, ‘pessoas em desenvolvimento’ que devem ser tratadas com ‘prioridade absoluta’”. (GONÇALVES, 2002, p. 3, grifos do autor). Os termos “menor infrator”, “crime” e “pena” são substituídos por “adolescente autor de ato infracional ou em conflito com a lei”, “ato infracional” e “medida socioeducativa”, respectivamente.

Entre 1991 e 1994, por exigência do ECA, os atores envolvidos na constituição do sistema de atendimento à infância e à juventude passaram a especializar seus recursos:

É implementado o Juizado da Infância e da Juventude em Porto Alegre e nas nove comarcas sedes regionais no Interior do Estado (Caxias, Novo Hamburgo, Uruguaiana, Santa Maria, Pelotas, Santo Ângelo, Santa Cruz, Passo Fundo e Osório). Porto Alegre realiza eleições diretas para a implementação dos oito Conselhos Tutelares no município, há também a implementação dos Conselhos Municipais de direito e fundo Municipal para infância e juventude de Porto Alegre, sendo que a FCBIA trabalha com os municípios do interior para a implementação dos Conselhos Tutelares, Conselhos de Direito e Fundo Municipal para Infância e Juventude e é constituído o Conselho Estadual dos Direitos da Infância e da Adolescência (CEDICA), com sede em Porto Alegre. (SCHUCH e JARDIM, 1999, p. 08).

Nesse período, a FEBEM-RS dá início às suas ações de reordenamento. As autoras explicam que alguns Institutos passam a atender, exclusivamente, os adolescentes autores de ato infracional, encaminhados pelo Juizado da Infância e da Juventude, enquanto outros passam a atender apenas crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social encaminhados pelos recém-criados Conselhos Tutelares, e, também, pelos Juizados da

---

6 De acordo com Adorno (1993), o termo “menor”, de larga utilização no senso comum, na imprensa e mesmo na pesquisa científica, tem uma origem pouco nobre. Cunhado, no Brasil, pela medicina legal, e reconhecido pelo direito público para dividir a população entre responsáveis e irresponsáveis, segundo o critério do discernimento moral e do desenvolvimento psicológico. Seu emprego generalizou-se para designar um tipo específico de criança, “aquela procedente das classes populares, em miséria absoluta, expulsa da escola desde a tenra idade, que faz da rua seu *habitat* e lugar privilegiado de reprodução cotidiana. Trata-se da criança cuja existência social e pessoal é realizada a condição de menoridade, passível, por conseguinte, da intervenção saneadora das instituições de assistência e de reparação social”. (ADORNO, 1993, p. 183-184 apud GONÇALVES, 2002, p. 3).

Infância e da Juventude, bem como de reordenamento e municipalização dos abrigos. Foram criadas a Diretoria Sócio-Educativa (FEBEM), responsável pelas medidas de internação e semiliberdade, aplicadas ao adolescente por cometimento de ato infracional mediante grave ameaça ou violência a pessoa, por reiteração no cometimento de outras infrações graves ou por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta, e a Diretoria de Proteção Especial (STCAS). Essa última executava a medida protetiva de abrigo, destinada a crianças e adolescentes cujos direitos foram ameaçados por ação ou omissão da sociedade ou do Estado, por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável ou em razão de sua conduta.

Em 2002, para consolidar essa reestruturação, — em desenvolvimento desde 1999, quando houve a separação entre a área de abrigos e a área de atendimento a adolescentes em conflito com a lei —, foi aprovado pela Assembléia Legislativa o Projeto de Lei que acabava com a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, criando duas novas unidades. A Fundação Proteção Especial<sup>7</sup> (FPE), para execução das medidas de proteção às crianças e aos adolescentes vítimas de maus-tratos (a antiga Diretoria de Proteção Especial), e a Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (FASE-RS), que passou a administrar a execução das medidas socioeducativas aos adolescentes em conflito com a lei<sup>8</sup> (a antiga Diretoria Sócio-Educativa). As unidades da FASE ganharam novos nomes, seguindo a idéia central de salientar o aspecto socioeducativo da instituição.

A mudança de nomes que ocorreu em todo o país foi apontada pelo relatório do governo federal<sup>9</sup> como a primeira grande transformação visível ocorrida após a promulgação

---

7 A FPE gerência 51 unidades de abrigo, com 1.442 crianças e adolescentes, divididos por tipo de abrigo: abrigos para portadores de necessidades especiais (7 unidades em Porto Alegre); abrigos residenciais (20 unidades na Grande Porto Alegre); abrigos institucionais (8 unidades, com 4 na Grande Porto Alegre e 4 no interior) e abrigos comunitários (14 unidades, distribuídas em 7 municípios). A Diretoria de Proteção Especial também administra dois centros abertos (1 em Porto Alegre e 1 no interior). Esses números são de 1999, mas servem para termos uma idéia da situação atual no Estado.

8 Com a mudança, apenas São Paulo mantém o nome FEBEM.

9 O relatório ressalta, entretanto, que nessa primeira FASE, manteve-se, na maioria dos Estados, com ou sem mudança de nome, a estrutura fundacional desses organismos, que seguiam desempenhando funções semelhantes às anteriores.

do Estatuto. Surgiram, sobretudo no Nordeste, onde as FEBEMs passaram a se chamar FUNDACs, fundações não mais do “bem-estar do menor”, mas dos “direitos da criança e do adolescente”. (Ver Anexo 3).

### **1.1.1 Sistema FASE-RS<sup>10</sup>**

Com uma população de 1.015 adolescentes<sup>11</sup>, entre 12 e 21 anos, a FASE-RS possui, atualmente, dezoito unidades, quatorze de internação, uma de internação provisória e três de semiliberdade, nove no Interior do Estado e nove delas em Porto Alegre<sup>12</sup>. Podemos dividir as 14 casas de internação da FASE-RS em três categorias: casas da rede porto-alegrense, centros de atendimento socioeducativos do Interior e casas de semiliberdade.

Veremos a seguir cada uma dessas categorias:

#### **a) Rede Porto Alegre**

As casas da FASE-RS/POA são diferentes umas das outras, tanto no seu aspecto físico, como na política adotada, uma vez que o diretor de cada unidade goza de uma relativa autonomia na maneira como conduz a organização da casa (NACI, 2001). As diferentes unidades masculinas da FASE-RS são interligadas por uma lógica de sistema: há uma casa para primeiro ingresso, outra para adolescentes do Interior, e assim sucessivamente. Os Centros de Atendimento Sócio-Educativos do Interior, ao contrário, atendem todos os

---

10 Este texto foi baseado em informações coletadas a partir do IV Relatório da Caravana da Cidadania (2001), na pesquisa de clima realizada pelo Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACI), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001), relatórios disponibilizados pela instituição (2002/ 2003) e em nossas observações obtidas durante visitas a algumas unidades.

11 Essa era a população da casa em agosto de 2003. Durante a realização de nossa pesquisa, a população da FASE era de 844 adolescentes. Esse número permaneceu até dezembro de 2002. A partir daquele mês, a população começou a crescer bastante, ultrapassando a casa dos 1.000.

12 Desses adolescentes, 652 vivem na instituição da Capital, em locais que, como na maioria do País, possuem muitos problemas e estão distantes do mundo idealizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990 para rever décadas de maus-tratos e exclusão para com as crianças e adolescentes. Durante a realização da nossa pesquisa, as casas de Porto Alegre possuíam uma população total de 576.

adolescentes, do início até o fim de sua institucionalização. As unidades da Capital são:

a) Centro de Internação Provisória Carlos Santos (CIPCS) — É casa de recepção para onde são levados os adolescentes após a apreensão policial. Considera-se, em princípio, que os adolescentes não ficarão na casa depois da definição da medida socioeducativa — emitida em um prazo máximo de 90 dias, conforme o ECA. Por isso, há uma grande rotatividade de internos, que são separados em duas alas: uma constituída de adolescentes de primeiro ingresso no sistema, e a outra de reingressos. A unidade tem capacidade para receber 60 adolescentes, entretanto a lotação é de 157 internos<sup>13</sup>. Outra característica marcante da casa é o fato de que esta unidade é a única que possui menos funcionários do que internos<sup>14</sup>.

Do CIPCS, os adolescentes são transferidos para outras casas da rede porto-alegrense ou liberados, dependendo do delito cometido. Duas dessas outras casas são reservadas para adolescentes de primeiro ingresso no sistema<sup>15</sup>: o Centro de Atendimento Sócio-Educativo Regional Porto Alegre (CASE-POA), que recebe moradores da Região Metropolitana e de Porto Alegre, e o Centro de Atendimento Sócio-Educativo Padre Cacique (CASE-PC), que recebe adolescentes de cidades do Interior onde não existem Centros de Atendimentos.

b) Centro de Atendimento Sócio-Educativo Padre Cacique (CASE-PC) — É uma unidade onde se verifica um modelo de transição. Não há celas, mas quartos coletivos, razoavelmente limpos e ordenados. Destina-se ao atendimento de adolescentes de primeiro ingresso e com sentença de primeiro grau, cumprindo medida de Internação sem Possibilidade de Atividade Externa, com origem nas regiões do Estado onde ainda não existe Centro de Atendimento Sócio-Educativo.

---

13 O número da população é relativo ao relatório publicado em agosto de 2003. Durante a realização dessa pesquisa, a casa possuía 147 internos.

14 Ao descrever a unidade, Rolim (2001) aponta que o CIPS, antigo ICS, é um presídio típico onde se encarceram adolescentes. Por conta da superpopulação, não há condições de se garantir uma separação efetiva dos internos observando-se idade, compleição física ou perfil infracional.

15 Embora, na teoria, o CASE-POA devesse ser para adolescentes de primeiro ingresso, ao entrevistarmos esses adolescentes no decorrer da nossa pesquisa, descobrimos que muitos jovens já passaram pela FASE outras vezes.

c) Comunidade Sócio-Educativa (CSE) — Instalada no local do antigo Instituto Juvenil Masculino, serviu de palco para a morte de um monitor em um motim em 4 de setembro de 1999. Houve uma reforma da casa após a tragédia, com deslocamento temporário dos adolescentes para Osório. Em agosto de 2000, pouco tempo depois da volta dos internos a Porto Alegre, estourou outro motim bastante divulgado nos jornais de Porto Alegre, aumentando a mística da casa.

Com suas cinco alas, o CSE é considerado uma casa de grande contenção, sendo a que possui maior número de funcionários por interno (três por interno). Uma das suas principais características é o de ter adolescentes com longo internamento, em média um ano e meio. A casa é subdividida em cinco alas que espelham o sistema como um todo, pois inclui desde primeiro ingresso e internação com possibilidade de atividade externa (ICPAE) até adolescentes considerados de maior periculosidade. A casa possui uma subunidade destinada ao atendimento de jovens adultos, antes internados no Centro do Jovem Adulto<sup>16</sup>, extinto no começo de 2003.

d) Centro de Atendimento Sócio-educativo Feminino (CASEF) — Localizado na frente do CSE, é um mundo à parte no sistema, não apenas por atender uma clientela feminina e transmitir uma “sensação” de internato, mas por ser a única casa fechada da rede que não tem superlotação (NACI, 2001). Com capacidade para 33 meninas, a lotação média era de 27 adolescentes<sup>17</sup>, mas, desde o início desse ano, a casa está lotada, com 38 adolescentes.

Na casa, as meninas realizam várias atividades, aprendem a fazer doces e salgados, que vendem para os monitores e visitantes, assim como a tricotar, fazer crochê e outras atividades. Muitas delas trabalham na lavanderia da instituição e são remuneradas por isso. A casa é aconchegante, bem cuidada, o que a torna diferente do universo FASE-RS. Os quadros, a seguir, permitem uma melhor visualização do sistema:

---

16 O Centro do Jovem Adulto era reservado a internos com 18 a 21 anos privados de liberdade por terem praticado atos infracionais quando adolescentes cuja conduta, em razão do ato infracional, da vida pregressa ou do comportamento na respectiva unidade de origem, demonstrou inadequação para o convívio com os demais adolescentes internos. Em relatório sobre a situação das FEBEMS, Rolim classificou o CJA como "um presídio como qualquer outro. Sua cela de triagem lembra uma masmorra e as celas comuns são deprimentes".

17 Durante o período em que realizamos este estudo, a população da casa era de 27 adolescentes.

**Quadro 1** — Unidades do Complexo Vila Cruzeiro

Unidade	Capacidade	Perfil da população	População	População
			10/2002	08/2003
Comunidade Sócio Educativa – CSE*	116	Destina-se a execução da internação e atende em cinco subunidades independentes, quatro com capacidade para 22 adolescentes e uma subunidade, denominada “E”, para Internação Com Possibilidade de Atividades Externas, com capacidade para 28. A subunidade “A” atende adolescentes de 1º ingresso no sistema de internação, oriundos de Porto Alegre e Novo Hamburgo, em regime de ISPAAE. A unidade “B” atende jovens adultos de 18 a 21 anos com perfil de maior comprometimento. As unidades “C” e “D” atendem adolescentes reincidentes no sistema de internação.	141	137
Centro de Atendimento Sócio-Educativo Regional Porto Alegre I – CASE POA I	40	Destina-se ao atendimento de adolescentes de origem na região do respectivo juizado, em situação de primeiro ingresso e com sentença de primeiro grau;	82	85
Centro de Atendimento Sócio-Educativo Regional Porto Alegre II – CASE POA II	38	Constituído a partir da reforma do antigo Abrigo Juvenil Feminino (AJF), destina-se ao atendimento de adolescentes de primeiro ingresso provenientes da região do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre.	33	113
Centro de Atendimento Sócio-Educativo Feminino – CASEF	33	Destina-se ao atendimento de adolescentes de sexo feminino que cumprem medida de Semiliberdade, Internação com Possibilidade de Atividade Externa (ICPAE), Internação Sem Possibilidade de Atividade Externa ( ISPAAE ) e internação provisória.	27	38

**Quadro 2** — Unidades do Complexo Padre Cacique - FASE-RS

Unidade	Capacidade	Perfil da População	População 10/ 2002	População 08/2003
Centro de Atendimento Sócio-Educativo Padre Cacique – CASE PC	80	Destina-se ao atendimento de adolescentes de primeiro ingresso e com sentença de primeiro grau, cumprindo medida de Internação sem Possibilidade de Atividade Externa (ISPAE), com origem nas regiões do estado onde ainda não existe Centro de Atendimento Sócio-Educativo.	78	120
Anexo do Centro de Atendimento Sócio-Educativo Padre Cacique	30	Destina-se ao atendimento de adolescentes de primeiro ingresso e com sentença de primeiro grau, cumprindo medida de Internação com Possibilidade de Atividade Externa (ICPAE), com origem nas regiões do estado onde ainda não existe Centro de Atendimento Sócio-Educativo.	27	Casa extinta
Anexo do centro de Atendimento Socio-Educativo Regional Porto Alegre I	20	Anexo ao CASE do Complexo Vila Cruzeiro destina-se ao atendimento de adolescentes de origem na região do respectivo juizado, em situação de primeiro ingresso e com sentença de primeiro grau.	30	Casa extinta
Centro de Internação Provisória Carlos Santos Carlos Santos – CIP CS	60	Destina-se ao atendimento de adolescentes com medida de internação provisória com origem no Juizado Regional de Porto Alegre e nos Juizados regionais que não possuem unidades do sistema <b>FASE-RS</b> . Também atende adolescentes que cumprem medida de internação como regressão da medida de meio aberto (internação sanção) e adolescentes em processo de triagem até a definição da situação jurídica ou do seu perfil comportamental.	147	157
Centro do Jovem Adulto	80	Destina-se ao atendimento de jovens adultos cuja conduta, em razão do ato infracional, da vida pregressa ou do comportamento na respectiva unidade, demonstrar inadequação para o convívio com adolescentes infratores nos demais programas de privação de liberdade mantidos pela Fundação.	11	Casa extinta

Fonte: Relatórios divulgados pela FASE-RS

#### b) Centros de Atendimento Sócio-Educativo (Capital e Interior)

Os Centros de Atendimento Sócio-Educativo (CASE) do Interior atendem adolescentes em internação provisória, primeiro ingresso, regressão de medida aberta, reingresso, ISPAE e ICPAE, provenientes da região em que estão localizados.

O Centro de Atendimento Sócio-Educativo Regional Porto Alegre atende adolescentes de primeiro ingresso, provenientes de Porto Alegre e Grande Porto Alegre. O Centro possui ainda um anexo, o Centro de Atendimento Sócio-Educativo Regional Porto Alegre II, que abriga 133 adolescentes com o mesmo perfil dos adolescentes do CASE POA I.

Os CASEs, antigos Centros da Juventude (CJs), foram criados no fim da década de 90, atendendo às determinações do ECA de unidades menores e regionalizadas, permanecendo próximos da sua comunidade de origem. As casas começaram a funcionar em 1998. Até o momento, foram construídos 6 — Caxias do Sul, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria (2 casas), Santo Ângelo e Uruguaiana — e há previsão de construção de mais duas unidades, uma em Novo Hamburgo e outra em Santa Cruz do Sul.

A estrutura física dos CASEs é alvo de várias reclamações. Dos internos, pela falta de ventilação, acústica inadequada, poeira, luminosidade e temperatura — concentração de calor no verão e frio no inverno —, e dos monitores pelo perigo que oferecem, principalmente a facilidade de obter “estoques”<sup>18</sup>, como as telas e demais ferros, que podem ser utilizados pelos internos para fuga.

O Centro de Atendimento Sócio-Educativo Regional Porto Alegre (CASE POA) é a casa de maior sobrelotação — uma média de 85 adolescentes numa casa com capacidade para 40). As vagas dos CASEs do Interior foram preenchidas aos poucos, sendo que todos estão praticamente lotados e já tiveram momentos com mais adolescentes do que dormitórios.

Os Centros foram criados para atender primeiro ingresso, no entanto, por problemas nas casas de Porto Alegre, foram transferidos internos com experiências institucionais em casas como o extinto CJA e do CSE e que tinham participado de motins, alterando o perfil das casas (NACI, 2001). Os Centros de Atendimento Sócio-Educativos possuem ainda três casas de semiliberdade no Interior nas cidades de Santa Maria, São Leopoldo e Caxias do Sul.

---

18 Armas para ameaçar ou ferir alguém.

**Quadro 3** — Unidades do Interior

Unidade	Capacidade	Perfil da População	População 10/2002	População 08/2003
Centro Sócio-Educativo Regional de Santo Ângelo – CASE AS	40	Destina-se à internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Santo Ângelo.	35	53
Centro Sócio-Educativo Regional de Santa Maria	40	Destina-se à exclusiva internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Santa Maria.	29	41
Centro Sócio-Educativo Regional de Pelotas – CASE PEL	40	Destina-se à exclusiva internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Pelotas.	42	43
Centro Sócio-Educativo Regional de Caxias do Sul – CASE CS	40	Destina-se à exclusiva internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Caxias do Sul.	50	74
Centro Sócio-Educativo Regional de Uruguaiana – CASE U	40	Destina-se à exclusiva internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Uruguaiana.	46	61
Centro Sócio-Educativo de Semiliberdade de Santa Maria – CASEM SM	25	Destina-se a execução de Medida de Semiliberdade de adolescentes e jovens adultos com origem exclusiva na região sob Jurisdição do Juizado da Infância e Juventude de Santa Maria.	12	13
Centro Sócio-Educativo de Semiliberdade de Caxias do Sul – CASEM CS	15	Destina-se a execução de Medida de Semiliberdade de adolescentes e jovens adultos com origem exclusiva na região sob Jurisdição do Juizado da Infância e Juventude de Caxias do Sul.	12	4
Centro Sócio-Educativo de Semiliberdade de São Leopoldo – CASEM SL*	20	Destina-se a execução de Medida de Semiliberdade de adolescentes e jovens adultos com origem exclusiva na região sob Jurisdição do Juizado da Infância e Juventude de São Leopoldo.	09*	7
Centro Sócio-Educativo Regional Centro Sócio-Educativo Regional de Passo Fundo - CASE PF	40	Destina-se à exclusiva internação de adolescentes e jovens adultos com origem na região sob a jurisdição do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Passo Fundo.	37	75

Fonte: Relatório divulgado pela FASE-RS

\* Unidade inaugurada em 22 de agosto, com início do atendimento em final de agosto.

## 1.2 ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE: O MAPA BRASILEIRO

O Departamento da Criança e do Adolescente, juntamente com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), realizou, recentemente, um “Mapeamento Nacional da Situação

do Atendimento das Unidades que Executam Medida de Privação de Liberdade ao Adolescente em Conflito com Lei”<sup>19</sup>. O mapeamento, realizado entre setembro e dezembro de 2002, oferece várias informações sobre esse público, mostrando quem é o adolescente brasileiro privado de liberdade, contextualizando esses dados no panorama geral da adolescência no País.

a) Adolescentes brasileiros

De acordo com o relatório, o grupo etário mais numeroso entre jovens no Brasil é aquele ocupado pelos adolescentes de 15 a 19 anos. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 12). Esse resultado é atribuído ao aumento do número de nascimentos ocorrido na segunda metade dos anos 80, momento definido por muitos pesquisadores como *onda jovem*<sup>20</sup>.

Entre os anos de 1992 e 2001, o grupo etário de adolescentes brasileiros de 12 a 18 anos aumentou em cerca de 2,0 milhões em termos absolutos, correspondendo, aproximadamente, a 23,3 milhões, ou seja, 15% dos habitantes do Brasil. Entre os adolescentes dessa faixa etária, há uma certa igualdade na proporção de gênero, já que 11,7 milhões são meninos e 11,5 milhões são meninas. De acordo com o relatório, no quesito raça/cor, a relativa igualdade é outra característica deste grupo etário, sendo a proporção dos adolescentes não-brancos igual a 50,9% e a dos brancos 49,1%. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 13).

---

19 O objetivo dessa pesquisa, realizada com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e da organização não governamental Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR), era conhecer as políticas estaduais de atendimento e avaliar a situação das unidades que atendem adolescentes infratores, para, a partir desses dados, avaliar a situação das instituições de internação e propor medidas de adequação dessas instituições em consonância com o ECA.

20 Vale destacar que, neste período, o país atravessou uma fase de crescimento econômico com elevação do PIB em torno de 8% nos anos de 1984, 1985 e 1986. Assim, o desempenho mais favorável da economia, associado ao ambiente político de transição democrática, pode ter gerado uma onda de otimismo e de esperança em relação ao futuro por parte da população brasileira e, de certo modo, ter contribuído para a alta fecundidade verificada em meados dos anos 80. Segundo Oliveira (2001a), o aumento de nascimentos neste período pode ser entendido como um misto de conforto e de esperança em tempos sombrios, o que confirma a idéia de que a infância preenche a função social de tornar a modernidade suportável (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p.12).

Em relação às atividades escola e trabalho, os dados mostram que a maior parte (66%) dos adolescentes brasileiros só estuda; 17,5% estudam e trabalham; 7,5% apenas trabalham e 9,0% não estudam e nem trabalham. O relatório ressalta, porém, que, embora o grupo que só estuda englobe a maior parcela do total de adolescentes do Brasil, a proporção de jovens de 12 a 18 anos que não trabalham e não estudam é bastante significativa, influenciando no comportamento desses jovens:

trata-se de um significativo contingente de mais de 2,0 milhões de adolescentes que se encontram fora da escola e do mercado de trabalho e vivenciam [...] a cobrança perversa de uma sociedade onde a inclusão social do indivíduo passa pelo trabalho e/ou pela frequência à escola. Um outro aspecto [...] é o da ociosidade, e se isto já é péssimo para um adulto, o que não deverá representar para a auto-estima de um adolescente que é repleto de energia e vivencia a fase da vida onde tudo acontece com um ritmo intenso de ação? (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p.15).

Em torno de 70% dos 2 milhões de adolescentes que nem estudam e nem trabalham têm entre 16, 17 e 18 anos e mais de 60% são meninas. De acordo com o relatório, é importante destacar, entretanto, que a inatividade feminina nessa faixa etária está associada, geralmente, a ocupação com afazeres domésticos e com cuidados com as crianças da família, realizados sem remuneração. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 16).

Segundo o mapeamento, a análise dos rendimentos das famílias dos adolescentes brasileiros revela aspectos importantes de desigualdade, sobretudo quando a comparação se dá entre os adolescentes brancos e não brancos (pardos, pretos e indígenas).

### **1.2.1 Perfil do adolescente que cumpre medida de privação de liberdade no Brasil**

Diante do quadro de desigualdades mostrado anteriormente, fica mais simples entender a questão da violência urbana, principalmente entre adolescentes. Usando como referência alguns estudos, o relatório destaca que o fenômeno contemporâneo do ato infracional juvenil está associado não à pobreza ou à miséria em si, mas se deve, principalmente, à desigualdade social,

ao não-exercício da cidadania e à ausência de políticas sociais básicas supletivas e de proteção implementadas pelo Estado. Segundo a avaliação do Governo Federal,

é a convivência em um mesmo espaço social de adolescentes pobres e ricos que avulta a revolta e confunde a busca do adolescente por reconhecimento social e pela construção de sua identidade [...] não é por outro motivo que os alvos preferenciais do delito juvenil são as roupas, os objetos de marcas, bonés, tênis, relógio, ou tudo o mais de que são expropriados e que representam *status* de consumo na sociedade contemporânea. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p.18).

De acordo com o relatório, entre setembro e outubro de 2002, o número de meninos e meninas em todo o País que se encontravam privados de liberdade por terem praticado atos infracionais era de 9.555. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 19). Esse índice representa que, para cada grupo de 10,0 mil adolescentes, existem três (2,88) jovens privados de liberdade, cumprindo a sentença em uma das 190 instituições disponíveis no País para esta finalidade (ver Tabela 1) <sup>21</sup>.

Entre os adolescentes privados de liberdade na época de realização do relatório, 76% tinham entre 16 e 18 anos; 6%, entre 19 e 20 anos e 18%, entre 12 e 15 anos. O relatório destaca que a faixa etária onde se encontra a maioria estatística dos adolescentes internados é considerada o auge das transformações hormonais e dos conflitos existenciais oriundos da busca pela diferenciação, pelo reconhecimento e pela construção da própria identidade, ambos processos naturais da adolescência: “Nesta fase, o jovem tenta diferenciar-se dos demais a

---

21 Entre os Estados com maior número de adolescentes na situação de privação de liberdade, o relatório destaca aqueles cujo número ultrapassou a média nacional. Na Região Norte, sobressaem o Amapá, com 8,4 adolescentes internos para cada 10.000 e o Acre, com uma relação de 7,4 adolescentes por 10 mil. Esses Estados lideram o *ranking* nacional, ultrapassando cerca de 2,5 vezes a média no País. Na Região Centro-Oeste, destaca-se o Distrito Federal com seis adolescentes privados de liberdade para cada 10.000, duas vezes mais que a média nacional. Na Região Sudeste, ressaltam-se os estados de São Paulo e do Espírito Santo, sendo que o primeiro tem 6,3 adolescentes internos para cada 10 mil, e o segundo lidera o *ranking* ao lado do Amapá com 7,4 adolescentes privados de liberdade para cada grupo de 10 mil adolescentes. No Nordeste, não há um único Estado que tenha ultrapassado a média nacional de adolescentes privados de liberdade, sendo que em Alagoas (0,6), Bahia (1,2), Maranhão (0,6), Piauí (1,4), Rio Grande do Norte (0,9) e Sergipe (1,1), o número de adolescentes privados de liberdade para cada 10.000 é bem menor que aquele encontrado para o Brasil. Na Região Sul, o destaque é o Rio Grande do Sul que tem 4,6 meninos internos para cada 10 mil adolescentes no Estado. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 19).

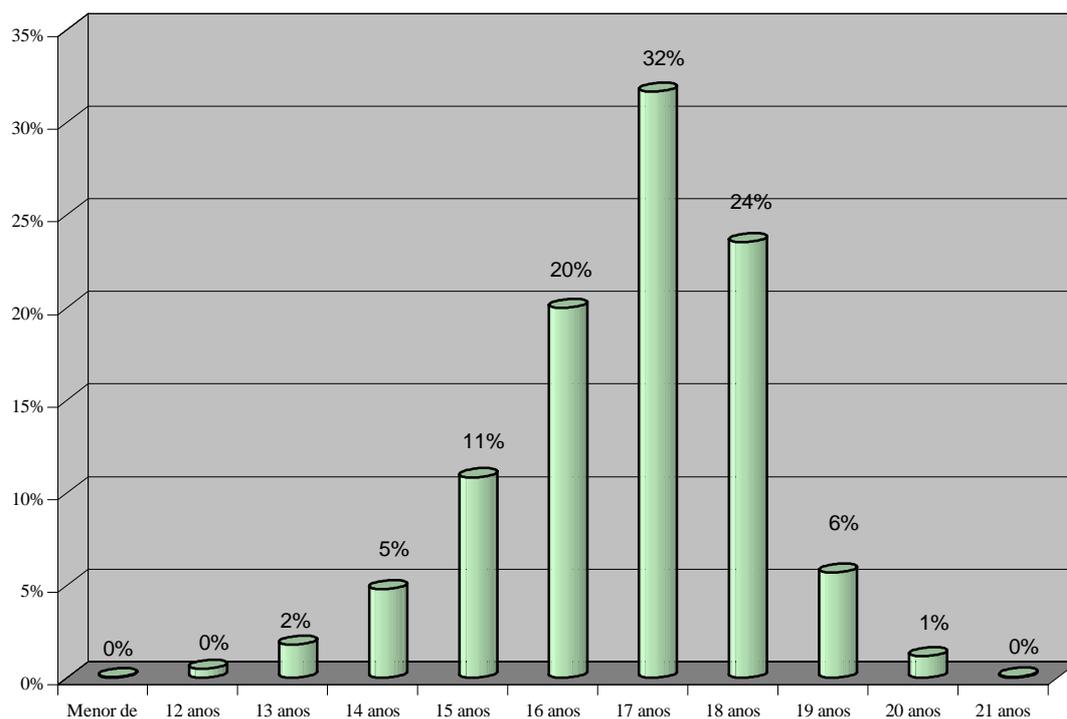
qualquer custo, mesmo que seja por meio da violência física”. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 23). (ver Gráfico 1). O documento chama atenção também para a proporção de adolescentes internos nas idades mais novas de 13 a 15 anos, que é da ordem de 18%.

**Tabela 1**— Brasil: Unidades de privação de liberdade e de internação provisória (set./out.-2002)

Estados	Nº de Adolescentes	Nº de Internos/10.000 adolescentes
<b>Norte</b>	<b>469</b>	
AC	61	7,4
AP	65	8,4
AM	116	2,2
PA	142	1,4
RO	37	1,8
RR	32	5,3
TO	16	0,6
<b>Centro-Oeste</b>	<b>626</b>	
DF	247	6,0
GO	118	1,3
MT	96	1,8
MS	165	3,9
<b>Sudeste</b>	<b>5.460</b>	
SP	4.429	6,3
MG	333	0,9
ES	46	7,4
RJ	652	2,7
<b>Nordeste</b>	<b>1.696</b>	
AL	39	0,6
BA	343	1,2
CE	373	2,4
MA	89	0,6
PB	219	2,9
PE	450	2,0
PI	85	1,4
RN	55	0,9
SE	43	1,1
<b>Sul</b>	<b>1.304</b>	
PR	341	1,9
SC	119	1,2
RS	844	4,6
<b>Brasil</b>	<b>9.555</b>	

Fonte: IPEA /MJ-DCA - Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade (set./out. – 2002) *apud* Relatório, 2002, p. 20.

**Gráfico 1** — Brasil: Adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade, segundo faixa etária (set/out - 2002)



Fonte: Relatório (2002, 24 apud IPEA /MJ-DCA - Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade (set/out - 2002)

O mundo das internações é predominantemente masculino. O Mapeamento Nacional mostrou que mais de 90% dos adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade no Brasil é do sexo masculino, as meninas internas representam apenas 6% do universo (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 24). Isto significa que, em setembro e outubro de 2002, para cada 100 meninos internados existiam apenas 6 meninas nas mesmas condições.

Em relação à raça/cor, os dados do Mapeamento mostram que mais de 60% dos adolescentes privados de liberdade no Brasil são afrodescendentes, 21% são pretos e 40% são pardos (ver Tabela 2).

**Tabela 2** — Brasil: Adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade, segundo raça e cor (set/out - 2002)

	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Total
Norte	18%	14%	62%	0%	6%	100%
Centro-Oeste	40%	16%	42%	1%	1%	100%
Sudeste	41%	20%	39%	0%	0%	100%
Nordeste	25%	33%	38%	1%	2%	100%

Sul	62%	10%	27%	0%	1%	100%
Brasil	38%	21%	40%	1%	1%	100%

\*Correspondem as unidades do Interior e 4 unidades da Capital (50%) dos internos.

Fonte: IPEA/MJ-DCA - Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade (set/out - 2002)

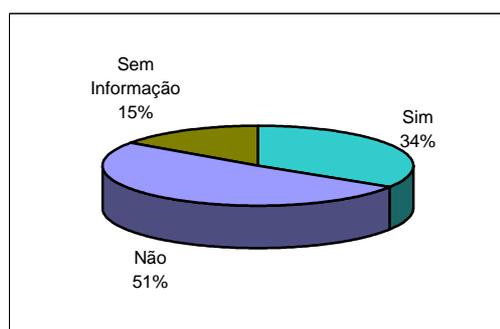
Obs.: Para São Paulo, foram considerados 70% da população de adolescentes em privação de liberdade, e para o Rio Grande do Sul os dados correspondem a 50% dos adolescentes.

Quanto à escolaridade, ocupação e rendimento, o Mapeamento destaca que a maior parte dos adolescentes privados de liberdade no Brasil não freqüentava a escola quando praticou o delito (51%) e não trabalhava (49%). Entre os que trabalhavam, cerca de 40% exerciam ocupações no mercado informal.

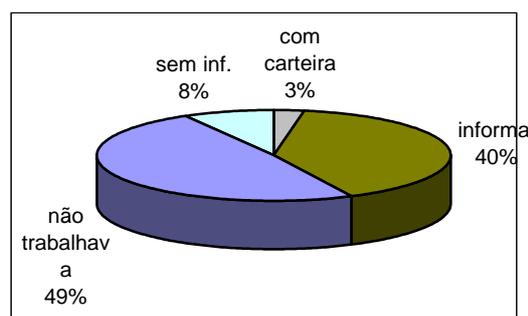
O relatório é eloqüente em associar a prática do delito à ociosidade dos adolescentes:

Grosso modo, pode-se afirmar que estar na escola e/ou ter um trabalho são ingredientes básicos para livrar o adolescente da prática de atos infracionais, indicando que o investimento em educação e em profissionalização é um instrumento potente para a redução da delinqüência juvenil (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 28) (Ver Gráficos 2 e 3).

**Gráfico 2:** Brasil: Nº de Adolescentes que Freqüentavam Escola Antes da Internação



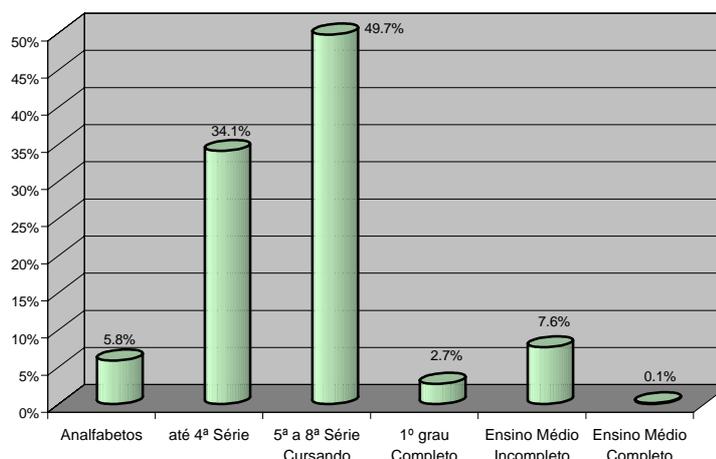
**Gráfico 3:** Brasil: Nº de Adolescentes que Trabalhavam Antes da Internação



Fonte: Relatório (2002, 28) *apud* IPEA /MJ-DCA - Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade (set/out - 2002).

Em relação ao grau de instrução, o mapeamento mostra que 89,6% dos adolescentes internos não concluiu o ensino fundamental, apesar dos mesmos estarem em uma faixa etária (16 a 18 anos) equivalente a do ensino médio. Apenas 2,7% desses adolescentes concluiu o ensino fundamental e somente 7,6% iniciou o ensino médio. Existe também entre esses adolescentes uma proporção ainda significativa de analfabetos, em torno de 6%, (ver Gráfico 4).

**Gráfico 4 - Brasil: Adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade, segundo o grau de instrução (set/out-2002)**

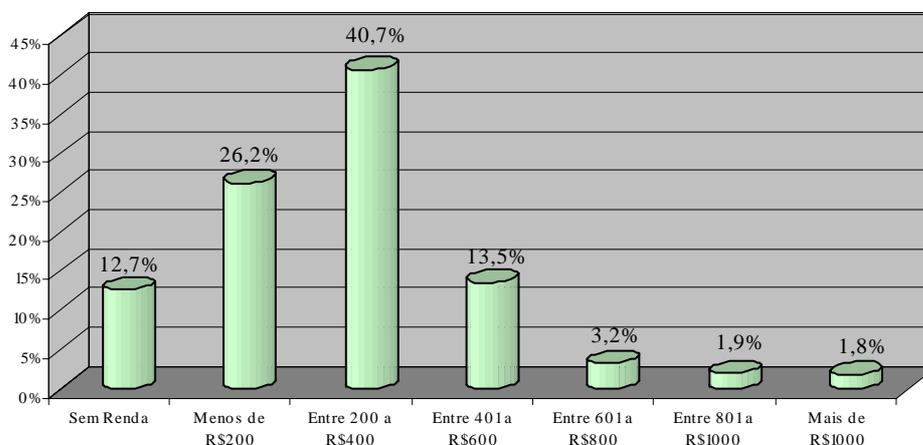


Fonte: Relatório (2002, 29) apud IPEA /MJ-DCA - Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade

De acordo com o Mapeamento, os adolescentes internados nas instituições de execução de medida socioeducativa de privação de liberdade são oriundos de famílias pobres. 66% deles vivem em famílias com rendimento mensal entre menos de 1 (um) até dois salários mínimos vigentes em setembro e outubro de 2002 (ver Gráfico 5).

A partir desses dados, o relatório conclui que os jovens, quando praticaram o delito, enfrentavam dificuldades para satisfazer algumas necessidades básicas, como por exemplo: morar em domicílio adequado, de transporte, de vestuário e de usufruto de alimentação adequada.

**Gráfico 5 - Brasil: Adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade, segundo a renda familiar (set/out - 2002)**

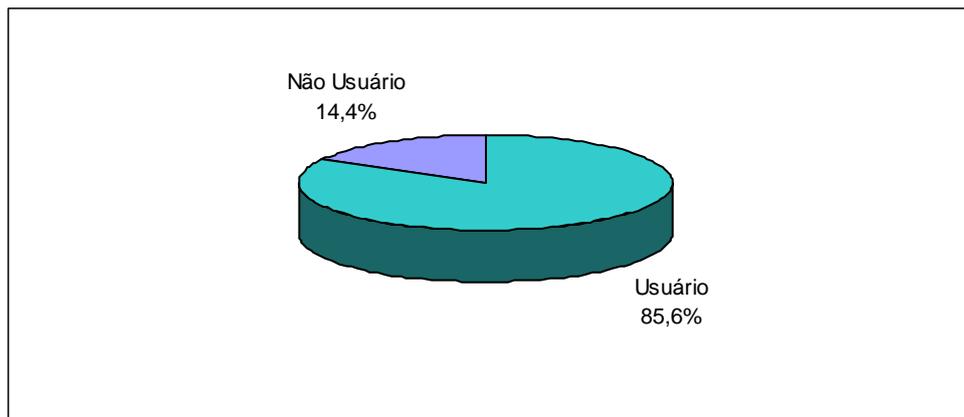


Fonte: Relatório (2002, 30) apud IPEA /MJ-DCA - Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade (set/out - 2002)- Obs.: Para o estado de SP foram considerados 70% da população de adolescentes em privação de liberdade e para RS os dados correspondem a 50% dos adolescentes.

Segundo os resultados do Mapeamento, 81% dos adolescentes internados viviam com a família na época em que praticaram o delito que resultou na sua sentença de privação de liberdade. Esta informação, para o Governo Federal, é fundamental para derrubar o mito de que os adolescentes infratores são “meninos de rua” que foram abandonados, ou que, por opção, deixaram suas famílias: “Fica claro também que não é a ausência de convivência familiar o fator determinante do ingresso no mundo infracional. A motivação para o ingresso está muito mais relacionada com a qualidade do vínculo familiar mantido com o adolescente”. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 30).

O uso de drogas era bastante marcante entre os adolescentes antes da institucionalização. Segundo o mapeamento, 85,6% desses adolescentes eram usuários antes da internação. Entre as drogas mais citadas, destacam-se a maconha (67,1%), o álcool (32,4%); a cocaína/crack (31,3%) e os inalantes (22,6%).

**Gráfico 6** — Brasil: Adolescentes usuários de drogas antes da internação (set/out - 2002)



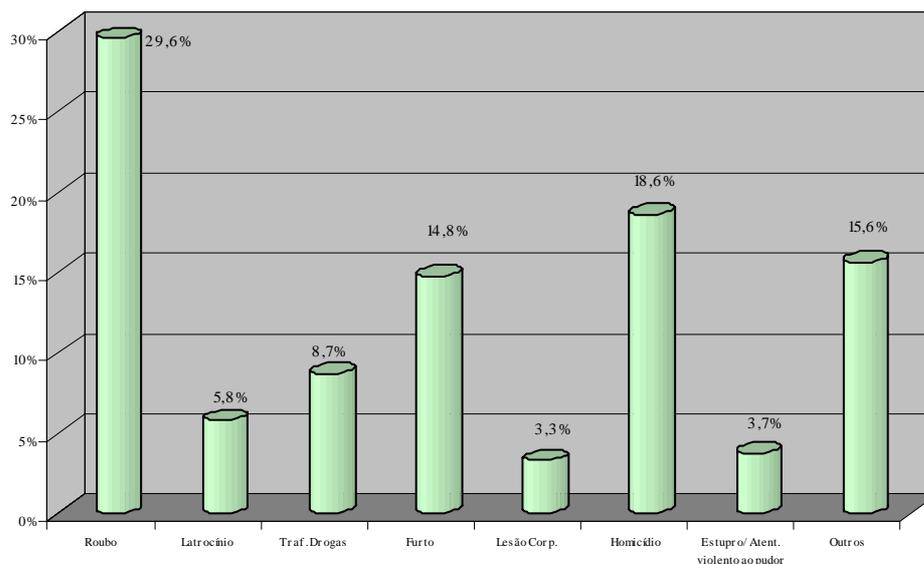
Fonte: IPEA/MJ-DCA - Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade (set/out - 2002) - Obs.: Para o Estado de São Paulo, foram considerados 70% da população de adolescentes em privação de liberdade, e, para o Rio Grande do Sul, os dados correspondem a 50% dos adolescentes.

O relatório identificou também que entre os principais delitos<sup>22</sup> praticados pelos adolescentes privados de liberdade estão o roubo (29,6%); o homicídio (18,6%), o furto (14,0%), o tráfico de drogas (8,7%), o latrocínio (5,8%); o estupro/atentado violento ao pudor (3,7%); e a lesão corporal (3,3%). Observa-se entre os delitos uma percentagem elevada no item “outros”, onde estão incluídos: porte de arma, seqüestro, tentativa de homicídio e descumprimento de sanções aplicadas anteriormente (ver Gráfico 7)<sup>23</sup>.

### Gráfico 7 - Principais delitos praticados

22 Para efeito do Estatuto da Criança e do Adolescente, aplica-se a medida de internação aos adolescentes autores de atos infracionais cometidos mediante grave ameaça ou violência contra a pessoa ou pela reiteração no cometimento de outras infrações graves. Neste sentido, a classificação de delitos no ECA é diferente da classificação no Código Penal. Por exemplo, neste o roubo é um delito contra o patrimônio, assim como o latrocínio. A lesão corporal e o homicídio são delitos contra a pessoa e o estupro é considerado crime contra os costumes. Para o Estatuto, qualquer desses crimes pode constituir “[...] ato infracional cometido com grave ameaça ou violência contra a pessoa”. O furto estaria excluído dos delitos que determinam a privação de liberdade, a não ser que seu cometimento fosse reiterado e sua natureza considerada grave (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p. 35).

23 O Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 112, enumera as várias medidas que a autoridade competente poderia aplicar ao adolescente após verificada a prática do ato infracional e antes de se decidir pela drástica medida de privação de liberdade: (i) advertência; (ii) obrigação de reparar o dano; (iii) prestação de serviços à comunidade; (iv) liberdade assistida; (v) inserção em regime de semiliberdade; e (vi) internação em estabelecimento educacional. Algumas informações disponíveis dão conta de que o número de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de semiliberdade era de 896 (858 meninos e 38 meninas), nos meses de junho/julho de 2002, o que não chega a ser nem 10% do total de adolescentes privados de liberdade, dando um indicativo de que as medidas em meio aberto são muito pouco utilizadas. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002, p.34).



Fonte: IPEA /MJ-DCA - Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade (set/out - 2002) -Obs.: Para o estado de SP foram considerados 70% da população de adolescentes em privação de liberdade e para RS os dados correspondem a 50% dos

### 1.2.2 Adolescentes privados de liberdade - FASE-RS

Preocupada em obter um perfil atualizado dos jovens que compõem a sua população e uma avaliação situacional das motivações e expectativas das pessoas envolvidas pelo sistema FASE-RS, na época sob a nomenclatura FEBEM-RS, a instituição encomendou ao Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACI), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma pesquisa qualitativa, realizada no início de 2001, que foi feita com 26 técnicos da instituição, 40 monitores, 38 internos, 25 familiares e 8 funcionários que exercem funções de apoio. A pesquisa mostra o perfil de adolescentes que convivem desde cedo com a violência urbana, que têm hábitos comuns a qualquer adolescente, que se preocupam com a sua família e temem pelo seu futuro.

De acordo com o NACI (2001, p. 49), os adolescentes infratores estão inseridos em dois universos simbólicos, paralelos e relacionais, que são essenciais para a construção de sua identidade social: os grupos juvenis e o ambiente familiar. De um lado, esses jovens demonstram estar inseridos na vida criminal, participando de grupos juvenis que praticam atos infracionais e consumindo elementos simbólicos proclamados pela estética juvenil

globalizada. Por outro lado, encontram-se presos aos valores propagados pelas relações familiares, em que o trabalho e o respeito são fundamentais, e aos laços de solidariedade oriundos das classes populares. Não existe isolamento entre o mundo familiar e o mundo da rua (NACI, 2001, p. 49). Existem relações entre esses dois “universos simbólicos” que ajudam na formação de um discurso ambíguo, que circula entre um campo e outro, exemplificando uma tensão permanente entre ambos. (NACI, 2001, p. 49).

A família representa, como já foi destacado, um dos pólos principais na constituição das suas identidades, e, apesar de contarem histórias de freqüente ruptura familiar, há um forte apego por parte dos internos em relação aos seus familiares<sup>24</sup>. (NACI, 2001, p. 50). Para a maioria desses jovens, neste período, a família passa a assumir um papel fundamental nas suas vidas, representando a relação com o mundo de fora, pois é ela que traz as notícias sobre a periferia, seus amigos e familiares. Durante a internação, ao mesmo tempo que outros laços se enfraquecem, a relação com a família parece ganhar mais força, sendo uma das poucas que permanece.

Embora relatos usuais apresentados sobre adolescentes em conflito com a lei ressaltem estereótipos de “abandono familiar”, a pesquisa realizada pelo NACI revelou que muitos familiares demonstram um surpreendente apego aos seus filhos. Há mães que se separam de seus companheiros, hospitalizam filhos, mudam de religião, de bairro, em função do adolescente internado (NACI, 2001, p. 66). Muitos familiares visitam seus filhos periodicamente. De acordo com o NACI, em média, mais da metade dos internos recebe visitas periódicas de familiares. Essa freqüência é maior nas casas de primeiro ingresso e reduzida nas demais, o que se deve a perda de esperança vivida pelos pais desses jovens de

---

24 As pesquisadoras ressaltam que a família, aqui, não significa necessariamente o modelo nuclear tradicional, mas pode estar representada pelos avós ou, em alguns casos, pelos tios. Isso é normal no contexto de periferia, em que a circulação de crianças é um fenômeno rotineiro em famílias de baixa renda, funcionando, inclusive, como um aspecto positivo de constituição de redes de solidariedade nas camadas populares. (FONSECA, 1995 *apud* NACI, 2001).

que seu filho “irá mudar de vida”<sup>25</sup>.

Outra característica marcante dessas famílias é sua associação direta a grupos de baixa renda<sup>26</sup>, como papeleiros, faxineiras, operários da indústria calçadista — o que não exclui a existência de internos pertencentes à classe média baixa, com pais formalmente empregados, por exemplo na Brigada Militar, em serviços de vigilância, proprietários de mercados, entre outros. Entretanto, em ambos os casos, trata-se de pessoas de baixa renda, oriundas das zonas periféricas de cidades do Interior do Estado e da Região Metropolitana (NACI, 2001, p. 67). A pesquisa ressalta, entretanto, que, se por um lado, essa “desestruturação familiar” existe de forma comum nas famílias dos adolescentes internos, ela também existe em muitos contextos onde não há tendência à carreira delituosa: “Podemos dizer que, tal como a pobreza, certas práticas familiares são ‘correlacionadas’ à delinquência, mas é sem nenhum fundamento científico dizer que sejam ‘causa’ do comportamento anti-social”<sup>27</sup>.

Na maioria das vezes, a trajetória criminal desses jovens tem início entre os 8 e 12 anos, quando as suas saídas para a rua começam a tornar-se mais freqüentes e menos controladas pela família. Eles começam a participar mais dos ambientes públicos do seu bairro, o que leva a uma integração quase que inevitável em grupos juvenis que freqüentam esses locais. A socialização nesses grupos vem acompanhada, muitas vezes, pelo consumo de drogas, como a maconha, o álcool e a cola. Da mesma forma, na medida em que vai

---

25 A maioria das casas estipula dois dias de semana para os internos receberem visitas, seja no turno da tarde, seja no turno da manhã. Em algumas instituições, os dias são específicos a uma ou outra ala da casa, de forma que cada interno tenha só um dia da semana para visitas. Essas visitas são feitas a grande custo financeiro e emocional dos familiares. Por causa do desconforto enfrentado na situação de visita, muitos pais dizem que estão “puxando a FEBEM junto com seus filhos”, pois, além das dificuldades financeiras para se chegar à instituição, existem também os custos emocionais implicados pelas mesmas, como a revista íntima que é considerada por muitos como um momento muito humilhante (NACI, 2001, p. 66).

26 A maioria dos entrevistados é filho de trabalhadores no setor de prestação de serviços. As profissões recorrentes são de caminhoneiro, porteiro, empregada doméstica, carpinteiros, pintores, faxineiras, etc.

27 De acordo com o relatório do Naci (2001, p. 65), antropólogos têm apontado para a existência de outros padrões de normalidade familiar em camadas populares brasileiras, em particular: a enorme importância da família consanguínea (avós, tios, primos...), o compartilhar de responsabilidades para o cuidado de crianças. Em muitos casos, essas dinâmicas particulares serviram como mecanismos positivos, fornecendo apoio adequado à socialização de crianças apesar das circunstâncias adversas. Muitas crianças foram criadas por uma avó, tia ou madrinha, chamando essa mulher de “mãe”, sem perder os laços com sua família de origem.

envolvendo-se nesses grupos, ele passa a participar de eventuais atividades de “vandalismo”, assim como de pequenos furtos e contravenções penais. Nos primeiros anos, o jovem dificilmente vai integrar atividades que exijam uma maior responsabilidade, pois, como eles próprios dizem, “a coragem se adquire somente através da prática”. (NACI, 2001, p. 52).

Com o tempo, o adolescente vai conquistando o seu espaço e identificando-se cada vez mais com os outros integrantes. As roupas de marca, as atividades de lazer, as drogas mais pesadas e as armas começam a ser consideradas símbolos de *status* e almeçadas como uma forma de identificação grupal e de constituição de prestígio social<sup>28</sup>. A entrada no mundo do crime é apontada por muitos jovens como o único caminho encontrado para a obtenção de reconhecimento e respeito (GONÇALES, 2002, p.11). Possuir esses bens funciona como uma maneira de auto-valorização, na medida em que estes são vistos como necessários para a conquista dos parâmetros de virilidade e masculinidade vigentes nas classes populares (FONSECA, 2000 apud NACI, 2001), e, para obtê-los, muitos jovens não vêem outra alternativa a não ser seguir o exemplo dos mais velhos, ou seja: roubar.

Para fazer um assalto à mão armada, é preciso ter armas, carros, companheiros de confiança para dar apoio e, quando o crime é mais organizado, informações sobre o local e o momento certo de fazer a investida. O acesso a esses elementos acontece de forma gradual, acompanhando a integração do jovem ao grupo a que ele passa a pertencer (NACI, 2001, p.53). Segundo a pesquisa, quando os jovens falavam sobre a violência na rua, a maioria

---

28 Marcos Rolim (2001) explica que todas as transformações vividas por nossa sociedade, aliadas à inserção de novas necessidades impostas pela mídia, que "passa a produzir apelos comerciais voltados exclusivamente ao chamado 'público jovem'", promove uma determinada "identidade" aos próprios adolescentes que nascem nos hábitos de consumo. O autor complementa, dizendo que eles passam a existir na exata medida em que consomem, "visto que só a propriedade de produtos e marcas jovens lhes assegura visibilidade". Rolim sustenta que se a nossa existência dá-se pelo olhar do outro, se ser visível no mundo contemporâneo pressupõe a posse de determinados bens, sejam eles quais forem, então, o ato de consumir passa a ser uma condição incontornável da vida, enquanto vida reconhecida. Rolim ressalta que o processo de exclusão dá-se, principalmente, pelas possibilidades e impossibilidades de consumo, geradas pela sociedade mediática que lhes oferece uma série de padrões, todos diretamente vinculados ao consumo de produtos, os quais, embora sejam oferecidos simbolicamente a todos, são subtraído de milhões de jovens que habitam nossas periferias e que transitam desequipados de todos os símbolos da inclusão.

referia-se às armas, às “guerras entre gangues” e à polícia. As histórias são contadas em tom heróico, mostrando-se como uma forma de exibição de prestígio social, marcado pelo processo de constituição de suas carreiras criminais.

A mobilidade do jovem é muito grande, sendo que a maioria relata sair de casa após o almoço, e retornar somente à noite, comer alguma coisa e sair novamente — voltando na manhã seguinte. A maior parte do seu tempo é destinada às atividades de lazer como ficar nas esquinas fumando maconha com os amigos, jogar futebol, trocar idéias e participar das atividades criminais — geralmente na parte da noite.

A experiência da internação é vivenciada pelos adolescentes como um momento de reflexão, influenciado pelo discurso dos agentes institucionais, que procuram levá-los a reconhecer o erro de seu comportamento (NACI, 2001, p.56). Além de representar uma grande ruptura cultural, a internação priva o jovem de sua liberdade, sendo percebida como um período de angústia e ansiedade. As relações juvenis da rua ficam para trás e passam a ser suplantadas pelas relações entre os internos de cada casa. Criam-se grupos e regras de convivência e respeito, que acabam substituindo — pelo menos temporariamente — as amizades deixadas para trás. Eles criam gírias, que passam a ser códigos internos, e também suas leis<sup>29</sup>. O desrespeito às normas é visto como uma afronta às regras do grupo, merecendo uma repreensão à altura. Entretanto, a circulação de internos é muito grande, o que não

---

29 O relatório do NACI ressalta que o próprio vocabulário utilizado por eles é um instrumento empregado para estabelecer limites. Por exemplo, pedir ‘fogo’ a outro homem é visto como afronta a sua masculinidade, pois ‘fogo’, dizem eles, ‘é coisa de mulher’. O certo é pedir ‘uma brasa’. Um convite para tomar um mate, pode ser entendido da mesma forma. O certo é tomar ‘uma cuia’. De forma semelhante, os adolescentes vivem em ‘bretes’, pois dormitório é coisa de mulher”. Essas substituições marcam distinções que se remetem a um código público, conhecido pelo grupo. Outro exemplo diz respeito ao ‘cagüeta’, denominação usada para se referir àqueles que não conseguem manter os segredos do grupo dentro de seus limites. “Esta questão está relacionada a um ritual de iniciação vigente entre os internos, realizado na entrada de um novo interno na ala ou no “brete”. Trata-se de um período em que a fidelidade do jovem será testada. Para provar ao grupo que está apto a ser incorporado, o jovem terá que sofrer socos e outros incômodos nas mãos dos mais velhos sem procurar ajuda entre a monitoria, mostrando a sua virilidade de forma afirmativa. Caso contrário, o seu sofrimento dentro da instituição será permanente, acarretando em duras penas” (NACI, 2001, p. 62).

permite a consolidação dessas relações, que são inibidas pelos agentes institucionais e judiciais. Quando o grupo começa a ficar “forte” dentro da casa, os seus integrantes podem ser separados e colocados em alas distantes, impossibilitando a constituição de um sentimento de identidade coletiva mais concreto. (NACI, 2001, p.57).

Toda a atenção dos internos está voltada para a conquista da sua liberdade, sendo que a vida institucional funciona como um castigo quase “estático” e permanente, não oferecendo grandes perspectivas de mudança, além da rotina imutável proposta pelos seus interlocutores (NACI, 2001, p.60).

O grande desejo de sair da instituição manifesta-se na importância que os jovens atribuem a audiência (que ocorre, em geral, de seis em seis meses), muitos deles vivem em função desse momento, tentando controlar-se e manter um bom comportamento, tudo visando à conquista da progressão de suas medidas. Essa ansiedade quanto ao que será decidido na audiência faz com que os dias que a antecedem sejam carregados de tensão. As pesquisadoras do NACI (2001, p.60) explicam que quando o adolescente volta da audiência sem receber progressão de medida, sua frustração é enorme, por isso, os “técnicos dirão que ele (ela) ‘*está de alerta*’, pois pode estourar em qualquer momento”. (NACI, 2001, p.60).

Os dados revelados pelo NACI mostram que esses jovens não se encontram isolados do restante do mundo, tendo acesso aos meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio, e convivendo diariamente com o que é propagado por esses, antes e durante a internação, estabelecendo uma forte relação com aquilo que vem sendo denominado de estética juvenil globalizada<sup>30</sup> (DIÓGENES, 1998 *apud* NACI, 2001, p. 54). A maioria dos internos mostra-se familiarizado com os símbolos divulgados pela indústria cultural, como o consumo de roupas de marca (Nike, Reebok, Adidas etc), utilizadas por eles como um símbolo de *status* (NACI, 2001, p. 54). A aparência é muito importante para esses

---

30 Trata-se da valorização das atividades de consumo e de lazer propagadas pela mídia.

adolescentes. Muitos deles portam tatuagens, cada uma com o seu significado específico, composto por imagens que remetem ao seu universo simbólico: teias de aranha, que significam o seu envolvimento com a criminalidade; desenhos de folhas de maconha e seringas, que significam o seu envolvimento com as drogas; o nome do seu bairro ou o seu próprio nome gravado no seu corpo, como forma de identificação pessoal; e uma grande variedade de símbolos que são reconhecidos por eles como representativos de sua realidade (NACI, 2001, p. 54).

Assim como qualquer adolescente, esses jovens gostam de ouvir música e de sair à noite com os amigos para dançar. De acordo com a pesquisa, não existem diferenças significativas no conjunto de gostos dos internos de cidades do Interior do Estado e de Porto Alegre — a maioria deles se mostra consumidor das mesmas roupas de marca, programas de televisão (por exemplo, “Poposudas” e “Linha Direta”), jornais populares — neste caso, predominantemente do *Diário Gaúcho* — e músicas de Rap, Dance, Funk, Pagode e Sertaneja. Uma das poucas diferenças percebidas em campo é que, nas cidades do Interior do Estado, os jovens apresentam uma certa preferência por atividades realizadas na natureza, como nadar, pescar e ir à praia (NACI, 2001, p. 55).

Os grupos de Rap, como os Racionais, o Pavilhão 9 e o 509-E, que passam para a linguagem descritiva do Rap um pouco da realidade vivenciada por esses jovens na periferia, são uma unanimidade entre os adolescentes infratores. Fazendo uma comparação entre as suas histórias de vida e as letras de Rap desses grupos, é possível perceber uma grande semelhança nos dois discursos: briga com rivais de outras gangues, enfrentamentos com a polícia, realidade das prisões, consumo de drogas e exclusão social.

## **Futuro**

Para a maioria dos jovens dos grupos populares, a passagem da infância para a vida adulta é bastante abrupta. Com 14 ou 15 anos, muitos já não estudam mais. E, mesmo quando estudam, arranjam uma atividade remunerada, pois esperam (e espera-se deles), além de uma certa auto-suficiência financeira, a oportunidade de contribuir para o orçamento familiar. É essa imagem de “trabalhador” e “provedor de família” que vai firmando sua identidade em oposição à vida criminal (NACI, 2001, p.58). O grande paradoxo, exemplificado pelos próprios adolescentes, é que, ao retornarem para a sociedade, provavelmente, não encontrarão empregos adequados e, assim, terão de recorrer novamente às atividades criminais para manter seus padrões de consumo cultural que lhes conferem o prestígio tão valorizado na periferia (NACI, 2001, p. 58).

Essa mesma preocupação está presente no discurso dos técnicos, dos monitores e também dos próprios familiares, que, muitas vezes, não acreditam que uma mudança realmente vá ocorrer, pois, como eles explicam, a sociedade que os receberá na volta será a mesma que os enviou para lá. O estigma de ter estado na “FEBEM” e a falta de oportunidades de reinserção na sociedade pela escassez de empregos aparecem como as principais preocupações das pessoas envolvidas no sistema FASE-RS e como os principais empecilhos para uma mudança significativa (NACI, 2001, p. 27).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

### 2.1 ESTUDOS DA RECEPÇÃO

A partir da década de 80, os estudos do campo da Comunicação, voltados durante muito tempo para o poder da mensagem e depois para os seus efeitos, passaram a mudar de foco no bojo de um forte movimento teórico-crítico, que procurava fazer uma reflexão alternativa às análises funcionalistas, semióticas e frankfurtianas predominantes até então, como explica Maria Immacolata Lopes (2000, p.123).

Na América Latina, as audiências passaram a ganhar atenção entre o princípio e os meados dos anos 80. Nessa época, Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e Jorge González, entre outros autores, começaram a redirecionar a questão da hegemonia cultural para uma posição que possibilitava compreender a audiência e a sua independência de uma forma mais dinâmica, explorando os meios dominantes como uma fonte, apesar de ambígua, de mensagens culturais para ela. (MCANAMY e LA PASTINA, 1994, p. 01).

A partir daí, várias correntes, todas focadas nesse novo olhar, foram surgindo. Entre elas, Nilda Jacks destaca:

o "Consumo Cultural", desenvolvido por Néstor García Canclini; as "Frentes Culturais", proposta pelo Programa de Estudos sobre as Culturas Contemporâneas da Universidade de Colina, coordenado por Jorge González; a "Recepção Ativa", sugerida por Fuenzalida e Hermosilla, investigadores do CENECA, no Chile; o "Uso Social dos Meios", corrente conhecida como latino-americana e identificada com os trabalhos de Martín-Barbero; e o "Enfoque Integral da Audiência", proposta teórica-metodológica de Guillermo Orozco desenvolvida no programa Institucional de Investigação em Comunicação e Práticas Sociais da Universidade Ibero-americana, no México. (JACKS, 1996b, p. 176).

A perspectiva do consumo cultural visa a construir uma teoria sociocultural do consumo para abordar os processos de comunicação e recepção dos bens simbólicos, vinculando vários aspectos, como o econômico, o sociológico, o antropológico e o psicanalítico. (JACKS, 1996b, p. 177).

Néstor García Canclini propõe a articulação de seis teorias, sob o argumento que nenhuma é auto-suficiente para explicar o consumo, que são: a) lugar de reprodução da força de trabalho e da expansão do capital; b) lugar onde as classes e os grupos competem pela apropriação do produto social; c) lugar de diferenciação social e distinção simbólica entre os grupos; d) sistema de integração e comunicação; e) cenário de objetivação dos desejos; e f) processo ritual. (CANCLINI, 1992 *apud* JACKS, 1994, p. 45).

A perspectiva das “Frentes Culturais”, por sua vez, tem como premissa básica a adaptação do conceito gramsciano de hegemonia, explicando como as colisões do poder ganham o consenso de grupos subordinados pela incorporação na esfera cultural pública de símbolos culturais destes grupos, para, assim, identificá-los de algum modo. De acordo com esta perspectiva, destaca-se a tentativa das audiências para definir e defender suas identidades socioculturais, com o objetivo de ganhar o reconhecimento público ou de outros grupos. (JACKS, 1996b, p. 178).

A linha de investigação desenvolvida pelo Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística (CENECA) centra-se no estudo da influência cultural da TV, através do “Programa de Educação para a Recepção Ativa da TV”. Entre os pressupostos teóricos defendidos por essa linha, que explora as relações entre as mensagens e os telespectadores, destaca-se a influência grupal na construção do sentido. Entre as hipóteses comprovadas a propósito da influência cultural da TV estão: uma relação múltipla com o meio; uma relação emocional mais do que racional e analítica, determinada também pelo gênero da programação e a importância do contexto sociocultural, o qual se sobrepõe à intenção do emissor na relação da audiência com a TV. (JACKS, 1996b, p.179).

Proposta teórica de Jesús Martín-Barbero, o Uso Social dos Meios parte do estudo das articulações que se dão entre as práticas de comunicação e os movimentos sociais, considerando as diferentes temporalidades e as pluralidades das matrizes culturais. Jacks

(1996b, p.179) explica que essa vertente originou-se na necessidade de entender a inserção das camadas populares latino-americanas no contexto do subdesenvolvimento e do processo acelerado de modernização, que implica o surgimento de novas identidades e novos sujeitos sociais. Segundo Martín-Barbero, os usos são inseparáveis da situação sociocultural dos receptores, os quais reelaboram, re-significam e re-semantizam os conteúdos massivos conforme a sua experiência cultural. A consideração de que o receptor também é um produtor é a principal mudança trazida por este enfoque da comunicação, que privilegia o cotidiano como lugar a ser investigado e o consumo como categoria analítica.

A última corrente apontada por Jacks (1996 b, p.180) é o “Enfoque Integral da Audiência”, desenvolvida por Guillermo Orozco Gómez. Conforme ressalta a autora, em muitos aspectos, Orozco segue a perspectiva dos usos sociais dos meios, mas apresenta um modelo teórico-metodológico elaborado de uma forma mais equilibrada, e que, por isso, tem sido utilizado por vários pesquisadores para estudar a relação televisão-audiência. A pergunta que orienta este esforço teórico-metodológico é: "como se realiza a interação entre TV e audiência", cuja resposta começou a ser buscada pelos Estudos Culturais e, também, por autores latino-americanos como Fuenzalida e Hermosilla.

Jacks (1994, p. 48) explica que investigar, nessa última linha, implica assumir a audiência como sujeito e considerá-la em situação, portanto, condicionada individual e coletivamente. Ao mesmo tempo, significa compreender a recepção como um processo, resultante da interação receptor/ TV/ mediações, que entram em jogo no contínuo ato de ver TV, mas que o extrapola.

Além dessas correntes adotadas nos estudos latino-americanos, outras foram desenvolvidas no mundo inteiro, e muitas delas, de alguma forma, influenciaram as pesquisas

realizadas no nosso continente<sup>31</sup>. Entre elas, podemos destacar a perspectiva da “Análise da Recepção”, proposta pelo dinamarquês Klaus Jensen<sup>32</sup>.

Para esta pesquisa, adotaremos o modelo proposto por Orozco (1991a, 1991b, 1996a, 2001, entre outros) por entendermos ser o mais apropriado para analisar a recepção televisiva dos adolescentes privados de liberdade. Além disso, consideramos que, também, é o mais adequado para os estudos da televisão, uma vez que foi concebido para entender essa relação. É importante ressaltar que todas as linhas citadas antes, especialmente a “Análise da Recepção”, proposta por Jensen (1991), e o “Estudos Sociais dos Meios”, sugerido por Martín-Barbero<sup>33</sup> (1987), são importantes para esta pesquisa uma vez que tiveram uma grande influência na construção do “Modelo das Múltiplas Mediações”, desenvolvido por Orozco (1991 a, 1991 b, 1996 a, 2001, entre outros), e no qual este estudo irá focar-se.

---

31 Entre estes estudos, destacam-se as obras de David Morley (1986), James Lull (1980) e Janice Radway (1984), que colaboraram para inaugurar uma nova fase nos estudos da Comunicação.

32 Jensen (1991, p. 135) aponta que uma boa maneira de entender os estudos da recepção é considerar que sua teoria tem origem no humanismo e a sua metodologia nas Ciências Sociais. O humanismo contribuiu para a concepção de comunicação de massa como uma prática cultural, que produz e faz circular significados em contextos sociais. As Ciências Sociais, por sua vez, mostraram o uso de modos particulares de perguntas empíricas no processo de interação entre meios de comunicação de massa e audiências. A convergência dessas raízes pode explicar a emergência de uma nova forma de estudo das audiências durante os anos 80 e das pesquisas qualitativas na área. O autor explica que a história dos estudos de recepção é curta, mas turbulenta, devido às suas profundas implicações teóricas e políticas, ressaltando que a reconstrução desses estudos implica uma nova perspectiva nos aspectos sociais e discursivos dos estudos de comunicação. (JENSEN, 1991, p. 136).

33 Considerando a cultura como a maior mediação de todos os processos sociais, Martín-Barbero aponta a existência de três mediações relevantes para entender a comunicação e a cultura: a **sociabilidade**, que tem a ver com as práticas cotidianas de todos os sujeitos sociais para negociar o poder de qualquer autoridade, bem como a negociação do espaço de uns com os outros (OROZCO, 1996b, p.115); a **ritualidade**, relacionada às rotinas, à repetição de certas práticas, refere-se à forma adquirida pela sociedade para garantir a recepção, e a operacionalidade, sem que seja um mero movimento que não gera sentido; e a **tecnicidade**, um "organizador perceptivo" articulador das inovações da discursividade nas práticas sociais, cuja dinâmica tem materialidade histórica, ou seja, representa a técnica e a dimensão constitutiva de comunicação, a qual transforma as práticas sociais originando novas formas de socialização. (JACKS, 1999, p. 181). Embora o trabalho de Martín-Barbero (1987) tenha sido considerado um dos mais importantes publicados para os estudos latino-americanos da Comunicação, muitos pesquisadores têm apontado a dificuldade do uso das mediações propostas pelo autor em pesquisas empíricas. Tal dificuldade é atribuída por Orozco (1994c) ao fato de Martín-Barbero não ter elaborado o conceito de mediação em termos mais concretos. Signates (1998, p. 37) complementa as considerações de Orozco, lembrando também que, mesmo em sua obra principal, **De los Medios a las Mediaciones**, Martín-Barbero não o define claramente. A obra de Martín-Barbero teve uma grande influência na criação do “Modelo das Múltiplas Mediações”, que buscou, acima de tudo, uma forma de transpor a teoria das mediações para os estudos da recepção, tentando explorar a ritualidade, a tecnicidade e a sociabilidade, propostas por Martín-Barbero, no universo empírico.

## 2.2 OROZCO E O “MODELO DAS MÚLTIPLAS MEDIAÇÕES”

Autor de dezenas de livros e artigos, Guillermo Orozco Gómez tem focado seus estudos na relação televisão-audiência-educação, contribuindo para os estudos da recepção. Formado em Comunicação pelo ITESO, em Guadalajara, especialista em Pedagogia da Comunicação pela Universidade de Colônia, na Alemanha, mestre e doutor em Educação pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, Orozco preocupou-se, desde o início de sua carreira acadêmica, conforme Mercedes Charles, com a construção de um andaime teórico-metodológico que lhe permitisse mudar o olhar tradicional, em vigor, durante anos, no campo da Comunicação.

Desde a sua primeira publicação, o modelo de Orozco, que começou a ser concebido no final da década de 80<sup>34</sup> e tem sido utilizado por vários investigadores que o adotam para estudar diversos fenômenos<sup>35</sup>, tem sofrido algumas alterações as quais veremos no decorrer dessa reconstituição, que se focará, principalmente, em obras do autor publicadas em 1991, 1996 e 2001, e que contemplam os três principais momentos por que passou o modelo.

### A) Primeiro momento

No bojo de uma reversão do foco das pesquisas em Comunicação, que buscavam descobrir como se realiza a interação entre TV e audiência, Orozco realizou um estudo descrevendo um terreno de múltiplas mediações particulares. No artigo "La audiencia frente a la pantalla: Una exploracion del proceso de recepcion televisiva", publicado em 1991, o autor destacava que assumir a audiência como sujeito, e não apenas como objeto frente à TV, supõe

---

34 Segundo Orozco, seu trabalho situa-se no paradigma crítico da investigação, que recorre a correntes teóricas como a dos Estudos Culturais e a da Análise de textos.

35 No Brasil, entre os estudos que adotaram o “Modelo das Múltiplas Mediações” na década de 90 (JACKS *et al.*, 2002) podemos apontar: “Mediações na Recepção da TV: o Campo e Lavoura em Rio Fortuna – SC” (BONIN, Jiane, 1996), “Recepção e TV a cabo: a mediação da identidade cultural pelotense” (BRITTOS, Valério, 1996), “Recepção de telenovela: um estudo de caso em Serra da Saudade – MG” (COSTA, Soraia Rodrigues, 1997), “Ingenuidade e Televisão. Investigação sobre o conceito de recepção e o Processo Comunicativo” (GOMES, Itania, 1995), “A recepção na querência: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica” (JACKS, Nilda, 1993), “Mais do que feijão com arroz: consumo, publicidade e cultura no meio rural” (KESSLER, Janea, 1997), “Cotidiano Rural e Recepção da televisão: o caso Três Barras” (RONSINI, Veneza Veloso Mayora, 1993).

entendê-la como um ente em situação. Assim, ela está condicionada individual e coletivamente e vai constituindo-se como tal de muitas maneiras e diferenciando-se como resultado de sua particular interação com a TV, e, sobretudo, com as diferentes mediações que entram em jogo em seu processo de recepção, ou seja, "a audiência de TV não nasce, ela se faz". (OROZCO, 1991b, p. 55).

No mesmo ano, em seu livro **Recepción televisiva, tres aproximaciones y una razón para su estudio**, Orozco reafirma a importância de se reconhecer que

[a] recepção televisiva é um "processo mediado" que antecede e prossegue ao mero momento de estar frente à televisão. Um processo que de nenhuma maneira é unívoco nem transparente, mas sim complexo e até contraditório. Um processo que se mescla com a vida cotidiana e no qual intervêm distintos agentes e instituições sociais. Um processo, finalmente, que se desenvolve em distintos cenários. (OROZCO, 1991, p. 9, tradução nossa).

Orozco (1991a, p. 23) focou parte dessa obra na análise do "Modelo de efeitos", com o intuito de apontar alguns limites desse modelo nas investigações sobre televisão e crianças. Para ele, um dos principais problemas desse paradigma é ignorar que a relação entre TV e receptores transcende o momento de estar frente à tela e é mediada por distintos elementos situacionais, institucionais, culturais, econômicos e políticos. A apropriação das mensagens por parte dos receptores não é resultado automático de sua exposição a eles, mas, sim, o produto de negociações da TV, que, muitas vezes, levam à resistência e à geração de contrapropostas.

Durante o processo de negociação, conforme o autor, distintas instituições sociais interagem com a TV:

O receptor participa simultaneamente em várias instituições e é sujeito de sua influência. Assim, o resultado final ou o impacto da TV está mediatizado pela ação implícita ou explícita da escola, da família e de outras instituições e grupos. (OROZCO, 1991 a, p. 23).

Orozco propõe, nesta obra, uma estratégia metodológica<sup>36</sup> desenhada para investigar as mediações. Ao contrário de outras metodologias que buscam responder às clássicas perguntas:

---

36 Segundo Orozco, esta metodologia se origina na corrente da investigação das audiências, dentro do paradigma crítico da comunicação (Critical Audience Research).

"que faz a TV aos jovens e às crianças", ou "o que fazem as crianças e os jovens com a TV?", ela se inspira na pergunta metodológica: "o que fazem as instituições à interação da criança e do jovem com a programação televisiva?"<sup>37</sup>.

Esta metodologia parte de algumas premissas, como:

a) **A relação receptores e TV é necessariamente mediatizada:** A relação entre TV e receptores é multilateral e necessariamente mediatizada. Tanto as intervenções como os diferentes condicionamentos da recepção são considerados para explicar os resultados da apropriação, ou seja, que se aceite ou não a mensagem proposta.

b) **O significado televisivo é "negociado" pelos receptores:** Nessa estratégia, assume-se que os significados propostos pela TV não têm garantia de serem apropriados da mesma maneira. Em parte, porque nenhum significado é unívoco, mas, sim, polissêmico. Os sujeitos receptores recebem e processam o significado conforme seus próprios condicionamentos e de acordo com as intervenções de que são objeto no processo da recepção.

c) **A televisão enquanto instituição social não é a única que significa a realidade:** Para esta metodologia, explica Orozco (1991a, p. 56), a televisão, enquanto instituição social, concorre com outras instituições, tais como a família, a escola, a igreja, o trabalho, o grupo de amigos, entre outras, que coexistem, geram e tratam de fazer valer suas próprias significações. Algumas vezes, entretanto, estas instituições reforçam-se mutuamente. Orozco ressalta que, embora as instituições possuam contradições entre si, cada uma tem objetivos próprios.

d) **A especificidade da televisão como meio influi na apropriação de seus significados pelos receptores:** as propriedades técnicas da TV constituem mecanismos concretos através dos quais se constrói o sentido e o significado das mensagens.

e) **A interação TV-receptores não é individual, sim coletiva:** Orozco (1991a, p. 58)

---

37 Orozco (1991 a) foca este estudo no público jovem e infantil, mas sua teoria tem sido utilizada para estudar diferentes audiências.

defende que o que está em jogo na apreciação do significado televisivo pelo receptor não são suas características ou elementos individuais, mas, sim, socioculturais. Por esta razão, os sujeitos não são considerados como receptores isolados, ainda que respondam individualmente ou vejam televisão sozinhos; eles são vistos como membros de segmentos de audiência, agrupados segundo certas características socioeconômicas, culturais, de idade, de sexo, de etnia e geográficas que os delimitam como tais.

Orozco (1991a, p. 30) aponta a existência de seis mediações, que são essenciais para compreender a recepção: a videotecnológica, a cognitiva, a situacional<sup>38</sup>, a cultural, a de referência e a institucional<sup>39</sup>.

As **mediações cognitivas** são, para o autor, aquelas que incidem no conhecimento. Esse processo inclui tanto a geração lógica da informação, como a de crenças e a sua valorização afetiva por parte do sujeito. Orozco (1991a, p. 30) explica que o processo cognitivo não é apenas racional, como se tem considerado; ele é, também, emotivo e valorativo. Se conhece não somente por uma motivação intelectual, mas, principalmente, afetiva. De acordo com o autor, a quantidade e qualidade de informação, os conhecimentos e os valores que um sujeito receptor trazer à tela do televisor irão mediar sua recepção da mensagem. Ao mesmo tempo, vão influenciar nos aspectos que são percebidos em geral e naqueles outros que são considerados relevantes e nas associações possíveis que resultam do percebido com o anteriormente assimilado na mente do sujeito.

Ao explicar a **mediação cultural**, Orozco ressalta que o processo de conhecimento é influenciado pela cultura, que, segundo o autor, determina o desenvolvimento específico de destrezas cognitivas particulares, como capacidade analítica, dedutiva e indutiva, ao priorizar o exercício de uma mais que de outras, e orienta o processo global do conhecimento ao

---

38 Durante a especificação das mediações, Orozco (1991a) não explica a mediação situacional. É difícil julgar se a exclusão foi proposital ou acidental.

39 Embora Orozco (1991a) não cite a mediação institucional ao se referir a elas, ele a explica durante o texto no qual o autor especifica cada uma das mediações.

sancionar o que é apropriado e relevante conhecer e sua forma adequada de interpretação.

O autor (1991a, p. 31) defende que a cultura a que pertence o sujeito condiciona, em grande medida, as perguntas que guiam a curiosidade cognitiva do indivíduo enquanto telespectador, da mesma forma como também influencia nas suas respostas. Todo telespectador é produto e membro de uma cultura, e ela está presente em suas interações sociais e na sua interação com a televisão, desde a forma como se aproxima dela até a maneira de narrar ao investigador o conteúdo de algum programa.

As diversas "identidades" do sujeito receptor: cultural, sexual, étnica, socioeconômica e até sua procedência geográfica constituem o que Orozco (1991a, p. 32) nomeia de **mediações de referência**, influenciando na interação que o sujeito estabelece com as mensagens televisivas. Ser homem ou mulher, para o autor, tem implicações específicas no processo da percepção em geral e, em particular, no da recepção televisiva.

Ao explicar as **mediações institucionais**, Orozco (1991a, p.35) explica que, no geral, o televidente<sup>40</sup> é membro de uma família, tem vizinhos, um grupo de trabalho, uma religião, passou por uma escola, e em todas essas instituições, ele interage, recebe, troca e produz sentidos e significados, ou seja, se comunica. Para o autor, a influência das instituições sociais constitui uma mediação no processo da recepção televisiva, da mesma forma que a televisão media a interação do receptor em outras instituições e momentos.

Segundo o autor, as diversas mediações institucionais podem ser anteriores, simultâneas ou posteriores ao tempo de estar frente à tela. "Muito do que o receptor traz à tela é resultado de sua interação e de sua aprendizagem anterior, em outras instituições sociais, e muito do que leva a essas instituições é tirado da televisão, negociado, apropriado ou reapropriado uma ou várias vezes". (OROZCO, 1991 a, p. 36).

---

40 Este termo é utilizado por Orozco para referir-se aos receptores, ou sujeitos da televidência. A expressão televidência, por sua vez, foi criado pelo autor para definir a interação entre audiência/ receptor e os referentes televisivos.

Quanto às **mediações videotecnológicas**, o teórico ressalta que a televisão, além de ser uma instituição, é também um meio técnico de comunicação, contando com uma série de recursos videotecnológicos efetivos, talvez mais efetivos que a coerção ou a ameaça, que, freqüentemente, são usadas por outras instituições para fazer valer ou legitimar suas opiniões frente ao sujeito receptor. Para Orozco, os diversos mecanismos de significação da realidade possibilitam à televisão mediar a apresentação da realidade ao sujeito receptor. A mediação videotecnológica consiste em uma naturalização da significação da realidade, que se dá de quatro maneiras: a criação de notícias, a presencialidade do receptor, a construção da veracidade e a apelação emotiva.

A **mediação situacional** refere-se à situação em que a interação TV-audiência acontece. Cada cenário abarca possibilidades e limitações para o processo de recepção televisiva, tanto a nível espacial como da interação possível da audiência. Orozco (1991b, p.58) explica que o estar só ou acompanhado durante a recepção televisiva constitui-se em uma mediação situacional, uma vez que isso pode significar uma apropriação mais ou menos comentada, o que influencia na relação estabelecida com a mensagem. Orozco ressalta que o lugar que ocupa o televisor em um determinado espaço físico é importante, pois possibilita certas interações diretas e impede outras. Para o autor, a interação entre audiência e a TV começa antes de ligarmos o televisor e não acaba quando desligamos o aparelho, o que faz com que a mediação situacional tenha origem nos cenários específicos nos quais os membros da audiência interagem, como a escola, a rua, reuniões, lugar de trabalho, entre outros.

Segundo Orozco (1991b, p. 58), o processo de ver televisão sai do lugar onde está o televisor e circula em outros cenários onde seguem atuando os membros da audiência. Em todos esses cenários, o processo de recepção vai sendo mediado tanto pelas novas situações como pelos agentes e instituições envolvidas. Outro ponto essencial, destacado por Orozco (1991b, p. 58), são as **categorias analíticas**, que têm como denominador comum o fato de

serem comparativas, obedecendo, assim, a um duplo propósito: ir construindo a teoria, mais que provando hipóteses, e ir fundamentando as explicações em conhecimento comparativo e não em frequências estatísticas.

Estas categorias dirigem-se à análise dos diferentes elementos do processo de comunicação (emissor, mensagem e receptores) e a interação entre eles na apropriação da mensagem pelos receptores. Os **roteiros mentais** (*guiones mentales*), o **âmbito de significação dos roteiros mentais**, as **ferramentas institucionais de significação** e as **comunidades de significação** são as categorias apontadas pelo autor neste primeiro momento.

Segundo Orozco, um **roteiro mental** se centra na atuação do sujeito. Eles são aprendidos através da interação social, e sua aquisição começa com o processo que tem início no nascimento e continua com a interação com outras pessoas. Enquanto instrumentos analíticos, os roteiros mentais são usados, em particular, para analisar comparativamente o resultado das intervenções de algumas instituições na interação dos receptores com a televisão.

Orozco (1991a, p. 46) explica ainda que, tanto para a sua análise como para a comparação de suas valorações, o importante não é a seqüência de ações tomadas por si só, mas seu âmbito de significação, ou seja, o conjunto de valores nos quais o roteiro mental adquire seu sentido e, a partir do qual, surgem as prescrições, desde o qual é interpretado. Segundo o teórico, potencialmente, todo roteiro mental tem diferentes significados, mas somente uma interpretação satisfará sua correta valoração. Cada possível interpretação responde a uma pergunta diferente.

Os âmbitos de significação das instituições sociais são determinados com respeito à sua origem particular, desenvolvimento e intencionalidade. Orozco (1991a, p. 59) explica que as diferentes instituições sancionam e propõem roteiros mentais, ou seja, formas adequadas de interação social, aos sujeitos.

O autor ressalta que nesses estudos, os sujeitos, como audiência, são tratados como

membros de uma cultura historicamente contextualizada. (OROZCO,1991a, p. 48). Ao falar sobre a audiência infantil, explica que o sentido que as crianças dão a aprendizagem obtida pela TV é resultado de uma negociação contínua das valorações dominantes propostas pelas instituições socializadoras.

Nesta metodologia, as **ferramentas de significação** são as diversas formas e métodos que cada instituição social tem ao alcance e usa tanto para significar seus roteiros mentais como para buscar que esta significação prevaleça sobre outras.

Orozco explica as **comunidades de significação** e seu uso, enquanto metodologia, dividindo-as em três tipos: **a imediata**, constituída por aqueles com os quais o sujeito vê a TV. É nela que tem lugar a maioria das mediações situacionais; **a de referência**, delimitada por fatores como a idade, sexo, etnia, classe, entre outros. Nesta comunidade, efetuam-se as mediações estruturais; **as diversas comunidades de apropriação**, nas quais se negocia a mensagem televisiva para sua aceitação total ou parcial ou para a sua rejeição. O autor explica que as diferentes comunidades permitem comparar as influências e os mecanismos de significação que vão conformando o longo processo da recepção.

Orozco (1991a, p.49) ressalta a importância das comunidades interpretativas, que assumem um papel fundamental nestes estudos. São nelas que se originam as diferentes comunidades de apropriação, que tratam de captar as etapas através das quais passam os indivíduos em seu processo de recepção televisiva.

A comunidade na qual as crianças, no caso de seu estudo, usualmente vêem TV é a primeira comunidade de apropriação, e, na maioria dos casos, está constituída pela família. Como comunidade de apropriação, os membros da família podem ou não estar presentes<sup>41</sup> enquanto as crianças estão frente à televisão. Segundo o teórico, a família é uma comunidade

---

41 Orozco (1991a, p. 50) explica que o estar presente tem de ser entendido em um sentido mais amplo, pois muitos pais determinam o tempo que a criança poderá assistir televisão, outros usam a TV como prêmio pela sua conduta, entre outros.

de apropriação no sentido em que ver TV tem se transformado em uma prática interna familiar. Nesta teorização, explica o autor, as comunidades de apropriação são aquelas nas quais os sujeitos produzem significações. (OROZCO, 1991 a, p. 50).

Para Orozco, as comunidades de apropriação funcionam no processo de recepção como comunidades de referência para os sujeitos. Assim, há uma de apropriação e várias de referência. O autor explica que o desenho analítico que faz o investigador é que determinará qual será a comunidade de apropriação e quais serão as de referência<sup>42</sup>. Segundo Orozco (1991a, p.52), o grande desafio metodológico é transitar destas comunidades de referência à comunidade interpretativa final, que é usada para se referir ao resultado combinado das outras comunidades e é uma questão empírica. É essa comunidade que permite captar a interação real entre as instituições sociais em sua mediação do processo de recepção televisiva dos sujeitos.

Orozco (1991a, p. 63) conclui seu texto explicando que esta metodologia é uma estratégia múltipla de recolocação e organização da informação sobre as mediações institucionais na recepção televisiva.

## **B) Segundo momento**

Depois da publicação de seu primeiro artigo sobre o tema, Orozco seguiu desenvolvendo o modelo a partir de novas pesquisas empíricas. Cinco anos após a publicação de sua primeira obra sobre o “Modelo das Múltiplas Mediações”, Orozco (1996a) editou o livro **Televisión y audiencias: Um enfoque cualitativo**, resgatando seu trabalho sobre os processos de ver televisão e sobre a análise da recepção televisiva, apresentando um modelo mais acabado e sistêmico para dar conta desse complexo processo que é a recepção, como o próprio autor salienta.

As mudanças no modelo não são significativas, mas mostram a evolução apresentada

---

42 Orozco exemplifica sua explicação dizendo: "Quando se enfoca o processo de recepção na apropriação escolar, as demais comunidades serão as de referência".

por ele. Percebe-se uma preocupação maior com o fato de que o modelo realmente possa dar conta do estudo do processo televisivo. Para isso, Orozco (1996a, p. 81) propõe uma "dialética da televisão", que, conforme o autor, representa uma maneira de enquadrar o jogo de diferentes mediações na interação TV-audiência. Esse esforço epistemológico, segundo ele, é necessário para a formulação de uma adequada metodologia que permita elucidar tanto o relativismo como o determinismo na análise dos processos relacionados aos meios e ir construindo um conjunto de conceituações hierárquicas de complexidade que supõe uma estruturação ativa do objeto de estudo.

Para tanto, Orozco (1996a, p. 82) propõe um modelo que envolva e integre em função da recepção televisiva a teoria da Estruturação, de Giddens (1984); a teorização de mediação, de Martín-Barbero (1986); e a sua própria conceituação da recepção e das mediações em seu processo a partir de seu trabalho empírico com as teleaudiências.

De acordo com o teórico, essa noção tem "o propósito de avançar na construção do que Jensen (1987) chamou de o 'Enfoque Integral da Recepção', tratando de fazê-lo seguindo o que Sánchez denomina uma 'Nova Lógica do Descobrimento'". (OROZCO, 1996 a, p. 82). O autor sintetiza, explicando que seu objetivo é esquematizar uma perspectiva geral sobre o papel da "mediação múltipla" na maneira em que as teleaudiências estruturam suas próprias estratégias televisivas.

Uma das principais mudanças que se percebe nessa obra em relação às estudadas anteriormente se dá nas mediações. Nela, Orozco aponta como mediações a individual<sup>43</sup> — que uniu a cognitiva e de referência —, a situacional, a institucional e a videotecnológica. A mediação cultural não foi mais usada pelo autor com esta denominação, já em trabalhos

---

43 O autor optou por unir as mediações cognitivas e de referência em uma só, que passou a se chamar mediação individual. Essa união foi feita após receber algumas críticas de pesquisadores que alegaram que a mediação de referência determina a cognitiva, portanto, ambas são indissociáveis. Nilda Jacks (1993, 2001), em sua tese de doutorado, defendeu que essas mediações na prática apresentam impossibilidades de serem dissociadas, isto porque se entende que os elementos que definem a mediação estrutural são os que vão construindo a mediação cognitiva, isto é, as estruturas mentais e emocionais que processam o conhecimento e a produção de sentido.

publicados no mesmo ano de 1991, mas está diluída em todas as demais mediações. O teórico explica:

Para integrar a mediação múltipla que conforma a interação da audiência, sugiro quatro grupos de mediações, entendendo, primeiro, que a cultura impregna todas elas e, segundo, que esta agrupação não é nem exaustiva nem excludente, mas basicamente analítica, a qual permitirá agrupações sucessivas distintas. (OROZCO, 1996 a, p. 85, tradução nossa).

As premissas apontadas por Orozco também foram alteradas, embora mantenham o mesmo sentido, e são: a televidência<sup>44</sup> é necessariamente mediada; ela é interação; a exposição à TV é condição necessária, mas não suficiente; os membros das audiências são múltiplos agentes sociais; a comunicação se produz na recepção televisiva; o receptor vai-se constituindo de distintas maneiras.

Nesse trabalho, — como pode ser notado em outros textos anteriores e fica ainda mais claro nas premissas acima —, é possível perceber uma atenção maior à audiência e à conceituação de “televidência”, termo utilizado pelo autor já na primeira obra sobre o tema, mas pouco explorado, sendo usado como sinônimo para as expressões “recepção televisiva” e “processo de ver televisão”.

Orozco (1996a, p. 27) define a “televidência” como um processo complexo que abrange múltiplas interações da audiência com a TV, a distintos níveis. O autor explica que esse processo é objeto de múltiplas mediações e não está circunscrito ao momento preciso de contato direto entre TV e audiência. A apropriação, resistência ou rechaço das mensagens recebidas são produto de uma negociação da audiência e da influência de diferentes mediações. É um processo que se estende, mesclando-se com a vida cotidiana, no qual intervêm múltiplos condicionamentos situacionais, culturais, estruturais, racionais e emotivos. (OROZCO, 1996a, p. 71). Tudo isso sugere que mais que buscar profundas identidades ou a

---

44 Apesar da palavra televidência não existir em português, optamos por adotá-la neste estudo por esta ter sido criada por Orozco para se referir ao processo de interação entre a audiência/receptor e a televisão, sendo a mais apropriada para entendermos o modelo de Orozco, que norteia este estudo.

essência cultural da audiência, a aspiração dos investigadores deve se focar, sobretudo, a explorar suas relações e interações com a TV. O autor ressalta que:

Em qualquer investigação da ‘televidência’ é importante ter em conta que sua análise é um objeto de investigação múltiplo, poliforme e muito dinâmico, que requer uma abordagem similar. A audiência é um ente também complexo e ainda contraditório, que requer, para ser explorado, um desenho metodológico muito afinado e rigoroso. (OROZCO, 1996a, p. 77).

Conforme o teórico, uma das características mais distintivas da televidência é a sua múltipla dimensão, uma vez que abarca um intercâmbio simbólico, um intercâmbio perceptivo, um intercâmbio afetivo e um intercâmbio agenciativo, que abrangem as atividades ou agências da audiência (OROZCO, 1996a, p. 27). Segundo ele, o **intercâmbio simbólico** relaciona-se com o conteúdo que entra em jogo e é objeto de negociação entre a oferta programática da TV e a audiência. Os significados são o produto deste intercâmbio. O **intercâmbio perceptivo** faz referência aos esquemas, destrezas e padrões cognitivos, implicados tanto em um conteúdo ou gênero televisivo como nas mentes dos membros das audiências. Já o **intercâmbio afetivo** relaciona-se com as emoções que a TV move entre sua audiência e suas expectativas de satisfação. O **intercâmbio agenciativo**, por sua vez, refere-se a esse conjunto de atividades, táticas e estratégias, hábitos e, sobretudo, usos que faz a audiência em sua recepção televisiva geral ou circunscrita de gêneros televisivos particulares. (OROZCO, 1996 a, p. 27).

Por outro lado, a recepção abrange uma tríplice dimensão temporal: antes, durante e depois do intercâmbio direto entre audiência e televisão. Nesta mesma compreensão integral da “televidência”, é preciso entender que esse processo transcorre em diferentes cenários sociais. Não é um mero ato de contato entre mensagem e receptor no lugar onde se vê TV, mas, sim, um intercâmbio dialético, expresso através de um conjunto de etapas e situações, em contato físico com as mensagens. Neste sentido, Orozco lembra que se abandona a ênfase reducionista na mera programação e sua transmissão e se cria o desafio de atender os

diferentes momentos do processo em seu conjunto. Segundo o autor, isto supõe considerar o que Martín-Barbero (1989) chama de as "**lógicas de produção**" e as "**lógicas de consumo**" televisivo, que, na percepção de Orozco, apontam para uma terceira lógica: a "**lógica do intercâmbio televisivo**". Para ele, esta "lógica permite considerar aspectos como a negociação de significados, as apropriações e as reapropriações das mensagens por parte da audiência e o uso ou os usos diferenciados do apropriado". (OROZCO, 1996a, p. 147).

A interação TV-audiência emerge como um processo complexo, que abarca vários momentos, cenários e negociações que transcendem a tela da TV. (OROZCO, 1996a, p. 83). O autor reforça também a importância do uso das categorias analíticas. Ele explica que a múltipla identidade da audiência somente pode ser captada fazendo uso de **categorias analíticas** que permitam explorar tanto as identidades de origem como a maneira que elas "medeiam" os processos particulares de apropriação e de uso das mensagens.

Nesse texto, Orozco aprofunda a discussão sobre elas, apontando novas categorias e tornando sua aplicabilidade mais visível ao propor alguns critérios gerais e comunicacionais que permitem explorar a recepção televisiva. Como **critérios gerais**, o autor propõe a diferenciação da audiência enquanto conjunto de sujeitos históricos e contextualizados socioeconomicamente de maneira particular. Quanto aos **critérios comunicacionais**, aponta:

a) **o jogo das mediações ou a maneira em que as distintas mediações configuram particulares processos de recepção televisiva:** As mediações permitem conhecer as influências particulares que intervêm nos processos de recepção e a maneira em que se estruturam as apropriações.

b) **a construção de estratégias de recepção por parte dos membros da audiência:** As estratégias implicam horários de interação com a TV ou com um gênero especial, interesse do sujeito, preferências, maneiras de interagir com as distintas mensagens e modos concretos de uso dessas mensagens. Nelas, há uma série de decisões envolvidas de tipo estético,

informativo, emotivo, funcional e decisões pertinentes à satisfação de necessidades cognitivas e afetivas concretas. As estratégias permitem observar a maneira como os membros da audiência enfrentam aos meios e mensagens, suas rotinas audiovisuais e sua vinculação com o tempo livre e com a agenda cotidiana<sup>45</sup>.

c) **os supertemas que inquietam a audiência e filtram o que lhe parece mais importante entre o que é transmitido na tela:** O autor define os supertemas “como aqueles universos temáticos que são cotidianamente importantes para a audiência [...]. Este conceito retoma o de repertórios, proposto pelos Estudos Culturais”. Como membros de uma audiência, cada um dos sujeitos tem alguns temas como prioritários. Eles possibilitam aproximar-se de tudo que preocupa e interessa aos membros da audiência e que influenciam em seus modos específicos de se apropriarem das mensagens. No livro **Recepción televisiva, tres aproximaciones y una razón para su estudio** (1991b), Orozco referia-se aos roteiros mentais, não abordando os supertemas.

d) **as comunidades de apropriação as quais pertence e pelas quais transcorre sua produção comunicativa:** Esse conceito também tem sido trabalhado desde suas primeiras reflexões sobre o tema. Orozco (1996a, p. 76) ressalta que os supertemas são gerados nessas comunidades. A exploração das comunidades permite acessar aos sentidos socioculturais que estão em jogo na produção comunicativa.

Para Orozco (1996a, p. 91), uma maneira de levar a cabo o jogo da mediação e em particular a combinação de mediações que influem no processo de recepção televisiva é através das comunidades interpretativas. Nesse processo, explica o autor, pode se manifestar a influência de diferentes tipos de comunidades, como a “televidente”, as de apropriação e as de

---

45 Segundo Orozco (1996a, p. 94), ao entrar em um processo de negociação múltiplo e complexo, a teleaudiência desenvolve suas próprias estratégias televisivas que se põe em marcha dia-a-dia em sua interação com a TV. Estas estratégias compreendem dois níveis: um normativo (no qual os membros da audiência combinam ideais com suas próprias autopercepções de seu papel como teleaudiência) e outro pragmático (as estratégias de recepção podem ser observadas em ações aparentemente espontâneas nos modos de interagir com a TV).

reapropriação. O que todas possuem em comum, de acordo com o teórico, é a função de dar significação à interação TV-audiência. Somente a comunidade interpretativa, que Orozco conceitua como a combinação particular das outras comunidades, é a que define o sentido da interação.

Orozco (1996a, p. 91) explica que a comunidade interpretativa deveria ser entendida como um grupo de sujeitos sociais unidos por um conjunto particular de práticas comunicativas das quais surgem “televidências” específicas ao longo de uma combinação de mediações. O autor complementa: "Se para a maioria das audiências a família é a comunidade ‘televidente’ mais freqüente, esta não é necessariamente também sua comunidade interpretativa. Talvez outra comunidade seja mais relevante que o grupo com o qual cada um dos seus membros vê a TV". (OROZCO, 2001, 91).

De acordo com Orozco (1996a, p. 77), a ênfase que se dará em estudos específicos delimitará a priorização que se faz com respeito aos aspectos que serão considerados relevantes e a análise de uma determinada categoria. Não é necessário esgotar em cada estudo as quatro categorias propostas.

### **C) Terceiro momento**

Em seu mais recente livro **Televisión, audiencias e educación** (2001), Orozco faz um estudo, que, embora não se proponha a estudar a recepção, mas sim a televisão e a educação, aprofunda suas reflexões sobre a audiência de uma forma crítica. Comparando os três momentos, percebemos claramente a mudança sofrida pelo conceito de audiência, que ganhou um papel diferenciado ao longo de seus textos. No primeiro livro estudado (1991a), Orozco não faz uma reflexão sobre o conceito de audiência, usando o termo como sinônimo para as palavras receptor, sujeito e “televidente”. No segundo momento, o autor propõe-se a estruturar melhor o seu modelo. Orozco explica o conceito e faz uma ampla reflexão ao seu

respeito, mas reforçando o que já vinha dizendo em suas obras anteriores, ou seja,

a audiência é um ente em situação e, portanto, condicionado individual e coletivamente; um sujeito que vai se constituindo como tal de muitas maneiras e diferenciando-se como resultado de sua particular interação com a TV e, sobretudo, como consequência das diferentes mediações que entram em jogo no seu processo de recepção. (OROZCO, 1996 a, p. 32).

Já no terceiro momento percebe-se que o autor assume uma postura mais crítica quanto à audiência. Apesar de defini-la com o mesmo conceito que vem adotando ao longo de seu trabalho sobre o “Modelo das Múltiplas Mediações”<sup>46</sup>, ele propõe uma discussão centrada na transformação que a audiência vem sofrendo nos últimos anos, relativizando o seu poder e incorporando o poder da televisão.

Segundo o pesquisador, a audiência tem perdido sua polissemia, tornando-se, para a televisão, sinônimo somente de um público, de um conglomerado de espectadores estáticos ou passivos, cuja voz não é esperada e tampouco escutada, ressaltando-se apenas sua ação de receber o que lhes oferece e transmite a tela. (OROZCO, 2001, p. 22). Diante disso, Orozco propõe o reencontro da audiência, ressaltando que ser audiência, hoje, significa para os sujeitos pelo menos três mudanças significativas:

a) **transformação substancial de sua estruturação:** Sua coesão e divisões estamentárias tradicionais — antes definidas por critérios como gênero, idade, classe social e etnia, ou por critérios mais situacionais como tipo e lugar de trabalho, nível educacional, orientação política ou religiosa — cada vez mais se definem dentro de uma espiral de mediações que fazem romper seus limites, privilegiando o critério transversal de segmentação mediática: “diga-me o que vês e te direi o que gostas e sentes e, portanto, como estás e quem és”. Ao inaugurar e diferenciar segmentos a partir de televidências, essa segmentação enfatiza o jogo de subjetividades, de modos de percepção e reconhecimentos, situados no âmbito do

---

46 Orozco define a audiência como: “um conjunto segmentado a partir de suas interações mediáticas de sujeitos sociais, ativos e interativos, que não deixam de ser o que são enquanto travam alguma relação sempre situada com o referente mediático, seja esta direta, indireta ou diferida” (OROZCO, 2001, p. 23).

simbólico. (OROZCO, 2001, p. 24).

**b) modificação do vínculo fundamental entre os sujeitos sociais com seu meio e com os acontecimentos e fontes tradicionais de informação**, como bairro, amigos, família, companheiros de trabalho ou de jogo, e com as fontes institucionalizadas, como o governo ou a iniciativa privada. As janelas das casas vão sendo trocadas pelas telas de televisores e os computadores, e as praças públicas e ruas, antes lugares coletivos dos encontros, vão sendo substituídos por *chats* e incursões nos lugares na rede. A participação possível dos sujeitos se traduz e se reduz a meras exclamações e reclamações ao vento ou em compulsivos *zappings*.

1) **alteração dos limites espaço-temporal** do intercâmbio social, tornando atemporal, por sua vez, a participação real dos sujeitos. Citando Meyrowitz (1995), Orozco (2001, p. 27) explica que, sem um claro sentido de lugar, as audiências não só se encontram a deriva, sem suas âncoras no real, mas também se tornam confusas, movediças e bastante imprevisíveis, o que provoca um processo inflacionário de "dispersão-reencontros", com ataduras momentâneas a "não-lugares" que deslocalizam sua re-inserção no cotidiano.

Para o pesquisador, essa mudança acontece devido a três motivos: mais do que interagir, a audiência reage à oferta programática das diferentes televisões vigentes; as capacidades de televidência encontram-se somente parcialmente desenvolvidas; a criatividade e a criticidade, em todas as culturas, têm estilos arraigados, preferências dominantes, historicidades particulares e, além disso, estão salpicadas de cumplicidades. (OROZCO, 2001, p. 27).

Ao aprofundar a discussão, o autor explica seu conceito de "televidenciar" como ver, escutar, perceber, sentir, gostar, pensar, comprar, avaliar, guardar, retrain, imaginar e interagir com a televisão. (OROZCO, 2001, p. 39). Todas essas atividades, segundo o teórico, são paralelas ou simultâneas e se dão em um longo e complicado processo mediático-comunicacional. Essas atividades, às vezes, realizam-se de maneira imperceptível ou não são observadas pelos sujeitos-audiência e, outras vezes, umas predominam sobre as outras.

Entretanto, cada uma delas exerce mediações significativas, uma vez que são objeto de mediações e encontram-se situadas e contextualizadas.

Para entender melhor a televidência, Orozco propõe o estudo de micro e de macromediações. O autor classifica as mediações já propostas por ele em seus trabalhos anteriores nessas categorias e amplia a discussão em torno delas, acrescentando algumas novas. Embora tenhamos levantado grande parte dos conceitos que abordaremos a seguir, optamos por fazê-lo por entendermos que, nesta reflexão, Orozco aprofunda a discussão sobre as mediações, acrescentando aspectos importantes para o seu entendimento e utilização.

### 2.2.1 Micromediações

Segundo Orozco (2001, p. 40), um primeiro conjunto de mediações provém do âmbito **individual** dos sujeitos-audiência enquanto indivíduos particulares, com características próprias, algumas únicas e irrepetíveis, produtos de sua herança genética, de seu desenvolvimento e trajetória pessoal, de sua aprendizagem anterior e das peculiares apropriações de suas experiências, de sua criatividade, arrojo ou inibição, assim como de suas visões e ambições frente e mais além da televisão.

O nível educacional, a maturidade emocional, o desenvolvimento cognitivo específico, a inserção profissional, o subemprego ou desemprego, as vivências particulares acumuladas, as vulnerabilidades, sensibilidades, caprichos, estados emotivos e propensão às cumplicidades dotam de especificidade a cada indivíduo membro da audiência e exercem mediações variantes em suas televidências.

Orozco (2001, p. 40) enfatiza que os sujeitos individuais, enquanto membros de uma audiência, concretizam "estratégias televisivas" inspirados, em primeiro lugar, no que é característico como indivíduos, para logo concretizar também "contratos de vidência" (leitura

ou escuta) a partir dos quais se conectam com os outros, conformando "comunidades de apropriação e interpretação" dos referentes televisivos. Por isso, a televidência, por mais individualizada que pareça, é um processo altamente culturalizado<sup>47</sup>.

As "vidências" contratuais, complementa Orozco, não se dão em um vazio sociocultural. Elas estão mediadas por diversas negociações, pela capacidade de resposta e pela racionalização ou resolução de conflitos realizados pelos sujeitos, que, por sua vez, refletem a existência de padrões, estilos e ênfases que ultrapassam o estritamente individual e que não são naturais, mas aprendidos, ainda que sempre manifestos individualmente.

Segundo Orozco (2001, p. 42), a televisão põe em cena muitos roteiros mentais, transformando os existentes, fazendo caducar alguns enquanto revitaliza outros e introduz novos. É, nesse sentido, que ela pode exercer uma mediação nas atividades e gestos das audiências, criando estereótipos ou privilegiando modelos que são predominantes em outros contextos, lugares e culturas, ou, simplesmente, promovendo a importância de alguns padrões e a exclusão de outros, legitimando-os e naturalizando-os. Essas micromediações, propostas pelo autor, englobam a mediação individual e, também, as categorias analíticas fundamentais para os estudos da recepção: os roteiros mentais, as comunidades de apropriação, as estratégias televisivas e os supertemas. Nela, Orozco deixa claro o poder da televisão, apontando o meio também como influenciador da mediação individual.

Ao aprofundar sua reflexão sobre as micromediações, Orozco propõe a existência de duas instâncias: a **televidência de primeira ordem** e a **de segunda ordem**. Segundo o autor, a de primeira ordem dá-se frente ao televisor. Os sujeitos, ao interagir com os referentes televisivos, podem apropriar ou resistir a eles, com ou sem a concordância de outros sujeitos.

A presença de outro ou outros, ao mesmo tempo que é uma fonte de mediação, integra-se com

---

47 O autor lembra que estudos, em diferentes disciplinas, têm mostrado que mesmo o que parecia mais individual está configurado culturalmente. Este é o caso das "Inteligências Múltiplas" (GORDNER, 1993), ou das culturas (MORLEY, 1992) nos quais se encontram padrões criativos e expressivos que denotam o pertencimento a comunidades maiores ou a repertórios culturais comuns entre os setores sociais.

os contextos racionais, estéticos e emocionais desde onde se assiste televisão. A “televidência primária” é um processo inicial e distintivo, suscetível a mediações situacionais resultante de decisões ou instituições prévias, de estratégias e ritualidades televisivas construídas e de várias outras mediações anteriores ao momento de estar frente ao televisor. Orozco (2001, p. 43), usando Silverstone (1996) como fonte, ressalta que a cotidianidade da televisão, que pode ter muitos elementos comuns entre diferentes segmentos da audiência e que como categoria serve para nomear um tipo específico de assiduidade ou ritualidade, pode diferir de múltiplas maneiras.

A classe, a etnia, a localização geográfica, a escolaridade, o gênero, seus imaginários concomitantes e demais critérios de segmentação configuram contextos e diferenciam segmentos de "entrada" das audiências, ainda que esta diferenciação no mediático quase nunca seja final ou definitiva, já que os particulares jogos de mediação desembocam em segmentações que as atravessam transclassista, transgenérica, transgeográfica e transeticamente. (OROZCO, 2001).

A televidência de primeira ordem engloba a mediação situacional e o que Orozco chama de "jogo das mediações", ressaltando que as mediações interagem umas com as outras e precisam ser entendidas e estudadas de uma forma conjunta, embora, em determinados estudos, uma seja mais importante que as outras. Os cenários, outra importante categoria, segundo o pesquisador, ocupam um papel central para a compreensão da televidência de primeira ordem.

Quanto à **televidência de segunda ordem**, Orozco (2001, p. 44) explica que, se a primária tem lugar frente ao televisor e se dá enquanto estamos em contato direto com o referente televisivo, mais além do televisor se realizam as televidências secundárias e terciárias, que não são menos importantes. Ao entender a recepção televisiva como um processo complexo e ainda contraditório, que antecede e prossegue o mero momento de estar em contato visual e auditivo com a tela, e que se compõe por vários microprocessos e atos televisivos, se entenderá também que a televidência transcorre por diversos cenários. Um é o

da própria sala de ver televisão, mas outros estão mais distantes, constituindo-se como tais enquanto neles permaneça algum contato com o referente televisivo.

Orozco esclarece que, além de direto, o contato pode ser indireto, diferido, imediato, cognitivo ou sensorial, simbólico, explícito ou tácito. A recordação, a evocação mental de uma imagem, um dito ou um modelo televisivo e a ressurreição de sensações vistas em outros momentos e lugares da vida cotidiana "reconectam" sujeitos com os referentes televisivos. Segundo Orozco (2001, p. 45), além da tela, os sujeitos-audiência reproduzem, renegociam e recriam, ao mesmo tempo que revivem os referentes televisivos. O que define e sustenta a televidência é este contato poliforme, estendido e variado dos sujeitos com os referentes televidenciados. A televidência de segunda ordem nos remete às comunidades de apropriação e às mediações institucional e individual, uma vez que as outras instituições, assim como a essência de cada indivíduo, são essenciais para a apropriação ou rejeição de uma mensagem televisiva.

### 2.2.2 Macromediações

Para Orozco, a televidência, como processo, transcorre sempre de maneira multimediada. Não há televidências puras. Além das mediações individuais, situacionais e contextuais que a conformam, há outras muitas, que precisamente se manifestam em seus cenários diretos. Entre elas, Orozco destaca como mediações: identidade e identidades, percepções e instituições.

a) **Identidade e identidades:** Para o autor, as identidades constituem uma das mediações com maiúscula dos processos de televidência. As **identidades precárias** (chamadas de momentâneas ou da moda) são propiciadas pelos meios, onde adquirem seus sentidos, uma vez que permitem apreciar algumas convulsões das audiências (OROZCO, 2001, p. 47). As **identidades profundas** das audiências estão presentes de alguma maneira

nas televidências, reafirmando-se ou se reconvertendo a partir delas e reconfigurando-as, aflorando de maneiras diversas e inesperadas nas inter-relações e apropriações dos referentes televisivos, mediando e processando os possíveis usos que as audiências fazem da televisão. As identidades remetem ao conceito de mediação individual. Entretanto, neste livro, Orozco as divide em identidades precárias e profundas, um conceito novo e que resgata o poder da televisão enquanto formadora de identidades momentâneas, reafirmando que a televisão, de alguma forma, influencia na identidade dos sujeitos. Antes, quando abordava a mediação individual, Orozco ressaltava apenas o poder da identidade na recepção televisiva e na leitura da sua programação, agora, ele salienta também o papel da televisão enquanto formadora de identidades momentâneas.

b) **Percepção:** Outra mediação maior, para Orozco, é a que se realiza via a percepção, enquanto atividade e processo múltiplo frente aos referentes televisivos. O visual e o auditivo, o sensorial, o simbólico, o estético, o emocional e o racional se põem em jogo, conformando um processo cognitivo-afetivo-significante, multimediado desde outras fontes, mas distinguíveis como tal no que têm de interação com a televisão, sua mediaticidade, sua institucionalidade, sua tecnicidade e sua linguagem. Os sujeitos-audiência vão definindo a seu modo os sentidos de diversos programas televisivos, ainda que contrariando os sentidos outorgados pelos produtores e emissores. Um âmbito no qual se manifesta muito claramente esta mediação perceptiva é o da informação. Os programas noticiosos cada vez mais são percebidos como de entretenimento.

São as mediações perceptivas que impedem que as intenções e ênfases dadas pela televisão a seus programas sejam captados na mesma forma por suas audiências. O eixo controlador da televisão e seus produtores sobre seus referentes encontra na percepção seus maiores limites e desafios, já que as audiências têm sua própria percepção. A mediação perceptiva tem uma relação direta, assim como a individual, com os roteiros mentais e as

comunidades de apropriação, que são apontadas por Orozco, ao longo do desenvolvimento de seu modelo, como categorias analíticas essenciais para o uso que os receptores fazem das mensagens e dos programas televisivos.

c) **Mediação Institucional Televisiva:** Segundo Orozco (2001, p. 51), a **mediação institucional televisiva** constitui um conjunto crescente, ainda que variável, de mediações. O estabelecimento das agendas de discussão das sociedades e países é uma das suas mais claras manifestações. O autor complementa:

A transformação paulatina dos parâmetros do que é relevante saber, do que se assume como divertido, perigoso, sedutor, importante ou banal, do que constitui notícia ou do que é educativo, substanciam esta mediação institucional televisiva, que cada vez mais se enfoca no espetáculo como proposta de consumo. (OROZCO, 2001, p. 51).

Para Orozco, no início do século XXI, a mediação institucional da televisão está experimentando uma revolução sem precedentes, abandonando velhas ataduras políticas e enfocando-se no mercado-técnico quase como único critério de transformação. Hoje, o principal critério para definir sua programação é o rentável.

Entretanto, alerta o autor, é fundamental lembrar que a televisão não é a única instituição frente a qual interagem as audiências. Estas se encontram sempre inseridas em diferentes instituições e institucionalidades, desde as quais são mediadas. Ou seja, a mediação institucional televisiva não se manifesta no vazio institucional, assim como outras instituições não estão sempre ou premeditadamente mediando sua mediação. (OROZCO, 2001, p. 54). Orozco propõe algumas instituições mediadoras, lembrando que o importante em cada mediação é calibrar sua incidência, sua relevância e transcendência para as televidências concretas. Entre essas instituições, o autor aponta:

- Política e políticas: A especularização midiática do político é fonte de notícias cotidianas e dos *dimes i diretes* que o salpicam e constituem os ganchos para reter a atenção das audiências. (OROZCO, 2001, p. 55). A política segue exercendo uma mediação vasta nos sujeitos-audiência,

reorientando seu *status* de cidadãos para o de consumidores, oferecendo escândalos e divertimento para gratificar suas vigílias cotidianas e ganhar sua aprovação e votos.

- Família e familiaridades: A entrada da mulher no mercado de trabalho e a popularização dos direitos humanos entre os cidadãos são exemplos de mediações importantes. Moralista ou sensata, fragmentada ou sistêmica, informada ou reacionária, a mediação familiar se manifesta de maneira efervescente na televidência das audiências.

- Outras fontes de mediação<sup>48</sup>: a Igreja, os movimentos ecologistas, feministas e de minorias, o movimento pelos direitos humanos, entre outros, todos constituem fontes de mediações, de acordo com os segmentos da audiência de que se trate. Ser jovem, pertencer a um território e viver em uma cidade também são importantes mediações.

A mediação institucional televisiva compreende a mediação videotecnológica, entretanto, nela, Orozco propõe uma discussão mais crítica quanto à face institucional da televisão, acentuando o seu poder enquanto uma instituição que engloba várias outras, na qual a política acontece, a família ganha uma nova amplitude e na qual várias fontes de mediação ganham mais espaço. O papel de outras instituições é contemplado nesta categoria, embora o autor ressalte que a sua influência dependa de fatores que podem acentuar sua relevância ou inibi-la.

A produção de sentido que realiza a audiência depende, então, da particular combinação de mediações em seu processo de recepção; combinação que, por sua vez, depende dos componentes e recursos de legitimação através dos quais se realiza cada uma das mediações. (OROZCO, 2001, p. 43).

Ao explicar as transformações pelas quais passaram o modelo, Orozco (2003) explica

---

48 Orozco (2001, p.08) define as fontes de mediações como o lugar em que se originam os processos estruturantes, ou seja, as mediações. Para Orozco, a mediação se manifesta por meio de ações e do discurso, mas nenhuma ação singular ou significado particular constitui uma mediação propriamente. A mediação parece ser um processo estruturante mais complexo e difuso, diferente da soma de seus componentes, que seriam as fontes de mediações. O autor (1996a, p.84) explica que a mediação origina-se em várias fontes. A cultura, a política, a economia, a classe social, o gênero, a idade, as instituições, os movimentos sociais, cada uma destas instâncias é fonte de mediações e podem mediar outras fontes.

que não existe um modelo acabado ou definitivo, mas sim um modelo em constante mutação, que se transforma de acordo com o objeto a ser estudado e a partir de diferentes pesquisas que o utilizam e que acabam agregando novas categorias ou novas mediações.

Para este estudo, utilizamos o modelo de Orozco adotando algumas das categorias propostas por ele como centrais durante a análise dos nossos dados. Entre essas categorias, utilizamos os supertemas, o jogo das mediações e as comunidades de apropriações, entendendo que as demais também estão presentes durante a televidência desse grupo, mas não são as mais importantes. Essas categorias não foram predeterminadas, surgindo naturalmente durante a análise dos dados e salientando-se diante às demais.

Quanto às mediações propostas por Orozco, durante a análise dos dados, demos um maior espaço as mediações individual, situacional e institucional, tendo a televisão como a mediação central. Essas mediações não foram predeterminadas antes de irmos a campo, mas foram as mais salientes durante a análise, sendo as que mais influenciam na recepção televisiva desse público. A seguir, abordaremos a metodologia que foi adotada e como cada uma das técnicas escolhidas para a pesquisa foram utilizadas neste estudo para alcançarmos os objetivos propostos neste projeto.

### 3 REFLEXÕES METODOLÓGICAS: PROCEDIMENTOS

Várias pesquisas executadas no campo da Comunicação têm buscado integrar metodologias<sup>49</sup> quantitativas e qualitativas para obter uma compreensão mais completa de diversos fenômenos. Embora alguns estudiosos como Orozco<sup>50</sup> defendam que não há a necessidade dessa união e que ambas, cada uma em um determinado contexto, podem dar conta de certos objetos, pesquisadores como Luíz Jesús Galindo Cáceres<sup>51</sup> e Klaus Jensen<sup>52</sup> têm aconselhado essa integração como um caminho alternativo para combater a subjetividade, algumas vezes atribuída à pesquisa qualitativa, e a superficialidade, relacionada aos estudos quantitativos.

De acordo com Jensen (2002, p. 272), existem três formas de se combinar as metodologias qualitativas com as quantitativas. A primeira é a que o autor define como *facilitation (facilitação)*, ou seja, o tratamento dos componentes de cada metodologia como

---

49 Jankowski e Wester (1993) dividem o desenvolvimento das metodologias qualitativas e quantitativas de investigação em três períodos, que se definem conforme o tipo e a intensidade desses métodos, ressaltando que esse desenvolvimento tem se dado ao longo de toda a história das Ciências Sociais. O primeiro momento, que tem início em 1890 e vai até a década de 30, é quando há um predomínio absoluto da investigação qualitativa. Nos anos 30, a Escola de Chicago passa a ser a principal referência na aplicação dos métodos qualitativos. Compreendido entre 1930 e 1960, o período seguinte vê a sociologia dirigir sua atenção aos métodos de investigação tal como se utilizavam nas ciências naturais, com o objetivo de tornar a ciência social uma “verdadeira” ciência, fazendo das *survey* o método por excelência nas Ciências Sociais. O último momento apontado por Jankowski e Wester tem início em 1960 e estende-se até hoje. De acordo com os autores, o contexto social da década de 60, marcado por revoluções estéticas e morais, demonstraram os limites de uma sociologia quantificada, proporcionando o ressurgimento e o desenvolvimento da metodologia qualitativa.

50 Orozco (1996b, p. 39) defende seu ponto de vista contrário à utilização dessas duas metodologias, justificando que, embora unidas elas possam “brindar elementos para chegar a conclusões mais ricas porque se integram em alguns aspectos, elas não estão integradas em sua totalidade porque são duas coisas que não podem se integrar”. Entretanto, o próprio Orozco (1996b, p. 38) defende que, em um trabalho de investigação, a questão quantificável não tem porque ser oposta à qualitativa. O qualitativo pode ter implícita uma explicação que depende do que se quantifica e de que modo se considera implícita essa explicação. O autor também reconhece que a tendência atual é o uso integrado dessas metodologias.

51 Cáceres (1997) acredita que essa separação é mais de ordem política (pesquisa) que metodológica. O autor defende que, mesmo estando o quantitativo atrelado a números, estatísticas e cálculos de probabilidade, existe o momento em que o investigador tem de usar sua capacidade de interpretação para imprimir sentido aos dados. O mesmo se dá com o qualitativo, compreendido como um método mais substantivo. O autor acredita, dessa forma, na possibilidade de uma conciliação dos sistemas, a partir de uma confrontação produtiva (CÁCERES, 1997 *apud* GRISA, 1999, p. 54).

52 Assim como Cáceres, Jensen (1993) admite a dificuldade de opor os dois sistemas de investigação e não vê uma incompatibilidade entre essas duas tradições (JENSEN, 1993 *apud* GRISA, 1999, p. 51).

estágios e seqüências, relativamente, separadas. A primeira etapa é adotada para coletar certas informações que facilitarão a etapa seguinte. Nessa categoria, não há uma integração, e ambas são utilizadas como processos isolados. A segunda é a *triangulation* (*triangulação*) que, de acordo com Jensen, é uma estratégia usada para a obtenção de diferentes perspectivas sobre o mesmo fenômeno na tentativa de verificar e validar os resultados, respondendo aos problemas da validade e confiabilidade comuns às pesquisas qualitativas. A terceira é a *complementarity* (*complementariedade*) que, para Jensen (2002, p. 272), é a mais desafiadora e até agora a menos comum. Nessa perspectiva, as metodologias e os resultados podem ser unidos em uma mesma estrutura teórica. De acordo com o pesquisador, o potencial oferecido pela complementaridade dos dados não tem sido explorado em pesquisas, principalmente, pela existência de “campos científicos” que têm trabalhado contra essa união. Entretanto, Jensen defende que a *complementariedade* pode e talvez venha a ser uma característica marcante em pesquisas futuras.

Para este estudo, da mesma forma como Jensen (1993) e Cáceres (1999), acreditamos que essas duas metodologias poderiam nos ajudar a obter um conhecimento mais amplo e completo do nosso objeto de estudo. Assim, apesar de sua utilização de forma articulada não ser um consenso entre autores, recorreremos ao uso dos dois métodos, buscando, em cada um deles, ferramentas para alcançarmos nossos objetivos. A perspectiva quantitativa possibilitou a verificação dos hábitos desses adolescentes, seu *background*, suas preferências, seu consumo televisivo antes e durante a internação, seus hábitos de leitura, entre outros, oferecendo subsídios suficientes para avançarmos para as próximas etapas conhecendo melhor o público em estudo, ainda um estranho para o campo da Comunicação. Já a abordagem qualitativa<sup>53</sup> auxiliou-nos no conhecimento mais profundo desses adolescentes, do uso que fazem da televisão e do papel desse meio dentro da instituição, desvendando questões

---

53 Merriam (2001, p. 06) define a pesquisa qualitativa como um conceito “guarda-chuva” que cobre diferentes formas de pesquisa que nos ajudam a entender e a explicar significados de fenômenos sociais com a mínima alteração do ambiente natural possível. Segundo a autora, as pesquisas qualitativas estão interessadas em entender os significados construídos pelas pessoas, ou seja, “como elas percebem o seu mundo e as experiências que têm nesse mundo”.

que, certamente, a pesquisa quantitativa sozinha não daria conta.

Na etapa quantitativa, optamos pelo uso de formulários, e na etapa qualitativa, recorreremos à utilização de duas técnicas diferenciadas: entrevistas individuais e grupos de discussão. Consideramos que o uso destas duas técnicas colaborou para termos uma visão mais ampla sobre o nosso objeto de estudo e, também, para garantirmos a efetividade dos dados coletados, através da *triangulação*<sup>54</sup> dos mesmos, que, como Lincoln e Guba (1985) explicam, é uma importante estratégia para alcançar os quatro requisitos essenciais para estabelecer a efetividade de uma pesquisa qualitativa que são: credibilidade, transferabilidade, confiabilidade e confirmabilidade<sup>55</sup>.

A seguir, apresentamos as diferentes fases da coleta de dados e de que forma elas colaboraram para atingirmos nossos objetivos.

### 3.1 APLICAÇÃO DE FORMULÁRIOS

Por se tratar de um estudo sobre um grupo ainda desconhecido para os estudos de Comunicação<sup>56</sup>, optamos por realizar, em um primeiro momento, um levantamento quantitativo que nos permitisse obter informações importantes sobre esse segmento. Existem

---

54 A triangulação é uma proposta metodológica que estabelece um plano de métodos múltiplos que tem como pressuposto básico que a debilidade de cada método simples se compensará como contrapeso da força do outro Jankowski (1993) aponta quatro tipos de triangulação: a de dados, de investigador, de teoria e de métodos.

55 A credibilidade, segundo os autores, é um termo utilizado para se dirigir a atividades que garantam que os resultados encontrados tiveram origem nos dados, e pode ser alcançado através de um contato prolongado com o objeto de estudo, com observação persistente, com triangulação e com a análise de casos negativos. A transferabilidade, por sua vez, é alcançada através da manutenção de todas as versões e dados na sua forma original e através da apresentação de uma descrição detalhada sobre todas as etapas do trabalho. Assim como a credibilidade, a confiabilidade também é alcançada através da triangulação de vários métodos e também através de um *audit trial*, ou seja, a submissão dos dados à apreciação de outros pesquisadores. Já a confirmabilidade envolve garantir que os resultados tiveram origem nos dados, considerando, entretanto, que interferências foram feitas logicamente e que foi levado em conta o grau de preconceitos presentes durante a realização da mesma.

56 Ao levantarmos pesquisas realizadas com adolescentes privados de liberdade no campo da Comunicação, encontramos apenas um estudo, realizado na FEBEM de São Paulo, apresentado como dissertação de Mestrado na USP, por Hiliana Reis de Arruda Alves. Entretanto, o trabalho não foi feito com jovens infratores e sim com menores abandonados que viviam na instituição. Naquela época, a FEBEM era responsável por qualquer adolescente abandonado e não apenas infratores como acontece hoje. Além dessa diferença, Alves (1993) não estuda a relação com a televisão e adotou uma metodologia completamente diferente. (Ver: ALVES, Hiliana Reis de Arruda, **Álbum de família**: A trama das representações sociais de adolescentes abandonados, USP, São Paulo, 1993).

várias pesquisas realizadas com adolescentes das classes alta, média e até mesmo baixa, mas nenhuma realizada com adolescentes privados de liberdade. Por isso, achamos importante saber um pouco mais sobre esses jovens antes de mergulharmos nas etapas posteriores.

Nessa etapa, aplicamos formulários com perguntas abertas e fechadas a 93 adolescentes de três diferentes casas, representando 2/3 da população total das unidades estudadas, no período entre setembro de 2001 e maio de 2002. Consideramos essa amostra suficiente uma vez que esta etapa visava a conhecer esses adolescentes e reunir subsídios para as etapas posteriores, não tendo a intenção de gerar estatísticas ou obter generalizações.

A seleção dos locais nos quais seriam levantados os dados foi feita a partir de encontros com a diretoria da FASE-RS, que nos ajudou a escolher casas onde a audiência de TV fosse liberada e nas quais os adolescentes residissem por mais tempo. Além desses dois critérios, buscamos locais onde houvesse diversidade de origem geográfica, ou seja, com adolescentes da Capital e do Interior do Estado e, também, de ambos os sexos. A partir daí, selecionamos uma casa masculina da Capital, uma casa masculina do Interior do Estado e uma casa feminina, a única existente no Rio Grande do Sul.

Os formulários, cujo modelo encontra-se anexado a este estudo<sup>57</sup>, foram preenchidos pela própria pesquisadora, que aproveitou esses momentos para interagir com os participantes e descobrir novos elementos que pudessem colaborar para as etapas posteriores. Cada formulário foi respondido em, aproximadamente, vinte e cinco minutos, durante encontros individuais com cada adolescente. Os encontros aconteceram em uma sala dentro das casas<sup>58</sup>, e, na maioria das vezes, não foram acompanhados por monitores, sendo que apenas oito dos 93 formulários foram aplicados na presença de terceiros. O responsável pelo plantão era quem determinava onde as entrevistas aconteceriam. Alguns, temendo pela nossa segurança,

---

57 Ver Anexo 1.

58 Na casa feminina, os encontros foram realizados na maioria das vezes nas salas dos técnicos. Já, na masculina da Capital, eles deram-se em diferentes locais, normalmente na sala que estivesse disponível no dia da visita. No interior, a maioria deles foi realizada no refeitório.

determinavam um monitor para nos acompanhar durante a aplicação dos formulários. Essas experiências não foram boas, pois inibiam o entrevistado; e, por isso, nesses dias, fazíamos apenas duas ou no máximo três entrevistas, procurando voltar em outros momentos nos quais fosse permitido ficarmos a sós com os adolescentes. Um dos supervisores, quando questionado se poderíamos fazer as pesquisas sem acompanhamento, disse que era muito perigoso, e que, se algo acontecesse, ele não queria ser responsabilizado. É importante salientar, entretanto, que, em nenhum momento, vivenciamos qualquer situação de perigo, havendo sempre uma atitude de respeito da parte dos internos.

Nas casas da Capital, esses encontros realizaram-se durante a noite, entre as 20 horas e às 23h30min, na unidade masculina, e entre as 20h e às 22h30min, na feminina, e nos finais de semana, durante o dia. No Interior, as visitas realizaram-se apenas nos finais de semana, devido à necessidade de deslocamento. Esses horários foram determinados pelas diretorias das casas<sup>59</sup> que se preocuparam em escolher períodos que não causassem nenhuma interferência na rotina dos jovens.

Nos formulários, abordamos diversos temas, buscando obter informações gerais sobre esses adolescentes, como: local de origem; escolaridade; profissão dos pais; músicas; emissoras de rádio e passatempos preferidos; consumo televisivo antes e durante a internação; uso de drogas, entre outras. No total, foram 48 perguntas que tiveram como objetivo principal obter informações suficientes para podermos saber quem são os adolescentes da FASE-RS e de que forma esses se relacionam com a sociedade e com os meios de comunicação de massa.

Muitos dos jovens entrevistados não se limitaram somente a responder as perguntas, contando-nos um pouco sobre a sua vida, sobre os usos que faziam e fazem da televisão e comentando porque gostavam de determinadas músicas e programas. Para eles, esses

---

<sup>59</sup> Sempre antes de ir à instituição, entrávamos em contato para saber se havia alguma atividade especial e confirmar se poderíamos ir naquele dia específico.

encontros eram oportunidades de ter contato com alguém de fora e de conversar sobre temas que, normalmente, não comentam no seu dia-a-dia. Para nós, foram uma chance para nos aproximar mais desses adolescentes e para começar a conhecer um pouco mais sobre um novo campo que estávamos apenas começando a desbravar.

Todos os formulários foram tabulados. Muitas das respostas abertas foram utilizadas no decorrer do texto dando subsídio para as nossas análises.

### 3.2 ENTREVISTA INDIVIDUAL

A etapa seguinte foi o desenvolvimento de entrevistas qualitativas individuais, com adolescentes das casas estudadas. Por problemas enfrentados na casa do Interior durante essa etapa da pesquisa, não pudemos executar as entrevistas com esses jovens. Nossa decisão foi tomada devido ao fato de a direção da casa ter proibido o acesso dos jovens à televisão, alegando mau comportamento dos mesmos, e por questões de segurança, já que a mudança foi seguida por duas rebeliões.

Optamos pela entrevista individual por considerá-la uma das mais adequadas para conhecer os sujeitos sociais, conforme aponta Sierra (1998). O autor defende que essa técnica permite esclarecer as experiências humanas subjetivas desde o ponto de vista dos próprios atores sociais. Assim, ela nos aproxima da vida dos outros, das suas crenças, da sua filosofia pessoal, de seus sentimentos e de seus medos, possibilitando a reconstrução de acontecimentos do passado, aos quais, de outro modo, não poderíamos ter acesso<sup>60</sup>.

Para a nossa pesquisa, usamos a entrevista individual, entre outros objetivos, para

---

60 Conforme Patton (1996, p. 196), o principal propósito de uma entrevista é obter um tipo especial de informação: “Nós entrevistamos pessoas para descobrir, a partir de seus depoimentos, coisas que não podemos observar diretamente [...] Nós não podemos observar sentimentos, pensamentos e intenções. Nós não podemos observar comportamentos que aconteceram em algum lugar do passado [...]. Nós não podemos observar como as pessoas organizam o seu mundo e de que forma percebem o que acontece no mundo. Nós temos que perguntar as pessoas sobre essas coisas. O propósito de entrevistar, então, é permitir que entremos na perspectiva de outras pessoas”.

conhecer um pouco mais sobre a vida desses adolescentes, sobre como eles convivem com a televisão e sobre o papel ocupado por este meio dentro da instituição, principalmente nesse momento, entre outras informações importantes para termos uma compreensão mais geral do fenômeno em estudo.

Nessa etapa, entrevistamos três adolescentes da casa feminina e três da casa masculina da Capital. Cada entrevista levou em média uma hora. Como aplicamos formulários a esses adolescentes na etapa anterior, usamos os encontros para aprofundar questões abordadas na coleta dos dados quantitativos e para obter novas informações que pudessem nos dar subsídios para conhecê-los melhor e a forma como se relacionam com os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão. Embora o número não seja significativo, consideramos suficiente para esta etapa da pesquisa uma vez que esta técnica foi usada de forma integrada a outras.

Esses jovens foram selecionados a partir de dois critérios básicos: tempo de permanência na instituição e participação na etapa anterior da pesquisa. Entre os que apresentaram esses critérios, os monitores indicaram três adolescentes em cada casa para que a seleção não ficasse conectada a nossa escolha e experiência anterior com esses adolescentes. Essa seleção foi baseada no que Patton (1990) define como *purposeful sampling*<sup>61</sup>, o qual parte do pressuposto de que “o investigador quer descobrir, entender e ter *insights*, e, para isso, deve selecionar uma ‘amostra’ com a qual ele possa aprender o máximo possível”. (PATTON, 1990, p. 169 *apud* MERRIAM, 2001, p. 61).

As entrevistas foram divididas em duas partes: relatos sobre antes da internação e informações sobre a situação após a internação. Na primeira, pedimos aos entrevistados que

---

61 Os tipos mais comuns de *purposeful sampling*, de acordo com Merriam (2001), são: típico, único, máxima variação, conveniência, bola de neve, cadeia e rede. A *típica* é aquela amostra selecionada porque representa a maioria das pessoas, das situações ou dos fenômenos estudados. A *única* é baseada no fato de ser único, atípico, talvez raro e extremamente incomum. A amostra de *máxima variação* opta por escolher participantes ou objetos de estudos bem variados, a busca por casos negativos ou que representem uma ampla variedade de características que possam interessar ao estudo. Na *amostra conveniente*, o pesquisador seleciona os participantes tendo como critério principal a conveniência, ou seja, dinheiro, tempo, localização, disponibilidade de locais ou respondentes, entre outras. A *bola de neve*, a *cadeia* e a *rede* são as mais comuns. Cada participante ou grupo de participantes indicará outros participantes.

contassem um pouco sobre a sua vida, desde a sua infância até o momento, buscando resgatar a história desses jovens e entender como eles se formaram receptores e a relação que estabelecem e estabeleceram com a televisão ao longo da sua vida. Perguntamos o que gostavam de fazer em cada uma das etapas narradas, questionando se tinham alguma lembrança da televisão nesse período, se assistiam, com quem e o que gostavam de ver. Esses adolescentes dividiram muitas das suas lembranças, contando detalhes da sua vida, de sua família, do seu ingresso na criminalidade até a sua entrada na FASE-RS.

Na segunda etapa, buscamos focalizar as perguntas na sua realidade dentro da instituição e no espaço que a televisão ocupa hoje na sua rotina diária. Nosso objetivo era tentar descobrir quais eram as principais comunidades de apropriação dos conteúdos televisivos na recepção desse grupo, as estratégias televisivas que estabeleciam, os supertemas que influenciavam nas suas escolhas, entre outras questões fundamentais para entendermos como esse público se relaciona com a televisão no seu dia-a-dia.

Na casa feminina, não utilizamos gravador durante as entrevistas. As informações foram registradas pela pesquisadora durante e após os encontros. Optamos por não usar o gravador com as adolescentes, por entender que, para muitas delas, como percebemos na etapa anterior, os assuntos que iríamos abordar eram muito delicados. Assim, o uso de um gravador poderia inibi-las ou deixá-las desconfortáveis para dividir suas histórias conosco. Na casa masculina, uma das entrevistas não foi gravada, pelo mesmo motivo. As duas outras entrevistas, feitas na casa masculina, foram gravadas. Perguntamos a eles se poderíamos gravar a conversa, quando sentimos que lidavam melhor com a condição de ser considerado “adolescente infrator”. Eles ficaram bastante à vontade e, ao final da entrevista, pediram para ouvir suas vozes. Na nossa avaliação, não houve nenhuma diferença entre os resultados obtidos *com* e *sem* o uso do gravador. Por se tratarem de adolescentes que já conhecíamos, conseguimos acompanhar suas histórias, registrar as informações passadas e reconstituir as

entrevistas assim que deixávamos o local. As adolescentes ficaram a vontade, revelando muitas coisas, que, talvez, não tivessem feito na presença do gravador.

### 3.3 GRUPO DE DISCUSSÃO

A terceira etapa foi a realização de dois grupos de discussão, cada um com cinco adolescentes<sup>62</sup>, das casas masculina e feminina da Capital<sup>63</sup>. Segundo Alzaga (1998, p. 83), o grupo de discussão é uma técnica bastante usada, nas pesquisas acadêmicas e também mercadológicas, por possibilitar ao pesquisador conhecer a opinião de um determinado grupo, percebendo as divergências e convergências sobre um tema específico. Para esta pesquisa, optamos por esta técnica por entendermos que, através da discussão em grupo, como destaca Alzaga (1998), poderíamos identificar de que forma, enquanto audiência, esses jovens percebem o papel da televisão no seu cotidiano. Além disso, ela permitiria a confirmação dos dados coletados nas etapas anteriores, colaborando para uma maior confiabilidade dos resultados gerados.

Reconhecendo que, como explica Alzaga (1998), ao se trabalhar com grupos de discussão estamos operando com relações entre sujeitos; sujeitos em diálogo durante uma

---

62 Alzaga (1998, p. 90) propõe que o número mínimo de participantes seja quatro, e dez, o máximo, devendo haver uma relação equilibrada entre o número de atuantes e de canais possíveis de comunicação. Conforme o autor, esse também é o entendimento de Manoel Canales e Anselmo Peinado, para quem o ideal para um grupo de discussão é ter entre cinco e dez participantes, sendo que “estes são os limites mínimo e máximo entre o que um grupo de discussão funciona corretamente. Trata-se de uma característica especial que afeta a dinâmica do grupo”. (CANALES e PEINADO *apud* ALZAGA, 1998, p. 300). Para Canales e Peinaldo, o número mínimo de grupos de discussão para a efetivação da técnica é dois, argumentando: “Não é um problema de representatividade, sim de escuta: um único grupo resulta sempre insuficiente, não porque nele não está operando ‘todo’ o discurso, sim porque este não se manifesta suficientemente para a escuta; não poderíamos garantir a saturação do campo das diferenças que permite um texto ‘polifônico’, e, por conseguinte, uma escuta mais completa”. Os autores sustentam ainda que um número muito grande pode ser tão problemático quanto o contrário, pois isto dificulta enormemente a escuta, além de aumentar a redundância em uma proporção muito superior a nova informação que cada um produz.

63 Nossa idéia inicial era realizar um grupo também com os jovens do Interior, o que não foi possível pelos motivos explicados anteriormente.

sessão<sup>64</sup>, escolhemos, para cada grupo, cinco adolescentes de alas distintas<sup>65</sup> e que não estabelecessem relações mais estreitas entre si, procurando, com isso, evitar que relações interpessoais se sobrepusessem no grupo. Devido à impossibilidade de realizarmos as sessões fora da FASE-RS, buscamos fazê-las em locais afastados das alas e que fossem, de uma certa forma, locais “independentes”<sup>66</sup>. O grupo feminino foi realizado à noite, das 21 horas às 22h30min, em uma sala de reuniões, localizada na frente da unidade, sem grades e que fica relativamente afastada das alas. O grupo masculino aconteceu à tarde, em uma sala de aula da escola<sup>67</sup>, contando com cinco jovens que haviam participado da primeira etapa da pesquisa. Ambos foram gravados e duraram, aproximadamente, uma hora e meia<sup>68</sup>. Tomamos esses cuidados buscando dialogar com algumas sugestões de autores que recomendam a mescla de pessoas que não estabeleçam relações interpessoais e a realização dos grupos em um local externo, adequando a técnica a nossa realidade, pois, como destaca Alzaga (1998, p. 82), “cada investigador abordará de maneira diferente, respeitando as regras mínimas, mas sempre estará em uma situação aberta e estratégica para mudar e dar giros quando necessário”.

Durante as sessões, procuramos centrar a discussão no papel da televisão nas suas vidas antes e durante a institucionalização e de outros meios de comunicação, discutindo sobre seus programas e filmes favoritos, abordando várias questões sobre de que forma eles convivem com a televisão. Nessa etapa, diferentemente das demais, focamos apenas nos

---

64 O autor ressalta que há considerações a nível micro, como não mesclar pessoas de gerações distintas, e a nível macro, como a dificuldade de colocar em um mesmo grupo um empregado e seu patrão.

65 A maioria das casas da FEBEM é dividida em alas, ou setores, que são separadas, e, por isso, os adolescentes não se conhecem e vivem como se estivessem em unidades distintas.

66 Para Alzaga (1998), o local onde se realiza uma sessão tem de ser fechado para as coisas de fora e aberto para as de dentro: “É fechado para fora, para que, enquanto dura a sessão, nada incomode os participantes e para que eles se sintam o mais confortável possível para poder dialogar com os demais; e aberto para dentro, para que a discussão possa ir tomando novos rumos ou temas apontados pelos membros participantes e pelo investigador. O grupo tem a possibilidade de criar consensos e novas informações”. (ALZAGA, 1998, p. 93).

67 A escola, embora fique dentro da própria casa, é considerada uma unidade independente, com uma direção e uma política diferenciada. Ela fica no andar de baixo da unidade e é independente da casa. Na escola, eles são estudantes e não adolescentes infratores, o que colabora para esse distanciamento.

68 Alzaga (1998, 90) recomenda não mais de uma hora e meia como o tempo ideal para a duração de um grupo, explicando que isso não significa que tenha que durar exatamente 90 minutos, mas é importante perceber quando o grupo está começando a sofrer um desgaste energético e a diminuir o seu rendimento, o que normalmente ocorre após este período.

meios de comunicação de massa, sem abordar temas relacionados com a sua vida, como família, escola, criminalidade, entre outras questões levantadas anteriormente.

A realização dos grupos foi, certamente, o momento mais delicado de toda a coleta de dados, tanto pelos desafios impostos pela própria técnica, que requer sempre muita agilidade e cuidados por parte do pesquisador, como por se tratar de um grupo bastante peculiar. Durante a realização das sessões, procuramos manter a discussão de uma forma ágil, mudando de tema logo que sentíamos que o anterior já havia sido saturado, procurando evitar que eles se cansassem. Abordamos vários temas na ordem em que estes surgiam na conversação, procurando levantar, entretanto, todas as questões que pautamos para o mesmo. Todos participaram ativamente da conversa, dando sua opinião, aprofundando questões e dividindo suas idéias. Em alguns momentos, alguns jovens falavam mais que os outros, o que variava de acordo com a importância que cada um atribuía ao assunto em discussão. A maioria deles dividiu a mesma opinião sobre a maior parte dos temas levantados, o que, se por um lado, pode ser visto como um problema, por outro, pode ser avaliado como um aspecto positivo já que, na maioria das vezes, foram opiniões destacadas nas etapas anteriores e que confirmaram muitos dos dados que havíamos coletados em outros momentos dessa pesquisa.

### 3.4 ETAPAS COMPLEMENTARES

Além das etapas citadas anteriormente, entrevistamos cinco adolescentes de uma das casas masculinas da Capital que não libera o acesso à televisão aos jovens institucionalizados, para entender como eles lidam com a ausência do meio e até que ponto a televisão faz falta nas suas vidas. Este relato encontra-se na análise dos dados.

Realizamos, ainda, entrevistas com os diretores e/ou assistentes de diretoria das unidades da FASE-RS situadas em Porto Alegre, para conhecermos a política adotada em

cada uma delas em relação à televisão. Também entrevistamos a diretora da escola da FASE-RS da Capital e algumas professoras para confirmarmos alguns dados relacionados à relação televisão/ escola. Essas etapas foram complementares e adotadas apenas para nos possibilitar a *triangulação* dos dados levantados, não sendo objeto de análise extensiva<sup>69</sup>. Antes de levantarmos a estrutura analítica adotada nesse estudo, faremos uma reflexão sobre o papel do pesquisador no processo de coleta de dados, discutindo sobre a importância da reflexividade no mesmo.

### 3.5 REFLETINDO SOBRE A COLETA DE DADOS: O PAPEL DO PESQUISADOR E SUAS LIMITAÇÕES

Um dos pontos mais importantes em uma pesquisa qualitativa e um dos principais avanços trazidos pelas pesquisas pós-modernas é o reconhecimento por parte do pesquisador das limitações de toda pesquisa e da sua própria limitação, enquanto “ser humano”, ou o que muitos autores chamam de reflexividade<sup>70</sup>. Para Boaventura de Souza Santos (1991, p. 53), falar em reflexividade na pesquisa social é, antes de mais nada, problematizar o papel e a posição do investigador na condução (e na objetivação) do conhecimento científico. Na medida em que o entendimento dos fenômenos sociais é sempre atravessado por um ponto de vista pessoal (que recorta e trabalha o real), a adoção de uma postura reflexiva supõe que, antes de empenharmo-nos em eliminar os efeitos do investigador sobre os dados, deveríamos explicitá-los, aceitá-los e entendê-los. (SANTOS, 1991, p. 53 *apud* SILVEIRA, 2000, p. 14).

---

69 Visitamos também um *Juvenile Detention Center*, na Geórgia, Estados Unidos, para conhecer a política dos centros norte-americanos sobre o uso da televisão pelos internos durante a institucionalização.

70 Conforme Silveira (2000), na ‘ciência pós-moderna’, a reflexividade surge como a tentativa de dimensionar a ‘impureza’ dos dados empíricos, tornando-se a condição para a medida da pessoalidade dos dados gerados e dos resultados alcançados: “A preocupação com a reflexividade vem aparecendo como um reconhecimento de limites: os limites de nossa modernidade, os limites de nossa pretensa objetividade e de nossas verdades científicas [...]”. Boaventura de Souza Santos vê a emergência da idéia de reflexividade associada ao processo [...] de degenerescência da ordem científica positivista. Segundo Santos (1989, 75), durante muito tempo, sobretudo enquanto vigorou o consenso positivista, a questão da reflexividade foi camuflada (e desfigurada) pela questão da objetividade. Mas foi, muitas vezes, um gato escondido com o rabo de fora [...]. Hoje, parece estar ocorrendo o contrário, a questão da objetividade a ser dissolvida (e esquecida) na questão da reflexividade”. (SILVEIRA, 2000).

Nesta pesquisa, procuramos refletir durante todas as etapas sobre o nosso papel enquanto mediadores de um discurso; um discurso complicado e que mexeu em muitos momentos com a sensibilidade dos nossos entrevistados: adolescentes que se encontravam em um momento muito delicado de suas vidas, privados de liberdade, acusados de terem cometido crimes, e que, em muitos casos, tinham problemas para lidar com essa sua nova condição.

Entrevistar esses jovens era fazer com que recordassem lembranças nem sempre agradáveis, e que, de alguma forma, faziam com que se sentissem mais uma vez julgados por mais um estranho que acabara de conhecer sua história; uma história que, como todos dentro da instituição e na sociedade os estão sempre lembrando, “é vergonhosa”. Para evitar esse sentimento, procuramos compreender a sua condição, nunca fazer qualquer tipo de comentário que demonstrasse, de alguma forma, algum preconceito ou condenação ao que haviam feito, procurando mostrar sensibilidade aos sinais que os entrevistados nos passavam<sup>71</sup>. Quando alguns comentavam histórias tristes, procurávamos mostrar empatia. Quando suspeitávamos, pelas suas características, que falar sobre os seus delitos os abalaria, não tocávamos no assunto, tentando descobrir a partir de outras fontes o que os levou à instituição. Usamos a nossa intuição na maioria das vezes, tentando refletir, antes de fazer cada pergunta, até que ponto ela poderia afetá-los. No caso dos formulários, para que pudessemos realizar essa avaliação, colocamos as perguntas mais delicadas, como o que os levou a instituição e a relação com as drogas, no final, o que, além de nos dar tempo para estabelecer uma relação mais próxima com esses jovens antes de realizar perguntas mais pessoais, também permitiu que pudessemos avaliar a pertinência ou não de questionar esses pontos. Durante as entrevistas qualitativas, deixávamos que eles falassem sobre as suas

---

71 A sensibilidade do investigador é fundamental durante todo o trajeto de uma pesquisa. É ela que, segundo Merriam (2001, p. 20), irá determinar a maneira como este responderá a situações que surgem no decorrer do percurso, maximizando oportunidades e coletando informações, lembrando que “o instrumento humano está tão suscetível a falhas quanto qualquer outro instrumento de pesquisa”.

histórias naturalmente, e foi assim que a maioria deles acabou nos contando como se deu o seu ingresso na instituição, assim como as suas histórias, de uma forma espontânea e descontraída.

### **A) Administrando preconceitos**

Durante a realização desta pesquisa, tivemos que administrar uma série de preconceitos, não só por parte da sociedade, representada nas vozes dos nossos familiares, amigos, colegas, que sempre nos pediam para termos cuidado, e da *media*, mas também dos próprios funcionários da FASE. Esses nos alertavam seguidamente sobre o fato de que estávamos entrevistando infratores, pessoas que haviam cometido crimes, muitos até mesmo homicídios, e que não deveríamos nos “enganar pelas suas carinhas de anjo”. Essa lembrança constante de que o ato de estar com eles era “perigoso”, às vezes, nos causava uma certa insegurança. Mesmo assim, procuramos nos deixar enganar por suas “carinhas de anjos” e agimos durante toda a pesquisa como se estivéssemos entrevistando adolescentes como outros quaisquer. Não estávamos lá para julgá-los ou condená-los, mas, sim, para conhecê-los, reconhecê-los como sujeitos, adolescentes que assistem televisão. No primeiro encontro, foi impossível evitar a tensão, entretanto, a forma tranqüila como o mesmo se desencadeou nos deu tranqüilidade para continuar. Logo, os encontros passaram a ser procedimentos rotineiros e esperados com ansiedade, uma ansiedade positiva! Nunca tivemos nenhum problema. Fomos sempre tratados com respeito e tivemos momentos maravilhosos na presença destes adolescentes.

### **B) Driblando as limitações**

Fazer perguntas e receber respostas é uma tarefa bem mais difícil do que pode parecer. Como Fontana e Frey (1994) descrevem, “a palavra falada ou escrita sempre traz um resíduo de ambigüidade, independentemente do quanto sejamos cuidadosos na forma como elaboramos uma pergunta ou na forma como reportamos ou codificamos uma resposta”.

Coletar dados é um ato mediado por subjetividades que influenciarão na forma como o pesquisador estruturará e interpretará uma entrevista e, também, na maneira como cada participante responderá a ela, ou, como destaca Boaventura de Souza Santos (1991), na forma como ele fará o seu recorte do real.

Durante a realização desse estudo e, principalmente, durante a análise dos dados, procuramos reconhecer esses limites, entendendo, entretanto, que estes fazem parte das pesquisas sociais e que precisamos conviver com eles. Mesmo assim, tentamos driblá-los nas diferentes etapas de construção desse estudo. Durante a condução das entrevistas e a aplicação dos formulários, por exemplo, abordamos várias questões relacionadas à vida desses jovens, permitindo que os aspectos mais importantes da sua identidade fossem destacados por eles, através dos seus relatos, a partir do seu ponto de vista. A adoção de três diferentes técnicas de coleta de dados também foi uma estratégia a qual recorreremos para tentar minimizar as nossas limitações, já que nos permitiu escutar um considerável número de adolescentes, a partir de diferentes abordagens. Entretanto, se por um lado essa estratégia colaborou para que pudéssemos confirmar as informações coletadas, por outro, ela produziu um grande volume de informações que precisaram ser avaliadas com cuidado e com um olhar bastante crítico, para selecionar os mais pertinentes e para evitar que estereótipos se sobrepusessem aos dados reais.

### 3.6 ESTRUTURA DA ANÁLISE

Para entender a relação que os adolescentes privados de liberdade, sujeitos dessa pesquisa, estabelecem com a televisão, adotamos como referencial teórico-metodológico o “Modelo das Múltiplas Mediações”, proposto pelo pesquisador mexicano Guillermo Orozco Gómez. Como vimos anteriormente, este modelo entende a recepção televisiva como um processo complexo, que abrange múltiplas interações da audiência com a TV, não estando circunscrito ao momento preciso de contato direto entre TV e audiência. Segundo Orozco

(1996a), a apropriação, resistência ou rechaço das mensagens recebidas são produto de uma negociação da audiência e da influência de diferentes mediações, entre essas, o autor destaca a institucional, a situacional, a individual e a tecnológica.

Para orientar este estudo e o processo de investigação, utilizamos como referência as categorias analíticas (supertemas, comunidades de apropriação, jogos de mediações e estratégias televisivas) e as mediações propostas por Orozco em seu modelo, especialmente no que denominamos como segundo momento, dando relevância às que pareceram mais importantes para essa audiência específica. Também consideramos a importância de coletarmos evidências sobre “o que mais” esses receptores são para podermos entender a sua condição de audiência, ou seja, a importância da identidade desses sujeitos na forma como eles interagem com a televisão e suas mensagens. Na análise dos dados utilizados, optamos por apresentar as informações coletadas nas três casas coletivamente, separando-as quando os dados se diferenciavam.

Os resultados desse estudo foram divididos em quatro etapas. As duas primeiras focaram-se nos dados quantitativos e as duas últimas, nos dados coletados na etapa qualitativa:

#### **a) Etapa quantitativa**

1) *Perfil dos adolescentes a partir dos formulários*: Nesta primeira etapa, resgatamos os dados quantitativos que nos permitiram conhecer quem são esses adolescentes, seus hábitos, passatempos preferidos, seu *background*, entre outras informações que colaboraram para construirmos o perfil desses jovens. As informações utilizadas nesse texto foram coletadas durante a primeira etapa desta pesquisa, na qual aplicamos formulários a 93 adolescentes — 20 na casa feminina da Capital, 20 da casa masculina do Interior e 53 da casa masculina da Capital. O formulário possuía tanto perguntas fechadas, como perguntas abertas, as quais colaboraram para que pudéssemos começar a compreender essa relação.

2) **Consumo televisivo:** Na segunda fase, resgatamos os dados que revelam sua relação com a televisão, como, por exemplo, quantas horas eles assistiam televisão por dia, que programas, entre outras questões que mostram alguns dados importantes sobre o seu consumo televisivo antes e durante a internação.

**b) Etapa qualitativa**

1) **Perfil dos adolescentes entrevistados:** Nessa etapa, falamos sobre o perfil dos adolescentes entrevistados na etapa qualitativa dessa pesquisa, revelando um pouco sobre a sua vida e a sua relação com a televisão antes de ingressarem na instituição.

2) **Adolescentes privados de liberdade e a televisão:** Esta etapa procurou resgatar os aspectos mais significantes na recepção televisiva dos adolescentes privados de liberdade e foi construído a partir de dados qualitativos obtidos durante as entrevistas individuais e das respostas dos formulários a perguntas abertas. Os dados, obtidos durante os grupos de discussão, são usados em alguns momentos para reforçar ou negar informações coletadas nas entrevistas, não sendo usados como dados principais.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

#### 4.1.1 Perfil dos adolescentes a partir da perspectiva quantitativa

##### a) Faixa etária

Entre os adolescentes que participaram da primeira etapa deste estudo, a maioria tinha entre 18 e 16 anos de idade<sup>72</sup>, como mostra a tabela a seguir:

**Tabela 3** — Idade dos adolescentes

<b>Idade (anos)</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>
18 ou mais	44	15	50 (15,8% mais)
17	18	45	20
16	20	5	25
15	12	20	5
14 ou 13	6	10	-
12	-	5	-

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Um percentual de 36,6% dos adolescentes que participaram deste estudo tinha 18 anos de idade ou mais; desses 44% estavam na casa da Capital, 15%, na casa feminina e 50%, na unidade do Interior. 27,6% dos jovens entrevistados tinham 17 anos de idade e 16,6%, 16 anos. Poucos adolescentes institucionalizados tinham menos de 15 anos, apenas 15,5%, sendo que a maioria deles era meninas internas na casa feminina da Capital, onde 20% das internas tinham 15 anos; 10%, 14 ou 13 anos e 5%, 12 anos de idade.

Esses números demonstram que nas casas do Rio Grande do Sul, da mesma forma como ocorre no resto do país, conforme o relatório (2002) divulgado pelo Governo Federal, a faixa etária predominante também é a de adolescentes entre 18 e 17 anos de idade.

---

<sup>72</sup> Do total de adolescentes, 36 deles viviam na Capital, 34 no Interior do Estado, 22 na Região Metropolitana e um, em outro Estado.

## b) Família

Assim como apontou o relatório da pesquisa realizada pelo NACI, mesmo diante de relatos habituais que associam a delinquência juvenil ao abandono familiar, a maioria dos nossos entrevistados relatou viver com seus familiares antes da internação, apenas uma minoria disse estar vivendo sozinho ou em abrigos antes de ingressar na instituição:

**Tabela 4** — Com quem moravam antes da internação

<b>Com quem você morava antes da internação</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>
Com toda a família	28	20	25
Com pai, irmãos e madrasta	6	5	-
Com mãe e irmãos	30	20	25
Com algum familiar, como avós, tios	10	5	5
Com mãe, irmãos e padrasto	10	10	5
Com pessoas que os tiraram da rua	4	-	-
Sozinho	6	20	-
Em abrigos	-	10	-
Com esposo (a) e filhos	12	10	10
Para fora na casa em que trabalhava	-	-	5
Com amigos	-	-	5

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Essa tabela nos revela que apenas 31% dos jovens viviam com toda a família, ou em um modelo de família nuclear, já que aproximadamente 8,3% disseram morar com suas mães, irmãos e padrastos e 24% com toda a sua família. 25% desses jovens moravam apenas com suas mães e irmãos, sendo que entre os jovens da casa masculina da Capital este número é ainda mais expressivo: 30%. Na casa masculina da Capital, o índice é de 25% e entre as meninas, de 20%.

Uma informação que chama a atenção é a ausência da figura paterna na vida da maioria dos adolescentes que participaram dessa etapa da pesquisa. Na casa do Interior, ao perguntarmos com quem viviam antes da internação, 30% dos adolescentes disseram não ter

contato com seus pais paternos; 15% disseram não saber o que eles fazem e 15% contaram não conhecê-los. Em Porto Alegre, na casa masculina, esses percentuais repetem-se: 34% dos adolescentes também disseram não manter relações com seus pais; desses, 12% não os conheciam, 10% não sabiam o que faziam por não ter contato e 12% disseram que seus pais paternos já faleceram. No grupo feminino, embora somente 20% das jovens entrevistadas vivessem com toda a família, apenas 10% disseram não conhecer seus pais e 15%, que estes já faleceram. Esses dados demonstram que, embora a família esteja presente na vida da maioria desses jovens, muitos deles não têm contato com seus pais, o que aumenta a sua responsabilidade no lar e, muitas vezes, compromete a economia doméstica.

Também verificamos que a maioria dos adolescentes que participou de nossa pesquisa vem de famílias humildes. Seus pais trabalham no mercado informal, exercendo funções de pedreiro, soldador, trabalhador no campo, chaveiro, frentista, entre outras. Suas mães, na maioria, trabalham como faxineiras e empregadas domésticas, ou como operárias em fábricas.

### c) Trabalho e escola

O índice de jovens que trabalhavam e o de que não exerciam nenhuma atividade remunerada é bastante equilibrado, com exceção das adolescentes, que, na maioria, não trabalhavam antes da internação, como mostra a tabela a seguir.

**Tabela 5** — Dados sobre trabalho

<b>Você estava trabalhando antes de ingressar na FASE-RS?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>
Sim	52	20	55
Não	48	80	45

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Nas casas masculinas, havia mais adolescentes que trabalhavam (52% da Capital e 55% no Interior) do que de adolescentes que não estavam trabalhando. Já na casa feminina, o

índice de jovens que não exerciam nenhuma atividade remunerada era bem superior ao das que trabalhavam: 80% que não, contra 20% que estavam.

A maioria dos adolescentes da Capital exercia trabalhos informais e de baixa remuneração, como auxiliar de pedreiro, vendedor de jornais, catador, empacotador em supermercados e outros. No Interior, as profissões são semelhantes, existindo um número significativo de jovens que trabalhava na área rural ou com trabalhos manuais. As adolescentes da casa feminina, na maioria, não trabalhavam antes da internação, e as que o faziam, exerciam atividades como faxineira, empregada doméstica ou vendedora em esquinas. É importante ressaltar que, embora muitas delas não exercessem atividades remuneradas, trabalhavam em casa, cuidando de seus irmãos mais novos ou filhos.

O estudo também não era uma prioridade na vida dos adolescentes antes da internação já que, como podemos verificar na tabela a seguir, a maioria desses jovens não estudava:

**Tabela 6** — Dados sobre escola

<b>Você estava estudando antes de vir para a FASE-RS?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>
Sim	38	20	10
Não	62	80	90

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

O percentual de adolescentes que não freqüentavam a escola é bastante significativo entre os participantes. Na casa masculina do Interior, apenas 10% deles disseram freqüentar à escola, sendo que 90% não estavam estudando. Entre as adolescentes, o índice de jovens que freqüentavam a escola sobe para 20% e entre os jovens da Capital, para 38%. Entre os adolescentes da casa da Capital, 62% disseram não estar estudando antes de ingressar na instituição e entre as mulheres, 80% não freqüentavam a escola antes de serem levados à FASE-RS. A maioria desses jovens parou de freqüentar a escola durante as primeiras séries

do primeiro grau. O grande número de jovens fora da escola é bastante preocupante, por isso, uma das primeiras medidas tomadas pela FASE quando um adolescente ingressa na instituição é matriculá-lo na escola.

#### **d) Criminalidade:**

Os delitos mais comuns cometidos pelos adolescentes institucionalizados que participaram da nossa pesquisa são os contra o patrimônio, como ilustra a tabela abaixo:

**Tabela 7** — Delitos cometidos<sup>73</sup>

<b>Delito</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>
Contra o patrimônio	60	40	65
Homicídio e latrocínio	30	35	15
Tentativa de homicídio	8	5	20
Outros (briga)	-	-	5
Tráfico	6	5	-
Não quis dizer/ não perguntei	2	15	5

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

60% dos adolescentes da Casa Masculina da Capital, 40% da Casa Feminina e 65% na Casa Masculina do Interior foram institucionalizados por crimes contra o patrimônio, como roubo e assalto. Entretanto, um número significativo de internos foi levado à FASE devido a crimes contra a pessoa: 37,6%. Destes, 26,6% cometeram homicídio ou latrocínio e 11%, tentativa de homicídio.

O ingresso no mundo do crime é narrado por muitos desses jovens como um caminho

<sup>73</sup> Alguns adolescentes foram institucionalizados por ter cometido mais de um delito, por isso, o resultado final extrapolou os 100%.

natural, como algo que faz parte do seu processo de amadurecimento, do tornar-se adulto; a forma encontrada para se auto-afirmar e ter acesso a bens que de outra forma não poderiam possuir. Por serem, na maioria, oriundos de famílias humildes e com dificuldades financeiras, roubar é visto como o único caminho para ter acesso a uma vida mais “digna” e “existir” em uma sociedade em que, conforme Rolim (2001), “o ter define o que somos”. As frases abaixo, coletadas durante a pesquisa realizada para este estudo, registram parte dos depoimentos dos adolescentes sobre esse assunto:

Roubava pra me vestir bem, pra ir pra noite. As mulher só gostam de cara com dinheiro no bolso e dois revólver na cintura [sic.]. (AB – 17 anos – Casa masculina da Capital).

Comecei a assaltar com 14, foi moleza. Tinha muitas armas [...] Gastava entre R\$ 300 e R\$ 400 com *crack* por dia [...] roubava pra usar drogas, pra ir pro som, pra compra roupas e coisas para mim. Usava tênis de R\$ 150. Um dia comprei uma jaqueta de quase R\$ 1.000. Vivia uma vida de ladrão [...] Minha mãe desconfiava, mas eu dizia pra ela que eu nunca ia rouba. Quando via que ela tava desconfiada ia pra umas construção e fazia de conta que tava trabalhando. Não tinha medo de nada [sic.]. (N – 16 anos - Casa masculina da Capital).

Roubava pra sai, compra roupa [sic.]. (AX – 18 anos – Casa masculina da Capital).

Roubava direto para comprar drogas e roupas. Meus amigos estão todos presos [sic.]. (S – 16 anos – Casa masculina da Capital).

Seus dias, na maioria, eram bastante agitados, uma vida de muita aventura e emoção, nos quais não havia espaço para a monotonia. Dias também marcados pela angústia e pela insegurança de nunca ter certeza de que haveria um amanhã:

Eu robo [sic] desde os 13 anos e uso drogas desde os oito. Me criei vendo os guri mais velho fazer isso. [...] adoro armas, tinha dois 38, dois 20 e uma pistola. Alugava uma casa com uns amigos para deixar as armas e usar drogas. [...] Minha vida era só festa, drogas e mulheres. Era tri [sic.]. (Q – 18 anos – Casa masculina da Capital).

Eu vivia roubando com a minha turma. Passava os dias assim, nos *shopping* roubando e fazendo festa [...]. Não pensava em mais nada [sic.]. (N - 14 anos – Casa feminina da Capital).

Outros narram histórias tristes, de azar e de ingenuidade. Histórias de jovens que, em momentos de “fraqueza”, acabaram cometendo delitos, muitos deles gravíssimos, e que os marcarão para sempre:

Minha mãe tava sem dinheiro, desempregada, tava muito difícil viver [...] Uma amiga mais velha me convidou pra ir com ela para ----- [em outro Estado], carregando coca. O dinheiro era ótimo. Aceitei. Quando chegamos na rodoviária fui presa. Foi horrível [...] tomo medicamento para poder suportar, nunca tinha feito nada, era uma pessoa boa... [sic.] (M - 17 anos – Casa feminina da Capital).

Levava uma vida regrada, normal [...] até que me envolvi com um cara. No segundo assalto fui presa por homicídio [...] ele não [sic.]. (F<sup>74</sup> – 19 anos – Casa feminina da Capital).

Tô aqui porque cometi um homicídio. Fui mandado a matar [...] disseram que se eu não matasse, me matariam [sic.]. (AG – 18 anos – Casa masculina da Capital).

Entreí na FEBEM no dia do meu aniversário. Puro azar. Nunca tinha roubado, tava bêbado e fui rouba com um amigo. Fomo pego e a véia ainda inventou que tentamo estupra ela [sic.]. (N – 17 anos - Casa masculina do Interior).

Como apontamos anteriormente, aproximadamente 50% dos jovens do sexo masculino estavam trabalhando antes da internação, o que, mesmo assim, não os afastou da criminalidade. Como muitos deles narraram, o dinheiro que ganhavam trabalhando era muito pouco. Muitas vezes, o que ganhavam em um mês era equivalente à quantia obtida em um assalto; por isso, muitos deles trabalhavam de dia e assaltavam de noite com amigos<sup>75</sup>. Outros adolescentes, entretanto, contaram “ter sucumbido à tentação” e acabaram roubando, mas sem sucesso, tendo sido institucionalizados no seu primeiro delito; a maioria deles, porque o que deveria ser um simples assalto resultou em um latrocínio.

Essa foi a primeira vez que roubei. Precisava de dinheiro. Deu tudo errado. O meu amigo estava armado e matou a vítima [sic.]. (AD - 18 anos - Casa masculina da Capital).

74 F. quase morreu durante este assalto, considerado um dos mais violentos da região.

75 O trabalho, nesse caso, era mais uma forma de acalmar seus familiares e fazê-los pensar que seus filhos estavam no “caminho certo”.

Nunca tinha roubado. Estava sem grana pra ir pro som e um amigo me convidou para assaltar um ônibus com ele [...] Não deu certo e fomos preso [sic.]. (BA – 15 anos - Casa masculina da Capital).

### e) Drogas

O uso de drogas antes da internação é comum entre os adolescentes institucionalizados como mostra a tabela abaixo:

**Tabela 8** — Consumo de drogas

<b>Usuários de Drogas ilícitas</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>
Sim	76	70	55
Não	24	30	45

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Do total de adolescentes entrevistados, 67% disseram usar drogas antes de ingressar na FASE-RS. Entre os jovens provenientes da Capital, esse número é bastante significativo: 76% deles são usuários. O menor índice de usuários de drogas está entre os adolescentes da casa masculina do Interior, na qual 55% disseram usá-la. Na casa feminina, o índice também é expressivo, representando 70% do universo estudado.

As drogas estão presentes nos relatos da maioria dos adolescentes ouvidos neste estudo. Independente da ordem, se as drogas os levaram à criminalidade ou se a criminalidade os levou às drogas, ambas parecem andar de mãos dadas nas suas vidas:

Gastava R\$ 400 até R\$ 1 mil em *crack*. Roubava pra compra drogas, pra ir pro som e pra ajudar em casa. Assalto há muito tempo, já tive na FEBEM muitas vezes. Até já matei, mas ninguém sabe [sic.]. (X – 18 anos - Casa masculina da Capital).

Uso droga desde os 10, e robo há muito tempo pra compra droga [sic.]. (O – 18 anos – Casa masculina do Interior).

Roubava pra poder me diverti, pra compra drogas. Sem grana é difícil [...] num assalto, matei a vítima e fui preso [...]. Desde os 10 eu uso drogas [sic.]. (U - 17 anos – Casa masculina da Capital).

Eu roubava pra curtir a vida, compra roupa e drogas [sic.]. (V – 14 anos – Casa masculina da Capital).

Eu já fui internada várias vezes. Mas não conseguia largar as drogas. Já usei de tudo e já fui presa três vezes assaltando pra compra droga. Essa é a primeira vez que peguei medida [sic.]. (T – 15 anos – Casa feminina da Capital).

Eu usava drogas desde os oito anos, loló, *crack*, de tudo [sic.]. (Q - 17 anos – Casa feminina da Capital).

## f) Passatempos preferidos e relação com os meios de comunicação de massa

Assim como qualquer adolescente, esses jovens gostam de ouvir música e de sair à noite com os amigos para dançar. A maioria deles mostra-se consumidor das mesmas roupas de marca, programas de televisão, música e jornais populares. Muitos desses jovens gostam de jogar videogames e de ir ao cinema. Esses dados ficam mais claros nas tabelas abaixo:

**Tabela 9 — Cinema**

<b>Você gosta de ir ao cinema?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Sim	75	35	70
Não	-	35	6
Nunca foi	25	30	24

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

60% dos participantes disseram gostar de cinema. No Interior, esse número é menor, 35%, o que se deve em parte ao fato dos jovens virem de cidades pequenas e que, na maioria, não têm salas de cinema.

**Tabela 10 – Videogames**

<b>Você gosta de videogames?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Sim	80	85	88
Não	20	15	10

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

84,3% dos jovens se dizem apreciadores de videogames. Esse dado é ainda maior entre as meninas, das quais 88% disseram gostar desse passatempo.

Durante a coleta de dados, verificamos que apenas cinco adolescentes entre todos os entrevistados na primeira etapa disseram já ter entrado na *Internet* alguma vez, sendo que nenhum deles estava internado na casa do Interior. Todos os que disseram já ter utilizado a *Internet* referiram-se a uma rápida experiência.

Muitos adolescentes, principalmente da Capital, disseram gostar de ler:

**Tabela 11** – Leitura

<b>Você gosta ler?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Sim	90	80	68
Não	10	20	32

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

90% dos jovens da Capital e 80% dos do Interior apontaram a leitura como um dos seus passatempos preferidos. Esse índice é menor entre as adolescentes: 68%.

A maioria dos participantes apontou os livros como o tipo de leitura que mais gostam, seguido pelas revistas e jornais, respectivamente:

**Tabela 12** – Leitura preferida<sup>76</sup>

<b>O que você gosta de ler?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Jornais	20	25	28
Revistas	25	50	26
Livros	40	25	36
Gibis	20	30	34

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

A preferência pelos livros (40% entre os jovens da Capital, 25% entre os do Interior e 36% entre as meninas) pode ser explicada pelo fato de o acesso a jornais e revistas ser limitado dentro da instituição, ao mesmo tempo em que a leitura de livros é incentivada pela escola e pelos técnicos que os utilizam como uma ferramenta socioeducativa. Nos jornais, as

<sup>76</sup> Alguns adolescentes apontaram mais de um estilo de leitura como o seu favorito.

páginas preferidas são as policiais. As meninas apontaram também o horóscopo como uma coluna que sempre lêem.

Os meios de comunicação de massa têm uma presença marcante na sua rotina, sendo apontados por eles como uma forma de passar o tempo. Quando perguntamos aos adolescentes qual o seu passatempo favorito, a maioria dos jovens da Capital destacou escutar rádio<sup>77</sup>, e os jovens do Interior, assistir televisão, apontado como o passatempo favorito por 68,9% dos entrevistados.

Em Porto Alegre, na casa masculina, assistir televisão foi citado como passatempo favorito por 40% dos jovens; e, na feminina, por 30% das adolescentes. Na Capital, muitos adolescentes também citaram outras atividades, como jogar futebol, ler, conversar com os colegas e dormir, mas todos com menores índices. Na casa do Interior, jogar futebol foi destacado por 50% dos adolescentes, que mencionaram outros passatempos, como pescar, namorar e praticar esportes em geral. Na casa feminina, além de assistir televisão e escutar música, muitas adolescentes citaram realizar atividades manuais<sup>78</sup>, como fazer crochê e cozinhar, e esportivas, como jogar vôlei. Algumas jovens disseram gostar de conversar com as colegas.

O grande número de adolescentes que apontou assistir televisão e escutar rádio como passatempo favorito deixa clara a presença dos meios de comunicação de massa na vida desses adolescentes<sup>79</sup>, que, em geral, demonstram confiar nesses meios, especialmente na televisão, como ilustra a tabela a seguir:

---

77 Do total de entrevistados, 76% dos jovens da Capital, 75% das adolescentes e 55% dos jovens do Interior apontaram escutar música como o seu passatempo favorito.

78 Os passatempos preferidos apontados pelas adolescentes foram todos fixados no momento em que estão vivendo agora, embora não tenhamos focado a pergunta. Esse enfoque ficou claro quando descobrimos que a maioria não tinha o menor interesse em atividades manuais e não sabia fazer nenhuma delas antes da internação.

79 Para compreender a importância desses meios na sua rotina, focamos várias perguntas, tanto na fase quantitativa como na qualitativa, em questões relacionadas a esses meios, como veremos a seguir. Nosso objetivo era obter o máximo possível de informações que pudessem nos auxiliar a compreender de que forma esses veículos competem entre si e que espaço ocupam no dia-a-dia desses jovens.

**Tabela 13** – Meio de comunicação que mais confiam<sup>80</sup>

<b>Que meio de comunicação você mais gosta e confia?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Televisão	50	35	45
Rádio	30	10	65
Jornal	18	20	15
Revistas	12	5	5
Nenhum	12	30	-

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

A televisão é apontada como o meio que passa maior credibilidade para os adolescentes que participaram do estudo: 50% entre os jovens da Capital e 35% do Interior citaram o meio como o que mais confiam. Entre as meninas, este índice é de 45%, ficando atrás da credibilidade depositada no rádio, apontado como o mais confiável por 65% das adolescentes. Entre os meninos, o rádio é citado por 30% dos jovens da casa da Capital e por apenas 10% dos do Interior. Muitos jovens do Interior, 30%, disseram não confiar em nenhum meio, mostrando-se mais céticos em relação aos meios de comunicação de massa do que os demais adolescentes.

#### **h) Música/ Rádio:**

A música é importante para muitos desses jovens, que apontaram escutar rádio, ou melhor, escutar música, como uma das suas atividades preferidas. Segundo os entrevistados, o rádio é uma companhia essencial durante a internação, principalmente pelo fato deles poderem escutar no “brete”<sup>81</sup> e não ter hora determinada para o seu acesso.

80 Alguns adolescentes apontaram mais de um veículo de comunicação.

81 A atitude em relação ao “brete” (dormitório ou quarto) é variada. O relatório do NACI explica que, segundo a política da instituição, esse espaço pode ser vivido como refúgio ou como castigo. Nas unidades onde os dormitórios são coletivos, os internos parecem insatisfeitos, queixando-se dos “pirralhos” com os quais dividem o espaço. Em outras, como no IPC, casa de internos de primeiro ingresso, o dormitório é onde mais gostam de estar. Apesar da superlotação, consideram que é o lugar onde podem conversar com amigos e até chorar em paz. Em outras instituições, o dormitório é visto como estratégia de manutenção da ordem. Os meninos ficam trancados a maior parte do dia. Quando os dormitórios são individuais e não há celas especiais para isolamento, não se percebe a diferença entre ficar de castigo (no isolamento) e ficar no dormitório durante a rotina da casa. Ainda em outras casas, os dormitórios individuais parecem muito apreciados pelos internos, por evitar que seus pertences sejam compartilhados. Nestes casos, é possível perceber o interesse dos adolescentes em manter o seu espaço limpo e organizado. Cada um faz a sua própria decoração: tapetes improvisados espalhados pelo chão, retratos e outros objetos confeccionados nas oficinas de artesanato e fotos de mulheres nas paredes eram os adornos mais comuns. Todos parecem prezar esse ambiente, talvez por ser o único espaço privado ocupado por eles na instituição. Este apreço parece mais pronunciado na unidade feminina, onde as meninas têm até armários nos seus “quartos” individuais. (NACI, 2001, p. 62).

**Tabela 14** — Consumo de rádio

<b>Quantas horas você escuta rádio por dia?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%) <sup>82</sup></b>	<b>Casa masculina do Interior (%) <sup>83</sup></b>	<b>Casa feminina da Capital (%) <sup>84</sup></b>
Menos de 1 hora	8	-	10
De 1 a 2 horas	26	30	45
De 3 a 4 horas	12	5	5
Mais de 4 horas	54	30	40
Não escuta – não tem	-	35	-

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Dos adolescentes que ouvem rádio, 48% disseram escutar música mais de 3 horas por dia. Entre os jovens da Capital este número é ainda mais expressivo: 66% deles disseram ouvir mais de 3 horas; destes 54% disseram ouvir mais de 4 horas diariamente. Na casa do Interior, este número é menor e pode ser explicado pelo pequeno número de jovens que disseram possuir um aparelho de rádio, o que dificulta o acesso ao meio.

Para 100% dos adolescentes entrevistados, rádio é sinônimo de música, por isso, foi difícil desvincular um do outro durante a pesquisa. Segundo eles, a música é uma válvula de escape, uma forma de se conectar com o mundo que ficou para trás, de lembrar as suas aventuras, os seus erros e as emoções que ficaram do lado de fora da casa. Apenas um dos entrevistados disse escutar notícias e um, futebol.

Só escuto música no rádio, quando alguém começa a falar, já mudo de estação [sic]. (I - 17 anos – Casa feminina).

Gosto de tudo quanto é tipo de música, mas se os cara começam a falar, mudo de estação [...] nunca gostei de notícias [sic]. (BB – 15 anos – Casa masculina da Capital).

Eu escuto rádio a noite toda até dormi... mas só música [sic]. (F – 19 anos – Casa masculina do Interior).

82 Alguns adolescentes entrevistados disseram não possuir rádio próprio, por isso usam de outros internos, o que faz com que seu contato com o meio seja limitado.

83 Ao contrário das outras casas nas quais o rádio ocupa um importante espaço na rotina dos adolescentes, no caso da unidade do Interior, essa presença perde peso pelo grande número de jovens que não tem rádio próprio e depende dos colegas para poder ouvir.

84 As adolescentes que disseram ouvir rádio de 1 a 2 horas são jovens que não têm aparelho receptor próprio e escutam nos horários em que todas ouvem música coletivamente. Um dos principais problemas que verificamos quando falamos em rádio foi o de que muitas delas confundem escutar rádio com o ato de ouvir música, que pode ser via rádio ou não.

Quanto ao estilo musical preferido, o primeiro lugar entre os jovens da Capital ficou com o Rap. Já, no Interior, as favoritas foram as músicas “sertanejas”<sup>85</sup>. Um grande número de jovens também citou outros gêneros.

**Tabela 15** – Estilos musicais preferidos<sup>86</sup>

<b>Que estilos musicais você gosta?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b> <sup>87</sup>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b> <sup>88</sup>
Rap	66	25	45
Sertaneja	8	50	20
Pagode	44	35	30
Charming	20	10	25
Dancing	10	5	30
Funk	16	15	10
Rock	6	20	10
Tradicionalista	-	5	-
Todas	6	10	-

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Enquanto 66% dos jovens da Capital apontaram o Rap como seu estilo musical favorito, entre os jovens do Interior, o estilo não aparece como o mais popular, já que apenas 25% desses jovens disseram gostar de Rap, e perde espaço para as músicas sertanejas, apontadas por 50% dos adolescentes do Interior. Entre as meninas, o Rap foi o mais lembrado, sendo citado por 45% das participantes. O Pagode também foi bastante citado, ficando em segundo lugar entre os três grupos: 44% dos jovens da Capital, 35% do Interior e 30% das adolescentes o apontaram como o seu estilo musical favorito. Além desses, vários adolescentes citaram os estilos funk, charming e rock como os seus favoritos.

Os cantores e conjuntos favoritos da maioria dos jovens da Capital também são os que

85 A emissora preferida da maioria dos adolescentes das casas masculina e feminina da Capital é a Cidade, apontada por 45%. Os demais citaram a Metropolitana, Joven Pan, Eldorado e Atlântida, nesta ordem de preferência. Os jovens do Interior apontaram a Medianeira e a Atlântida, ambas com 26,3%, como as suas preferidas. Com pequenos índices foram citadas: Pop Rock, Pampa e 102 FM.

86 Muitos adolescentes apontaram mais de um tipo de música.

87 Os estilos musicais favoritos dos jovens do Interior são semelhantes aos dos adolescentes da Capital, a principal diferença, entretanto, está na preferência por música sertaneja.

88 O Rap também foi número um entre as adolescentes da casa feminina, seguido por pagode. Entre as jovens, estilos como *Dancing*, *Charming* e Sertaneja foram citados por um grande número delas.

cantam Rap. Deste grupo, 18% apontaram os Racionais e 10% Ndee Naudinho. Um percentual de 40% disse não saber ou não ter um favorito, enquanto os demais deram respostas variadas. As adolescentes da Capital mostraram gostos bastante diversos quanto aos seus grupos e cantores preferidos: 20% delas apontaram o grupo Travessos; 15% Zezé di Camargo e Luciano; 10% Ndee Naudinho; e as demais citaram diferentes nomes, como Cara Metade, Kelly Key e Roxetti. Um percentual de 10% delas disse não saber. Entre os jovens do Interior, os destaques ficaram com os Racionais e Zezé di Camargo e Luciano, cada um com 21,1%. Muitos se mostraram indecisos: 36,8% disseram não ter nenhuma preferência ou não saber. Os demais citaram vários nomes, como Legião Urbana, Chakira e Leandro e Leonardo.

#### **4.1.2 Consumo televisivo a partir da perspectiva quantitativa**

##### **a) Antes da internação**

Antes de ingressarem na instituição, 95% dos entrevistados possuíam pelo menos um aparelho de televisão em suas casas<sup>89</sup>. Entre os três adolescentes que apontaram não possuir, duas estavam na casa feminina e um deles na casa masculina do Interior. Uma das adolescentes vivia em hotéis, e assistia TV, eventualmente, na recepção; e a outra assistia, diariamente, na casa de amigas. O adolescente que não possuía explicou que a religião dos pais não permitia ter o aparelho, contando ter contato com o veículo na casa de amigos e de outros familiares.

A tabela, a seguir, mostra que a maioria dos adolescentes tinha contato diário com a televisão:

---

89 Aproximadamente 35% dos adolescentes disseram ter mais de um aparelho em seus lares.

**Tabela 16** – Consumo televisivo antes da institucionalização

<b>Você assistia televisão antes de vir para a FASE-RS?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Diariamente	65	60	65
Uma vez por semana	5	-	5
Duas vezes por semana	15	5	15
Quatro vezes ou mais	-	10	-
Nunca, só trabalhava.	-	5	-
Não sabe, sempre na rua <sup>90</sup>	15	10	15

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Aproximadamente 62% dos participantes disseram assistir televisão diariamente: 65% dos jovens da Capital e das adolescentes e 60% dos jovens do Interior. Alguns adolescentes (15% da Capital, 10% do Interior e 15% das meninas), entretanto, encontraram dificuldade em responder essa pergunta, explicando que passavam a maior parte do tempo na rua e, por isso, não sabem exatamente o quanto assistiam. Essa dificuldade também ficou evidenciada na quantificação das horas diárias destinadas ao meio, como revela a tabela abaixo:

**Tabela 17** — Consumo televisivo diário antes da institucionalização

<b>Quantas horas por dia você costumava assistir televisão?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Menos de uma hora	6	20	10
De 1 a 2 horas	26	20	10
De 3 a 4 horas	16	10	25
Mais de 4 horas	20	30	40
Não sabe ao certo, ficava mais na rua.	32	20	15

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Um expressivo percentual de jovens da Capital (32%) afirmou não saber ao certo por ficar mais tempo na rua, “dando uma olhada” nos momentos em que estavam em casa. Entre os jovens do Interior, esse índice é de 20% e entre as adolescentes, de 15%. Entre os

<sup>90</sup> Essa opção não estava no formulário e acabou sendo acrescentada devido à recorrência com que foi apontada pelos participantes da casa masculina da Capital.

participantes que assistiam diariamente, 20% dos jovens da Capital, 30% do Interior e 40% das adolescentes disseram ver mais de 4 horas. O grande número de adolescentes que assistem mais de 3 horas diárias, 65%, pode ser explicado pelo fato de a maioria, como vimos anteriormente, não trabalhar fora de casa nem estudar antes da internação, tendo assim mais tempo disponível para assistir ao meio.

Os gêneros mais assistidos por esses jovens antes de ingressar na instituição eram as novelas, incluindo “Malhação”, os filmes e os desenhos:

**Tabela 18** – Programas que costumavam assistir antes do ingresso

<b>Que programas você costumava assistir?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Novelas (incluindo “Malhação”)	42	15	55
Filmes	36	35	80
Desenhos	20	15	5
Noticiários	6	15	-
Programas de auditório	6	10	5
Não sabe, ficava mais na rua e via eventualmente.	26	5	5

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Apenas três adolescentes, um de cada casa, admitiu a influência de terceiros na escolha da programação assistida na televisão. Os demais disseram decidir sozinhos os programas que iriam ou não ver antes da internação, como ilustra a tabela a seguir:

**Tabela 19** – Quem decidia na escolha da programação assistida

<b>Quem decidia o que você iria assistir?</b>	<b>Casa masculina da Capital</b>	<b>Casa masculina do Interior</b>	<b>Casa feminina da Capital</b>
Seu pai		-	-
Sua mãe	2	5	-
Seu pai e sua mãe	2		-
Algum parente	-	-	5
Você	98	95	95

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

É importante destacar que essa “decisão”, de acordo com os adolescentes, era restrita a alguns programas no momento em que a família estava reunida e não uma influência constante ou com o intuito de controlar o acesso ao meio.

### b) Durante a internação

Com exceção de um adolescente que disse não assistir televisão na FASE-RS, explicando ver, entretanto, o programa “Linha Direta”, todos os demais disseram assistir com frequência ao meio, como se pode perceber na tabela.

**Tabela 20** — Televisão na FASE-RS

<b>Você assiste televisão na FASE-RS?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Sim	98	100	100
Não	2	-	-

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

A maioria dos entrevistados disse assistir televisão à noite, principalmente na casa feminina onde o acesso ao meio só é liberado a partir das 18h.

**Tabela 21** – Horários que assistem televisão na FASE-RS

<b>Em que horário você assiste televisão?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
À noite	52	30	95
À tarde	28	15	-
Pela manhã	4	15	-
Em vários horários (incluindo a noite)	46	70	5 <sup>91</sup>

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

A emissora favorita da maioria dos adolescentes participantes da pesquisa é a Rede Globo (86%). Os gêneros televisivos com maior audiência<sup>92</sup> entre os jovens entrevistados são as novelas, os filmes e os noticiários, sendo os dois primeiros os favoritos. O programa

91 Esta adolescente tem uma medida diferenciada, que permite seu acesso ao meio em tempo integral.

92 Segundo dados do IBOPE-RS (2002), as novelas, principalmente a das 20 horas, são os programas de maior audiência jovem. O primeiro lugar na preferência deste público é a novela III, das 20 horas (21,2%); o segundo lugar é ocupado por “Malhação” (19,4%); em terceiro fica “Tela Quente” (16,9%); em quarto, a novela II (das 19 horas), em quinto a novela I, das 18 horas (16,5%); e em sexto, o “Jornal Nacional” (14,2%).

preferido entre os adolescentes das casas masculinas é a novela “Malhação”.

**Tabela 22** – Programas mais assistidos

<b>Programas mais assistidos</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
Novelas (incluindo Malhação)	82	80	90 <sup>93</sup>
Filmes	78	70	40
Noticiários	30	40	25
Documentários	6	15	10
Programas de auditório	-	25	-
Entrevistas	-	15	5
Desenhos	20	35	15
Outros	14	15	5

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Quando perguntamos a eles porque assistiam aqueles programas, 72,3%<sup>94</sup> disseram que gostavam; e 35%, por ser a escolha da maioria. Apenas dois adolescentes da casa masculina do Interior afirmaram que os assistiam por serem os escolhidos pela monitoria, como revela a tabela a seguir.

**Tabela 23** — Por que assistem esses programas

<b>Por quê?</b>	<b>Casa masculina da Capital (%)</b>	<b>Casa masculina do Interior (%)</b>	<b>Casa feminina da Capital (%)</b>
É o programa escolhido pela monitoria	-	10	-
É o programa escolhido pela maioria	30	35	40
Porque você gosta	82	55	80

Fonte: Formulários aplicados entre 09/2001 a 07/2002.

Usando como referência a pesquisa do NACI (2001), que apontou “Linha Direta” como o programa favorito desses jovens, acrescentamos nos formulários uma pergunta sobre essa preferência. Questionados se gostavam ou não desse programa, 76% dos adolescentes da casa masculina da Capital, 80% da casa masculina do Interior e 55% das adolescentes da casa

93 Esses números referem-se apenas às novelas já que essas adolescentes não assistem “Malhação”, que passa em um horário no qual elas não têm acesso ao meio.

94 Nas casas masculina e feminina da Capital, este percentual foi de 80%, e no Interior, 55%.

feminina disseram que sim. Quando indagamos sobre o motivo, a maioria referiu-se aos temas abordados no programa, como veremos mais adiante durante a análise das categorias propostas por Orozco. Ao perguntarmos sobre as novelas, questionando se gostavam do gênero, 75% dos jovens da casa masculina do Interior, 72% da casa masculina da Capital e 90% das adolescentes disseram que sim. Entre as suas favoritas, destacam-se as novelas<sup>95</sup> “O Rei do Gado”<sup>96</sup> e “Uga-Uga”<sup>97</sup>. A novela “Uga-Uga” estava passando um pouco antes de começarmos a aplicação dos formulários e foi assistida pela maioria dos jovens dentro da instituição.

Do total de entrevistados, 97% disseram gostar de filmes, sendo que, destes, 72% da casa masculina de Porto Alegre, 63,2% do Interior e 70% das adolescentes da casa feminina apontaram os filmes de ação como o gênero favorito. O filme “Titanic” também foi bastante citado pelos adolescentes, dos quais, aproximadamente, 10% apontaram-no como um dos seus preferidos.

Todos os dados apresentados acima foram fundamentais para a construção da etapa qualitativa deste estudo, descrita a seguir.

## 4.2 ANÁLISE QUALITATIVA

### 4.2.1 Perfil dos adolescentes entrevistados

Mary, Patrícia, Luciane, Pedro, João e Tiago<sup>98</sup> são adolescentes que, apesar de possuir histórias diferentes, vivem um mesmo drama: a angústia de se encontrarem privados de liberdade. Eles dividem com outras centenas de adolescentes internados nas casas da FASE-RS histórias marcadas pela violência (quer seja física, social ou econômica) e o rótulo de

---

95 “O Clone” não estava sendo apresentada na época em que aplicamos a maioria dos formulários aos adolescentes das casas estudadas.

96 “O Rei do Gado” foi citada por 12% dos adolescentes da casa masculina da Capital e por 15% das jovens da feminina

97 A novela “Uga-Uga” foi citada por 26% dos jovens da casa masculina da Capital e por 15% dos jovens do Interior. As adolescentes da casa feminina citaram ainda “Torre de Babel” e “A Viagem”, ambas com 10% das preferências. Dos adolescentes do Interior, 10% citaram também “Porto dos Milagres”, veiculada recentemente.

98 Esses seis adolescentes foram indicados pelos monitores para participar dessa etapa da pesquisa, tendo integrado também a fase quantitativa deste estudo.

serem adolescentes infratores. No texto a seguir, contamos um pouco de suas histórias, focando em três aspectos que foram os que mais se destacaram durante seus depoimentos e são também os que mais influenciam na relação que esses jovens estabelecem hoje com a televisão: família, relação estabelecida com a televisão durante a infância e a adolescência e ingresso na instituição. A relação com a televisão durante a institucionalização será abordada no item seguinte, o qual dedicamos a essa discussão.

## **A) Família**

A palavra família tem um sentido diferente para muitos dos jovens que participaram dessa etapa da pesquisa. Enquanto, para alguns, ela é uma instituição que nunca existiu, para outros, ela é o pilar que os estimula a tentar superar esse período e buscar uma vida diferente. Nestes relatos, a figura materna assume um papel central, como veremos no texto a seguir:

### **a) A família que nunca existiu: uma instituição invisível**

Pedro tem 17 anos e, desde os oito anos de idade, não vive mais com a sua família. Aos cinco anos, sua mãe separou-se do padrasto que conheceu como pai e os dois foram viver na rua. A vida “no Centro” durou pouco tempo, pois, em seguida, sua mãe “arrumou um novo padrasto”, e os dois foram morar com ele. Sua mãe era “dependente de álcool” e a vida com ela era insuportável. Um dia antes de completar seis anos de idade, Pedro pegou as suas coisas e voltou para a rua: “não suportava mais as brigas, ver a minha mãe apanhar, daí preferi sai [sic] de casa e vive sozinho”. Aos oito anos, uma senhora o levou para a casa dela, colocou-o na escola e abriu uma “caderneta de poupança”. Ela e o “seu marido” tornaram-se a sua família, mas nunca conseguiram substituir a ausência dos pais. Pedro considerava-se um peso na vida deles; e foi por isso que, aos 13 anos, mais uma vez, decidiu morar sozinho. Dessa vez, alugou uma casa na vila, que pagava com o seu próprio trabalho.

A história de Patrícia, também 17 anos, é um pouco diferente. Ao contrário de Pedro que decidiu sair de casa, Patrícia foi “expulsa” pela sua mãe, aos 14 anos de idade. Descrita como uma mulher controladora, Patrícia conta que sua mãe queria que ela estivesse sempre em casa, não lhe dava liberdade para sair com as suas amigas, o que fazia com que as duas estivessem sempre discutindo. Foi numa dessas discussões que sua mãe a mandou sair de casa. Desde então, Patrícia nunca mais teve contato com a sua família e vive perambulando, morando em diferentes hotéis situados no centro da cidade.

#### **b) A família, mãe**

Mary e Tiago, ambos 17 anos, vêm de famílias de pais separados e vivem apenas com suas mães. Seus pais paternos são narrados como figuras ausentes, que encontravam eventualmente, quando iam visitá-los. Suas mães, por outro lado, são descritas como figuras fortes e batalhadoras, que se empenharam para oferecer boas condições para seus filhos e para tocar o barco, mesmo na ausência de uma figura masculina. Elas estão sempre dando apoio durante este período em que estão internados. Mesmo morando em outra cidade, o que dificulta o contato físico entre eles, sabem que podem contar com elas para recomeçar novamente.

João, 19 anos, por outro lado, viveu durante muito tempo com a sua mãe, seu padrasto e seus três irmãos, mas há dois anos os dois se separaram. Sua mãe trabalhava muito para sustentá-los, e ele sempre teve uma vida relativamente tranqüila, estudava, tinha amigos e, toda a vez que precisou, teve dinheiro para comprar as coisas de que necessitava e para se vestir bem. Ele nunca precisou trabalhar para sobreviver. A corrida para trazer dinheiro para casa, entretanto, fez com que muitas vezes sua mãe estivesse ausente, não percebendo, entre outras coisas, o seu envolvimento com as drogas e a criminalidade. Antes de ingressar na instituição, João estava há três meses morando com sua madrinha que estava tentando colaborar para a sua reabilitação.

### **c) A família nuclear**

Entre todos os entrevistados, Luciane é a única que vive em um modelo de família nuclear, com seus pais e seu irmão na mesma casa. Sua mãe trabalha como empregada doméstica e seu pai é soldador. Apesar de vir de uma família humilde, Luciane sempre teve “de tudo” e nunca precisou trabalhar para ajudar no sustento de casa. Durante parte da sua infância, a família viveu na zona rural, onde seu pai trabalhava como chacareiro. Luciane descreve sua família como “amorosa” e bastante comprometida, explicando, entretanto, que passou a estabelecer uma relação mais próxima com a sua mãe após a institucionalização, compreendendo agora, mais do que nunca, a sua importância na sua vida.

### **B) Relação com a televisão: da infância à adolescência**

A televisão ocupou um espaço diferente na vida de cada um dos nossos entrevistados, e seu consumo sofreu influências tanto situacionais como econômicas. O momento que cada um desses jovens estava vivendo em um período específico, como o ingresso na escola, a mudança de cidade, a saída de casa, o início da adolescência e a socialização com outros jovens, foi determinante e definiu essa relação, que, segundo a maioria deles, quando existiu, nunca foi muito importante.

#### **a) Um mundo sem televisão**

Tiago não lembra ao certo quantos anos tinha quando começou a trabalhar. Ele conta que, desde muito cedo, trabalhava o dia inteiro para ajudar em casa: “Vendia papelão, puxava carrinho, fazia um pouco de tudo pra ajuda [sic.] a minha mãe”. Nessa rotina, as poucas horas de folga eram utilizadas para brincar com os amigos, jogar bola e correr pela rua. Como não tinha televisão em casa, disse que raramente assistia alguma coisa. As poucas vezes que teve contato com o meio foram nas casas de amigos ou de parentes. Aos 14 anos, com o dinheiro que ganhava trabalhando na oficina mecânica, Tiago comprou o primeiro televisor da família,

mas, mesmo assim, a rotina trabalho e escola não permitiam muito tempo para o meio: “Trabalhava das oito da manhã às sete da noite, daí ia pra aula e só voltava pra casa pra dormi. Via jogo e filme no final de semana, na casa do meu pai, e só” [sic.].

#### **b) A televisão que faz companhia**

Até os oito anos de idade, no universo de Pedro, a televisão era apenas um eletrodoméstico exposto nas inúmeras lojas que admirava nas ruas do Centro da cidade onde vivia. Quando relembra da sua infância até essa idade, só fala de trabalho: “Sempre trabalhei [...] quando tava com a minha mãe, trabalhava pra ajuda em casa [...] na rua, saía varrendo a frente das loja e em troca as pessoas me davam comida e coisas” [sic.]. Trabalho era sinônimo de sobrevivência.

Na sua vida pós-rua, assim como a escola, a televisão também passou a fazer parte do seu dia-a-dia. Pedro lembra de assistir a novela e também desenhos nos horários em que não tinha aula. A novela era assistida na presença “da Dona ----- e do marido dela” e era um dos compromissos “familiares” que tinha diariamente. Aos 13 anos, Pedro decidiu que era a hora de morar sozinho mais uma vez: “a dona----- estava muito velhinha, muito ranzinza e não queria ser mais um peso. Já tava trabalhando, daí, aluguei uma casa na vila” [sic.]. Nessa época, Pedro conta que “trabalhava das oito às oito”, e que a televisão era uma boa companhia: “Assistia o jornal, a novela, o que tivesse passando, até dormir [...] a TV era boa pra descansar depois do trabalho e pra não fica sozinho”[sic.].

#### **c) A televisão desligada**

Mary viveu grande parte da sua infância no Interior do Estado, em uma pequena cidade, e conta que “se criou” brincando na rua, andando de bicicleta, jogando com as amigas e que nunca gostou muito de televisão: “minha mãe sempre conta que nunca fui fã de televisão”. A única lembrança que tem é de ver o desenho do “Pica-pau”, o qual apreciava ainda

hoje. Para Mary, o desinteresse pelo meio pode ser explicado pelo fato de ninguém na sua casa gostar de assistir televisão: “Ninguém lá em casa assiste. Nem de novelas a minha mãe e a minha irmã gostam”. Se na sua infância a televisão nunca teve papel importante, quando entrou na adolescência, nada mudou. Aos 12 anos, com a separação dos seus pais, Mary foi viver com a sua mãe e irmãos em uma cidade maior e que oferecia mais opções para passar o tempo: “Nunca assistia TV. Tava sempre fazendo alguma coisa: estudando, dormindo, passeando” [sic.].

#### **d) A TV que socializa**

Ao resgatar sua infância, Patrícia lembra que, até os sete anos de idade, vivia em uma pequena cidade na Região Metropolitana, um lugar tranquilo, onde passava a maior parte do tempo brincando com seus amigos na rua. Assistir televisão não fazia parte das suas atividades, já que “brincar na rua era bem mais divertido”. Aos sete anos, a mudança para uma das COHABs da Capital e o ingresso na escola fizeram com que a televisão passasse a fazer parte da sua rotina: “Assistia TV a tarde inteira. Ia pra aula de manhã e à tarde via tudo que passava”[sic.]. Ela conta que sua mãe trabalhava fora, fazendo faxinas, por isso, ela via o que queria. Aos 11 anos, Patrícia conta que trocou a televisão pelo campinho de futebol da escola. Daí em diante, só assistia ao “Castelo Rá-Tim-Bum” e novela à noite com a família enquanto jantavam. A novela era o compromisso social da família, que se encontrava naquele horário para conversar, comer e assistir televisão. Aos 14 anos, com a sua saída de casa, a televisão perdeu seu espaço. Ela conta que via apenas quando ia visitar alguém ou, às vezes, à noite nas recepções dos hotéis em que vivia: “Descia quando não tinha o que fazer e via o que tivesse passando, quase sempre algum filme” [sic.]. Para ela, ver televisão, era ter contato com outras pessoas, conversar, e, quando queria sossego, nem saía do quarto, preferia escutar música.

### **e) A televisão como pano de fundo para outras atividades**

Luciane nasceu em uma granja, no Interior do Estado, onde seu pai trabalhava. A vida no campo era repleta de atividades ao ar livre, e, como só havia meninos da sua idade, era com eles que ela passava a maior parte do tempo, jogando bola e “bolita”, correndo no mato, brincando com bodoque, de esconde-esconde e andando de carrinho de mão. Aos sete anos, chegou a hora de ir para a escola, que passou a ocupar as suas tardes. Pela manhã, nessa época, Luciane começou a dedicar parte do seu tempo livre a assistir televisão, a maioria das vezes, vendo desenhos como os “Smurfs” e “Bambi”. Depois da escola, que ficava em uma das vilas mais próximas, Luciane também assistia televisão e conta que daí assistia tudo o que passava, independente da programação. Seu programa favorito era “Malhação”, recém-lançado na época. Aos nove anos, a família partiu para a cidade para o nascimento do seu irmão. Na escola da cidade, Luciane fez várias amigas, com as quais passava as tardes inteiras, brincando, e depois, com a chegada da adolescência, ouvindo música. O horário da televisão era à noite, junto com a família, e a programação era sagrada: “Jornal Nacional” e novela das oito. Luciane conta que foi, então, que descobriu o rádio (ou as músicas da época) e começou a destinar parte do seu tempo para ouvir música, a pensar nas coisas que vivia na escola e a sonhar, como todo adolescente. Aos 13 anos, Luciane conta que “largou a TV”. Estudava pela manhã, à tarde ficava na rua com as amigas e à noite sempre no quarto, “pensando”. A relação com a televisão ficou ainda mais abalada, quando, aos 14 anos, ganhou um aparelho de som dos pais, que ficava no seu quarto. Foi nessa época que conheceu seu primeiro namorado e começou a estudar à noite. Nessa nova fase, Luciane cuidava da casa no seu tempo livre e do irmão, que passava as tardes assistindo televisão com o namorado dela, na sua casa. Ela conta que, às vezes, ficava com eles, mas estudando ou fazendo alguma atividade paralela, raramente com o propósito de assistir alguma coisa. Embora, durante o dia,

a televisão não fizesse parte da sua rotina, quando voltava da escola, “lá pelas 11”, Luciane assistia filmes e ficava com o aparelho do seu quarto ligado até pegar no sono.

#### **f) A televisão como passatempo**

Nascido na Região Metropolitana, João conta que, durante a infância, estudava pela manhã e nos horários de folga gostava de jogar videogame ou ficar na esquina do colégio com os amigos. Para ele, TV só à noite, quando ficava até “altas horas” assistindo com seus irmãos. Ele conta que sua mãe dormia cedo, e, por isso, podiam ver o que queriam. Assistir ao “Jornal Nacional” também sempre fez parte da sua rotina diária. Diz que assistia a filmes com os irmãos ou qualquer outro programa que estivesse passando.

Na adolescência, começou a freqüentar cada vez mais o colégio, onde passava a maior parte do tempo com seu grupo de amigos, jogando, namorando, principalmente quando começou a estudar à noite. Nesse período, sua rotina era basicamente assim: manhã: colégio; meio-dia: almoço em casa e “Jornal do Almoço”; tarde: colégio; noite: aula até as 23; jantar em casa, rua novamente. Nos finais de semana, sempre ia “para o som” com os amigos, para curtir. O “Jornal do Almoço” era o único programa que assistia diariamente, e, às vezes, filmes, especialmente nas segundas à noite, quando estava em casa.

#### **C) Relação com a criminalidade: Seis adolescentes, seis diferentes histórias, três enredos**

Apesar de cada um desses jovens ter histórias diferentes, as razões que os levaram à instituição podem ser divididas em três categorias: a relação com as drogas, o homicídio “acidental”, o roubo para “viver”.

##### **a) Drogas: o impulso para o crime**

###### *João, da vida tranqüila aos pequenos furtos e ao latrocínio*

João começou a usar drogas aos 11 anos com os amigos do colégio. Durante um bom tempo não precisou roubar, pois usava o dinheiro que sua mãe lhe dava para comprá-las.

Entretanto, aos 14 anos, estava viciado, precisava da droga todo o dia, e o dinheiro que ganhava em casa não era mais suficiente. Foi assim que os roubos entraram na sua rotina, onde a escola perdeu o espaço para as drogas, festas e assaltos. “A gente assaltava tudo o que vinha pela frente: pessoas, lojas, postos de gasolina”.

João conta que, nesse período, sua mãe estava se separando do padrasto e o seu problema passou despercebido, até que um dia, a sua mãe o viu traficando dentro de casa. João começou um tratamento em um hospital, afastou-se dos amigos, mas depois de 20 dias de abstinência, desistiu; parou de ir à clínica e voltou tudo de novo. Até que um assalto, no qual ele acabou matando a vítima, levou-o pela primeira vez à FASE-RS.

### *Mary, a primeira vez*

"Sou uma dependente química". Foi com essa frase que Mary começou a contar um pouco da sua história. Nascida no Interior do Estado, Mary é uma adolescente de classe média-baixa, que poderia ter uma trajetória semelhante à da maioria das adolescentes brasileiras da sua idade, não fosse pelo fato de, aos 11 anos, ter começado a usar drogas; e, mais tarde, aos 15 ter ingressado no mundo do crime para poder comprá-las.

Mary conta que, com a mudança de cidade, aos 12 anos, o uso, que começou tímido, passou a ser mais intenso. No colégio, vieram novas amizades, festas e muitas coisas diferentes para fazer. "Estudava à noite, e, depois da aula, saía com os meus amigos para fazer festa, ia para o Centro. Depois, dormia até as duas da tarde, estudava ou ia namorar", relata. Mary conta que, no começo, algumas vezes ela conseguiu parar de usar drogas: "Tentei um monte de vezes pela minha mãe. Eu tava destruindo a vida dela", mas a droga sempre vencia e um dia não conseguiu mais parar. Em casa, ninguém mais lhe dava dinheiro e chegou a necessidade de roubar. Aos 15 anos, Mary roubava diariamente para comprar drogas e "fazer festa". Ela já perdeu as contas do número de lojas que já arrombou, de pessoas e de carros que roubou, e se orgulha de nunca ter ferido ninguém. "Sempre usei a minha força física para

roubar, nunca armas. Muitos guris me chamavam para dar ‘gravataços’ nas vítimas” [sic.]. Em 2000, Mary foi internada em uma clínica, em uma fazenda, para tratamento, onde ficou por cinco meses. O tempo na fazenda é descrito como um inferno. Em 2001, Mary saiu da clínica, ficou dois meses e meio "limpa", mas acabou voltando a usar drogas. Os roubos, as brigas com a família, a sua louca vida voltou em um ritmo acelerado, até que ela foi pega em um dos seus delitos. Esta é a primeira vez que Mary vem para a FASE-RS. Embora já tenha sido levada para a delegacia outras vezes, sempre escapou por não ter sido pega em flagrante.

#### **b) A fatalidade de cometer um homicídio**

##### *Luciane, ciúmes e um fim de semana nada pacato*

Luciane é uma adolescente que freqüentava a escola, namorava, era admirada pelos pais e tinha muitos amigos. Ela conta que não tinha uma vida social muito agitada, estava sempre com o namorado e os amigos, com os quais saía aos finais de semana: "Nunca fiz muita festa, só aos finais de semana e nunca nada pesado demais". Foi justamente em um desses finais de semana pacatos, durante uma festa, que sua vida mudou radicalmente:

Os amigos do meu namorado começaram a colocar uma pilha nele, dizendo que um cara tava dando em cima de mim. Ele e os amigos começaram a bater no cara, dar socos e pontapés sem parar. Ele implorava ajuda, pedia para eu dizer que ele não tinha feito nada, mas fiquei paralisada, olhando, até que ele morreu, de tanto apanhar [sic.].

Dáí foi tudo muito rápido: a polícia, a apreensão e o ingresso na FASE-RS. Luciane está na instituição há sete meses e acredita que terá que ficar por pelo menos mais seis meses. Para a sua família, foi um choque, a filha mais velha, que sempre foi uma menina exemplar, foi levada para Porto Alegre, acusada de homicídio. A família viveu a pressão de toda a comunidade local, que acusava os pais de Luciane de terem criado uma assassina. Hoje, a garota confessa que precisa de medicamentos para poder suportar o que viveu. "Ainda hoje acordo no meio da noite ouvindo a voz do guri me pedindo socorro. É horrível". Para

Luciane, este período está servindo para que ela, de alguma forma, pague pelo seu erro: "Nada vai apagar o que fiz, mas pelo menos eu cumpri a minha pena".

### ***Tiago, discussão e ameaças***

Tiago é um rapaz introspectivo. Não gosta de falar muito sobre a sua vida, pois acha que não tem muito que falar, já que fracassou no seu principal objetivo: nunca cair na vida do crime. “Vi o meu irmão e muitos amigos caírem na criminalidade e fugi deles para não seguir o mesmo rumo”. Tiago conta que “não curtia festas” e que “nunca usou drogas”. A vigilância para tentar não seguir os passos do irmão foi por água abaixo quando em uma noite, na escola, discutiu com um “cara”:

Ele falou mal da minha mãe. Dei uma surra nele, e ele prometeu que ia me matar [...] Não tinha mais volta, era ele ou eu [...] Comprei uma arma e matei pra me defender.

Tiago fugiu para Porto Alegre e foi preso aqui há 11 meses (na época da entrevista). Segundo ele, ainda tinha mais “seis meses pra puxar”.

### **c) Roubo: o dinheiro “fácil”**

#### ***Pedro, o crime paga melhor***

Pedro sempre trabalhou para se sustentar; e, apesar de ter vários amigos que assaltavam, garante que resistiu o que pôde. Até que um dia, ao ficar sem emprego e não ter como pagar as contas que já estavam se acumulando, não achou outra alternativa a não ser aceitar a ajuda dos amigos e começar a roubar: “Me lembro bem. Foi em março de 2001”.

Em seguida, ele arrumou um novo emprego. Mesmo assim, continuou roubando, afinal, o dinheiro que ganhava em uma noite era muito superior ao que ganhava em um mês, trabalhando na empresa de transporte. Depois de alguns roubos foi pego e passou um mês no ICS. Quando saiu, recebeu o convite do antigo patrão para voltar a trabalhar. Trabalhou lá por três meses até que foi preso mais uma vez pelo roubo de um carro. Pedro conta que fugiu dos

roubos o quanto pôde, mas, quando começou, não conseguiu mais parar. A adrenalina, o dinheiro, tudo o que aqueles momentos traziam era muito gratificante. Na época da entrevista, Pedro estava na instituição há seis meses.

***Patrícia, de hotel em hotel***

Patrícia tem 17 anos e já esteve na FASE-RS várias vezes. Vive sozinha, alugando quartos em hotéis no Centro da cidade e rouba para “poder sobreviver”. Muda de hotel de tempos em tempos e conta que precisa cuidar dela mesma, pois não tem mais ninguém para fazer isso. Até os 14 anos, a história de Patrícia era completamente diferente. Quando olha para trás, ela conta que nunca imaginou que sua vida tomaria este rumo, um caminho que hoje, desabafa, será quase impossível de mudar. Para Patrícia, no dia em que saiu de casa e foi para o Centro, ela anunciou sua sentença: “no Centro conheci muita gente envolvida com crimes e drogas e foi aí que joguei minha vida fora”.

Para poder viver sozinha, Patrícia procurou alguns empregos, fez faxinas, vendeu café no Centro, mas todos pagavam muito pouco e eram incompatíveis com a vida de festas que queria ter: “Fazia festa até de madrugada, daí nunca conseguia chegar pra trabalhar na hora certa”. Foi, então, que começou a roubar. Hotéis no Centro da cidade viraram a sua casa, e vivia um dia de cada vez. Com o dinheiro que roubava em um dia, pagava a sua diária do dia, a sua alimentação do dia, a sua festa do dia e as suas drogas do dia.

Embora não seja viciada em drogas, conta que, quando tinha dinheiro, usava. Patrícia esteve várias vezes na FASE-RS; todas passagens rápidas, até que, no ano passado, foi pega durante um assalto e acabou institucionalizada novamente; desta vez, pelo período de dois anos.

## 4.2.2 Adolescentes Privados de Liberdade e a Televisão

### 4.2.2.1 Mediação televisiva: A importância da TV dentro da instituição

Se tivesse que ficar sem ela [a televisão], daí nós fugia.  
Depoimento de um adolescente durante o grupo de discussão.

A mediação televisiva, ou tecnológica, é uma das mais importantes para o processo de recepção. De acordo com Orozco (2001), essa mediação consiste fundamentalmente em uma naturalização da significação da realidade, que pode se dar de diferentes maneiras. Para o autor, a criação da notícia<sup>99</sup>, a presencialidade do receptor<sup>100</sup>, a construção de verossimilitudes<sup>101</sup> e a apelação emotiva<sup>102</sup> são as que mais se destacam e as que merecem uma maior atenção. Segundo Orozco (1996a, p.185), a mediação que a TV exerce na representação dos acontecimentos é possível, em grande parte, devido ao alto grau de fidelidade técnica com que ela pode reproduzir e transmitir as imagens.

Para este grupo de adolescentes, nesse período de suas vidas, a televisão assume um papel de mediação entre a sociedade e a instituição, funcionando como um elo que os liga, de alguma forma, à vida que ficou fora dos muros da FASE-RS, assumindo um papel diferenciado do que tinha antes, e, como eles explicaram, “mais importante”. Essa mediação deve-se em grande parte à capacidade de romper as barreiras do tempo, do espaço e da lógica

---

99 Orozco (1991a, p.37) explica que reportar o que acontece no mundo é uma das mediações mais claras e frequentes da programação cotidiana de uma televisão comercial. As notícias são criadas ou “produzidas” não só no sentido de que são inventadas, mas sim como produtos de um determinado processamento “industrial da informação, contendo uma série de elementos acordados, carregando uma determinada ideologia, neste caso, uma ideologia do processo de produção capitalista”.

100 Segundo Orozco (1991a, p.37), outra maneira em que a televisão media a presença da realidade é a de fazer o ‘televidente’ testemunha presencial dos acontecimentos mostrados na tela. O efeito que se produz, explica o autor, é que o receptor parece estar frente à realidade e não frente a uma representação dela.

101 Para Orozco (1991a, p.38), o alto grau de “representacionalismo” que caracteriza o conteúdo televisivo é factível tanto pelas possibilidades videotecnológicas como pela intencionalidade do emissor para ‘fazer verossímil a sua mensagem’. A ‘aparência de verdade’ que caracteriza muito desse conteúdo consiste então outra forma de mediar ao sujeito receptor o que se apresenta na tela.

102 Orozco (1991a, p. 38) ressalta que a apelação das emoções do receptor é uma forma muito generalizada de mediação da programação televisiva. Ao contrário das outras instituições que são mais discursivas e, por conseguinte, incidem fundamentalmente no âmbito racional do adulto, a televisão tem uma grande facilidade para incidir no afetivo e no emocional.

que a televisão possui e que lhe permite colocar a sua audiência em latitudes, temporalidades e dimensões cognitivas inexistentes (OROZCO, 1996a, p. 185). Essas especificidades apontadas por Orozco são fundamentais para esses jovens durante a internação, permitindo que, mesmo sendo privados de sua liberdade, de alguma forma, eles possam “presenciar” o que acontece na sociedade. O uso que esses jovens fazem da televisão hoje é determinado por esta característica e se diferencia drasticamente do uso que faziam anteriormente. Antes de ingressar na instituição, muitos desses jovens passavam a maior parte do tempo na rua, com seus amigos, realizando atividades externas, ou trabalhando. Embora muitos adolescentes dissessem assistir televisão diariamente, como vimos na etapa quantitativa, a maioria destinava poucas horas ao meio, agregando à televisão o papel de uma forma de passar o tempo, na maioria das vezes, quando não havia mais nenhuma outra opção.

Durante a internação, a noção de tempo desses adolescentes passa por uma mudança significativa. Dentro da instituição, eles têm horários para tudo e sabem exatamente como será a sua rotina no dia seguinte; o horário de cada atividade, de acordar, de tomar café, de ir à escola, dos intervalos e também de ver televisão<sup>103</sup>. A rotina institucional é vista como um tempo imutável, em que as atividades vão se desencadeando sem oferecer surpresas<sup>104</sup>. Assim, é nesse novo cenário que a televisão aparece como uma opção para passar o tempo e para conectá-los com o mundo da rua, com a sociedade e com um pouco da sua vida que ficou para trás; uma oportunidade de vivenciar experiências que não são mais parte da sua rotina diária:

---

103 A maioria dos adolescentes das casas masculinas disse estudar em um dos turnos (manhã ou tarde) e no outro turno, normalmente duas ou três vezes por semana, realizar alguma atividade, que irá variar de acordo com a casa e com o interesse dos jovens. Nas casas masculinas estudadas para essa pesquisa, os adolescentes citaram participar de oficinas como culinária, artesanato, cestaria, trabalho em gesso, jardinagem, mecânica e assistente administrativo. Nos dias em que não há atividades, alguns narraram dormir até mais tarde, assistir televisão ou ficar no “brete” ouvindo música. Na casa feminina, a rotina é mais agitada e a maioria das meninas, além de estudar, frequenta oficinas de culinária, corte e costura, de “salão de beleza” e de informática, além disso muitas delas trabalham na lavanderia em um turno, trabalho pelo qual são remuneradas. A televisão, como veremos mais adiante, só é liberada a partir das 18 horas.

104 A rotina institucional dos jovens consiste em momentos de alimentação, de pátio e atividades de recreação, de atividades de lazer, de cursos e oficinas promovidos pela FASE, de escola e visitas familiares. De acordo o relatório do NACI (2001, p. 59), o envolvimento dos jovens nessas atividades é, como eles mesmos colocam, “para passar o tempo” ou para contar pontos na hora da avaliação. O texto ressalta que poucos internos expressam esperança nas aulas escolares (NACI, 2001, p. 59).

Deus o livre ficar sem TV. Ficaríamos perdidas, sem informação. Seria muito ruim [sic.]. (Patrícia - 17 anos – CFC).

A TV é importante aqui [...] ela distrai e mostra o que acontece lá fora [...] ela é boa pra passa o tempo, por causa que não tem muita coisa pra fazer, por causa que senão a gente fica andando no corredor de lá pra cá, de cá pra lá [sic.]. (Pedro – 19 anos - CMC).

A TV é o único jeito de ter contato com o que acontece lá fora. Ela é muito mais útil pra mim agora [sic.]. (Luciane – 15 anos – CFC).

Acho ela importante pra saber o que tá acontecendo lá fora e ficar informado de algumas coisas [...]. Sem TV, seria difícil ficar na FEBEM [sic.]. (João – 19 anos – CMC).

Uma das adolescentes entrevistadas relatou essa mudança com precisão:

Logo que cheguei aqui, comentei com a minha mãe que não entendia como essas gurias podiam gostar tanto de TV, elas davam tudo pra ver TV. Hoje, eu entendo o que elas sentiam, porque é bem o que eu sinto [sic.]. (Luciane – 15 anos – Casa Feminina da Capital).

Nessa nova realidade, os noticiários televisivos<sup>105</sup>, que antes não eram vistos como programas importantes, passam a ganhar um significado especial, sendo um dos mais assistidos dentro das casas estudadas<sup>106</sup>. Afinal, é através dos noticiários<sup>107</sup> que esses jovens ficam por dentro do que está acontecendo “no mundo lá fora”:

As notícias são importantes. Os guris comentam quando vêem notícias do seu bairro [...] só que as notícias ficam lá fora, elas não vêm para a TV [sic.]. (Pedro – 17 anos – CMC).

Gosto de assistir o jornal pra ficar informado, saber o que tá acontecendo [sic.]. (João – 19 anos – CMC).

O jornal é importante pra ver o mundo lá fora [sic.]. (Patrícia – 17 anos – CFC).

---

105 Embora os noticiários tenham sido apontados por apenas 42,1% (CMI), 25% (CF) e 30% (CMC) dos adolescentes que participaram da primeira etapa do projeto como programas que assistem na instituição, durante as entrevistas e os grupos de discussão, descobrimos que esses jovens assistem sim aos noticiários, como ficou claro a partir de seus depoimentos e pelas informações passadas por monitores que disseram que estes são programas com uma grande audiência dentro das casas.

106 Para a maioria desses jovens, quando estavam na rua, os noticiários não eram gêneros aos quais costumavam assistir, sendo citados apenas por 6% dos adolescentes da Capital e 15% dos do Interior. Nenhuma das adolescentes entrevistadas citou os noticiários entre os programas que costumavam assistir quando estavam em liberdade.

107 Para Orozco (1996a), os noticiários parecem constituir a mensagem mais poderosa através do qual com maior contundência se realiza a mediação da TV entre o que acontece no mundo externo e a audiência.

Na casa feminina, como um grande número dessas adolescentes, aproximadamente 50%, é proveniente do Interior, o noticiário local também foi apontado como uma forma delas saberem o que está acontecendo na sua região.

O Jornal da RBS é sagrado para nós. Sempre assistimos pra ver se aparece alguma notícia das nossas cidades [sic.]. (Luciane – 15 anos - CFC).

Durante o grupo de discussão, as adolescentes explicaram a importância do gênero, ressaltando:

Assisto o jornal pra saber um pouco do que acontece lá fora.

O jornal é importante; é uma forma de saber o que ta acontecendo; de ver o mundo lá fora.

É tri poder acompanhar o que acontece no país, no mundo, acompanhar a Copa.

Além de ser uma forma de ficar “por dentro do que acontece”, para alguns adolescentes, o ato de assistir televisão representa uma forma de socialização e de evitar a solidão do “brete”<sup>108</sup>:

Não gosto muito de TV, mas assisto às vezes pra não ficar sozinha. Todo mundo tá assistindo e daí acabo vendo também [sic.]. (Mary – 17 anos – CFC).

Por outro lado, algumas vezes, eles não assistem a televisão para evitar a socialização intrínseca no ato, como explicaram esses adolescentes:

Às vezes eu evito de olhar por causa de alguma brincadeira. De algum guri tocou um papel. De um guri fala alguma coisa, de um guri dá um “taco”<sup>109</sup>. Aí eu evito [...] normalmente, eu vou sempre [sic.]. (João- 19 anos – CMC).

Se tô muito cansada ou vejo que tá muito barulhento na sala, fico no meu dormitório. Às vezes, não tô a fim de barulho [sic.]. (Patrícia - 17 anos – CFC).

---

108 Gíria utilizada pelos adolescentes para referirem-se aos seus dormitórios ou quarto dentro da instituição.  
109 “Dar um taco” é uma gíria utilizada por eles e significa “incomodar”, “mexer”.

#### 4.2.2.2 Mediação institucional: O papel da diretoria na recepção televisiva dos adolescentes da FASE-RS

Assisto nesses horários porque é quando a gente pode vê.  
Luciane – 15 anos – CFC.

Para compreender a relação que esses adolescentes estabelecem com a televisão durante a sua institucionalização, precisamos considerar a importância da diretoria e da política adotada por esta quanto ao meio, pois, como explica Orozco (1996a, p. 89),

Cada instituição cria seu próprio ambiente ou subcultura, suas regras, seus dispositivos e seus modos de coerção ou castigo para seus membros. Isto também supõe um jogo de poder ao interior de cada uma e no seu exterior constituindo uma mediação.

Assim como nas famílias, os pais normalmente estabelecem uma cultura televisiva impondo certos limites e estabelecendo algumas concessões, na FASE-RS a diretoria de cada casa assume um papel semelhante. É a diretoria de cada casa que determina os horários que os jovens poderão ter acesso à televisão e em que circunstâncias eles serão privados desse acesso, entre outras resoluções, que influenciarão nesse contato. É ela que estabelece os horários e controla o acesso à televisão, determinando se a recepção de um determinado programa se dará ou não, definindo a política a ser adotada, podendo liberar ou privar esses jovens do acesso ao meio. Nas unidades da FASE-RS<sup>110</sup>, não existe uma uniformidade quanto a essa política. Enquanto há casas que privam os adolescentes do acesso ao meio, permitindo que assistam apenas em algumas noites da semana e somente filmes de vídeo selecionados sob a supervisão dos monitores, há outras em que os jovens possuem acesso à televisão a qualquer hora.

---

110 Ver anexo II para obter mais informações sobre a política da televisão nas diferentes casas da FASE

### **A) Casa masculina da Capital**

Na unidade masculina de Porto Alegre, a política é bastante flexível. A televisão é ligada às 7h30min pela manhã e é desligada às 23 horas durante a semana e à uma hora nos finais de semana. O horário que cada adolescente assistirá é administrado pelo próprio jovem, que, normalmente, assiste durante os intervalos entre uma atividade e outra, ou nos horários em que não tem aula, e também à noite, o “horário nobre” dentro da casa, na qual um grande número de adolescentes reúne-se para assistir televisão. A política adotada pela diretoria é de flexibilizar o acesso ao meio, entendendo que, assim, os jovens terão mais opções para passar o tempo e se distrair durante sua institucionalização. “Esses jovens já estão privados de liberdade e não podemos privá-los de tudo”, explicou uma das assessoras.

O fato de a televisão ser liberada durante o dia todo é determinante na forma como esses jovens interagem com o meio. Durante as etapas quantitativas, a maioria dos adolescentes disse assistir televisão em vários horários diferenciados, nos momentos em que não havia atividades e também à noite. Esse uso foi apontado pelos adolescentes que participaram da etapa qualitativa, os quais ressaltaram, entretanto, que, a partir das 5 horas, é o horário que eles mais assistem e com mais atenção.

Eu começo a vê TV na hora da “Malhação”, lá pelas cinco, depois vejo tudo que passa até a hora de dormir, 11 e meia [sic.]. (João - 19 anos – Casa masculina da Capital).

Eu assisto a “Malhação” e aí o jornal e todas as novelas [...] fico vendo até umas 10 e pouco [sic.]. (Pedro – 17 anos – Casa masculina da Capital).

### **B) Casa masculina do Interior**

A casa masculina do Interior é uma unidade na qual a televisão é utilizada, muitas vezes, como uma ferramenta de penalização coletiva, por isso, a sua política, constantemente, sofre alterações. Durante a realização da primeira etapa dessa pesquisa, na qual aplicamos os formulários quantitativos, a televisão ficava liberada para os adolescentes durante o dia

inteiro, das 7h30 às 22h30min. Eles podiam assistir quando quisessem, desde que não tivessem aula ou atividades naquele horário<sup>111</sup>. Por isso, muitos deles disseram assistir o dia inteiro, entre uma atividade e outra. Entretanto, na última visita que fizemos a casa, descobrimos que devido ao mau comportamento de alguns jovens de uma das alas, todos perderam o direito de assistir ao meio. Muitos deles estavam bastante revoltados com a mudança, que foi seguida por duas rebeliões. A partir desses episódios, a televisão foi proibida dentro da unidade, sendo utilizada, atualmente, apenas com fins acadêmicos, como para a exibição de vídeos pedagógicos.

Durante a primeira etapa dessa pesquisa, percebemos que, para a diretoria dessa unidade, a televisão também tinha a função de controlar comportamentos. Em todas as visitas que fizemos à unidade, sempre encontramos pelo menos três jovens que não assistiam televisão há algum tempo por estarem “de medida”<sup>112</sup> por mau comportamento. Nessas ocasiões, eles podem assistir apenas 20 minutos por dia, assim como tem seu acesso ao pátio controlado, entre outras privações. Esse uso repete-se em outras unidades.

### **C) Casa feminina**

Na casa feminina, a televisão é liberada a partir das 18h e permanece até as 22h30min, quando as adolescentes recolhem-se para seus dormitórios. Essa política limita o acesso destas jovens a alguns programas que disseram gostar, como a “Malhação” e o “Linha Direta”. Durante o dia, o televisor permanece desligado e elas dedicam-se a outras atividades e também à escola. Como seus dias são cheios de atividades, inclusive remuneradas, essas

---

111 Antes eles podiam assistir até as 23h30, com a mudança, programas como o “Linha Direta” e outros que passavam naquele horário, acabaram saindo da sua programação.

112 Estar de medida significa estar sendo penalizado por alguma infração às normas da casa.

jovens parecem não se importar por não poderem assistir televisão durante o dia, e, embora tenham saudades de alguns programas, disseram estar satisfeitas com a atual política<sup>113</sup>:

Eu vejo TV a partir das seis, que é o horário que é ligada. Dai fico vendo até as 10 e meia, quando vamos dormi [...] Já me acostumei com esse horário. É bom assim [sic]. (Patrícia – 17 anos – Casa feminina da Capital).

#### 4.2.2.3 Mediação situacional: A política da sala de estar e a importância do grupo como principal comunidade de apropriação na recepção dos jovens

A gente sempre comenta o que passa na TV, principalmente o jornal ou uma coisa como o “Clone” que nos passou uma mensagem muito positiva. (Depoimento de uma adolescente durante o grupo de discussão).

Orozco (2001) conceitua como “televidência<sup>114</sup> de primeira ordem” e como “mediação situacional” o que David Morley (1986) e James Lull (1980) referem-se em suas obras como a política da sala de estar<sup>115</sup>. Segundo Morley (1986), o cenário no qual a recepção televisiva acontece é fundamental na forma como se dará esta exposição, e, conseqüentemente, na leitura que será feita das mensagens. Como Orozco (1996a, p. 87) explica, “cada cenário abarca possibilidades e limitações para o processo de recepção televisiva, tanto a nível espacial como em nível da interação possível da teleaudiência”, o que influencia diretamente no processo televisivo das casas estudadas, nas quais a mediação situacional e a “televidência” de primeira ordem assumem um importante papel, como podemos observar ao estudar a recepção televisiva desse grupo.

Nas duas casas **masculinas**, a televisão possui um espaço nobre. Há uma “sala de televisão” para cada ala, ou seja, duas por unidade. A sala de ver televisão é uma espécie de

113 Na unidade feminina, assim como a televisão, ouvir música também pode ser uma atividade coletiva. Durante as 7h e às 9h da manhã, cada adolescente pode escolher três músicas que serão tocadas durante a realização de atividades, como limpar a cozinha e organizar os dormitórios.

114 Adotaremos o termo televidência por ser o mais adequado para explicar a recepção televisiva desse grupo a partir do “Modelo das Múltiplas Mediações”, já que foi um termo cunhado por Orozco para o estudo de seu modelo.

115 Morley (1986, 19) explica que o conceito *the politics of the living room* foi usado, primeiramente, pelo pesquisador Sean Cubitt, que, ao falar sobre isso, descreveu a sala de estar como um lugar onde “*if the camera pulls us in, the family pulls us out and where the people you live with are likely to disrupt, if not shatter, your communication with the box in the corner*”.

auditório, com bancos de concreto embutidos, na qual só há o aparelho. A sala de TV foi um lugar criado para ver TV e nada mais<sup>116</sup>.

Durante a recepção televisiva, eles comentam os programas, conversam sobre o que estão assistindo e, se um conhece mais de um determinado assunto, ajuda os demais a compreendê-lo<sup>117</sup>:

Nós sempre comentamos, principalmente as notícias do que acontece nos bairros.  
(Pedro – 17 anos – CMC)

A gente sempre fala enquanto vê TV. Durante a “Malhação” a gente comenta sobre tudo que acontece. (João – 19 anos – CMC)

Na casa masculina do Interior, o uso se repete e vários adolescentes explicam que o clima na sala é sempre de concentração, “não dá pra fazer bagunça”. O grande número de jovens que se encontram em cada sala (em média 40 na Capital e 20 no Interior) torna determinante o bom comportamento de todos, o que faz com que os monitores estejam sempre presentes nesse momento, controlando qualquer princípio de bagunça<sup>118</sup>. O ato de ver TV é, geralmente, acompanhado por uma “roda de chimarrão”.

O grupo dos jovens institucionalizados, além de ser o que Orozco conceituou de *viewing community* (comunidade de televidência), também pode ser considerada a principal comunidade de apropriação<sup>119</sup> e a principal comunidade interpretativa desses jovens durante a

116 Durante os grupos de discussão, os adolescentes explicaram essa tendência: “quem tá na sala é pra vê TV. Quem quer fazer outras coisas, vai jogar na quadra, jogar carta ou ouvir rádio no ‘brete’” (Depoimento de um adolescente durante o grupo de discussão).

117 Verificamos na recepção televisiva desses adolescentes também uma certa solidariedade. Muitos internos procuram auxiliar os demais durante a recepção televisiva, explicando quando um sabe mais sobre um determinado programa que os outros. De acordo com as professoras da escola que esses jovens freqüentam, essa solidariedade é comum durante as aulas, nas quais, segundo elas, não há relações de poder, e os que sabem mais, geralmente, auxiliam os que têm mais dificuldade.

118 Várias rebeliões que ocorreram na instituição tiveram início na sala de TV. Por isso, atualmente, eles tentam controlar o comportamento desses jovens nesse momento o máximo possível. Em uma das casas da capital, por exemplo, o uso da televisão passou a ser limitado a apenas à audiência de filmes, com seis jovens de cada vez, devido a uma rebelião deflagrada na sala há dois anos. Em outras casas, metade da ala assiste em uma noite, e a outra metade na noite seguinte, ou seja, 20 em cada noite, para que os monitores possam controlar qualquer incidente.

119 As comunidades de apropriação são definidas por Orozco como aquelas nas quais se negocia a mensagem televisiva para a sua aceitação parcial ou para a sua rejeição. (1991a, p. 49).

institucionalização. Embora o autor explique que muitas vezes *the viewing community* não seja necessariamente o mesmo que comunidade interpretativa e nem sempre a mais importante comunidade de apropriação, no caso da FASE-RS, compreendemos que a *viewing community* é uma das mais importantes comunidades de apropriação para esses jovens, pois é durante a recepção televisiva que eles comentam, apropriam ou reapropriam as mensagens. Durante a realização dessa pesquisa, procuramos identificar outras comunidades significativas, mas percebemos que nenhuma tem o mesmo papel que a sala possui.

A escola, por exemplo, que é considerada uma importante comunidade de apropriação para crianças e adolescentes, não parece determinante na leitura dos programas para esses jovens, sendo apenas uma comunidade de referência, uma vez que influencia na sua identidade e nas mudanças que vivenciam durante a internação, como vimos anteriormente. Quando perguntamos se comentavam ou discutiam programas ou coisas que viam na televisão na escola, a resposta foi negativa. Perguntamos também aos professores, que confirmaram, explicando que é muito difícil haver uma discussão sobre programas televisivos. A diretora da escola lembra apenas de acontecimentos marcantes, como os jogos da Copa, o final da novela “O Clone”, a prisão de Fernandinho Beira Mar e, eventualmente, algum episódio de “Malhação”. Uma explicação pode ser o fato desses jovens assistirem televisão juntos e fazerem seus comentários durante a recepção do programa ou mesmo durante os comerciais, o que não ocorre com crianças e adolescentes que vivem com suas famílias, que, normalmente, assistem sozinhos ou com adultos e comentam com seus colegas quando chegam à escola. No caso dessa audiência específica, percebemos que o fato destes jovens estarem juntos no momento em que a recepção de um determinado programa acontece faz com que eles resolvam a apropriação ou não das mensagens televisivas durante o próprio processo de recepção, não existindo a necessidade de discussão na escola já que os mesmos já foram “resolvidos” previamente.

A família<sup>120</sup>, por estar ausente no momento da recepção, também não foi apontada como uma importante comunidade de apropriação, sendo, assim como a escola, apenas uma comunidade de referência. Muitos jovens vêem seus familiares muito pouco, apenas durante as visitas e, nesses momentos, segundo eles, raramente, comentam coisas que viram na televisão.

Na **casa feminina**, há quatro alas (duas com uma média de 10 adolescentes cada e duas como uma média de 3 a 5 adolescentes) e todas elas têm o seu televisor. O aparelho fica em uma peça grande que é, ao mesmo tempo, a cozinha, a sala de estar e a sala de som da casa<sup>121</sup>. É uma peça aconchegante, similar a de qualquer casa, onde as adolescentes realizam diferentes atividades e a qual apreciam muito<sup>122</sup>. O fato da sala de ver televisão ter múltiplas finalidades faz com que, muitas vezes, as adolescentes estejam na sala durante o horário da TV, mas fazendo outras atividades, como tricô, crochê, estudando ou mesmo cozinhando. A atenção dada à televisão vai depender do interesse pelo programa. Há alguns que são assistidos com atenção, os quais elas comentam e trocam idéias, e há outros cuja atenção é relativizada pela realização de outras atividades.

O ato de ver TV, se o programa é interessante, é sempre acompanhado de comentários, como elas explicam:

Durante o “Jornal”, principalmente, conversamos bastante, comentando o que acontece. Quando alguma sabe mais sobre um assunto, explica para as outras. É legal. Às vezes vira uma algazarra. (Patrícia – 17 anos).

Quando assistimos coisas como “O Clone”, comentamos bastante [...] a morte do Tim Lopes e outras coisas que chocam bastante [...]. Muitas gurias que vivem no morro, onde tem tráfico, assassinatos, ficaram horrorizadas. Muitas falaram sobre a vida lá fora, sobre o caminho que a malandragem e as drogas levam e ficaram até felizes por tá aqui nesse momento {sic.}. (Luciane – 15 anos).

---

120 Orozco (1996a, p. 76) explica que a família, a escola, o trabalho, os vizinhos, etc, constituem comunidades de significação enquanto nelas há um “intercâmbio” de apropriações que se faz ou se tem feito das mensagens e se reapropriam até produzir uma significação mais definitiva ou pelo menos mais duradoura, o que não se verificou neste estudo.

121 Em uma das alas, que acolhe adolescentes que têm filhos no local, o televisor fica no dormitório, que constitui toda a ala.

122 Sempre que podem, mostram a sala, assim como os seus dormitórios, exibindo um certo orgulho em relação ao seu espaço, a sua organização e a sua limpeza. A casa toda está sempre impecavelmente limpa e organizada.

Para as adolescentes, assim como para os meninos, o seu grupo é a principal comunidade de apropriação e de interpretação. Durante a recepção televisiva, elas<sup>123</sup> comentam o que vêem, contextualizando com suas histórias na rua, fazendo uma leitura coletiva das mensagens, as usando, muitas vezes, como pauta para contar um pouco sobre as suas experiências, como ilustra esta adolescente:

Sempre comentamos o que a gente vê na TV. Um dia, tava passando uma notícia de uma mulher que abandonou o filhinho, e daí nós comentamos indignadas. Só que uma das gurias viveu uma situação parecida [...] comentamos o que aconteceu tentando fazê ela entender que não podia acobertar isso [...] tem muita coisa que aparece na TV e que nós já vivemos. Quando aparecem as cenas da Mel [personagem da novela “O Clone”], também comentamos bastante [sic.]. (Mary – 17 anos).

Verificamos nas casas da FASE-RS o que autores como Michelle Wolf, Timothy Mayer e Christopher White (1982); David Morley (1986) e James Lull (1980) haviam apontado em suas pesquisas, ou seja, o uso do conteúdo televisivo para criar tópicos para conversações e, até mesmo, formas de interação a partir da discussão de assuntos que permitam às pessoas conhecerem-se melhor. Morley (1986, p. 31), ao estudar a recepção televisiva em famílias, explica:

O conteúdo televisivo é usado para facilitar a conversação, oferecendo temas sobre os quais é possível estabelecer uma interação [...] Isso pode acontecer na forma de conversações paralelas à recepção do programa ou através da lembrança que esses conteúdos nos trazem de histórias, possíveis anedotas ou piadas as quais podem ser comentadas durante o próximo intervalo comercial ou ao final do programa.

Morley (1986, p.31) ressalta, ainda, que a televisão, muitas vezes, é utilizada para estimular conversações sobre experiências passadas, como verificamos durante a nossa pesquisa, principalmente no grupo feminino<sup>124</sup>. Lull (1980) também contribui com essa

---

123 Assim como os adolescentes, elas também comentam bastante sobre a sua vida, seus delitos e todas sabem muito sobre a vida das demais.

124 As adolescentes, durante o grupo de discussão, apontaram também a lavanderia, onde muitas delas trabalham, como um local onde comentam coisas que vêem na televisão, mas a comunidade de apropriação continua sendo as próprias adolescentes, não há uma interferência externa. O horário de ver televisão, para essas jovens, é também considerado um momento de socialização, no qual as meninas se encontram no final do dia para relaxar e conversar.

discussão em sua pesquisa, relatando que personagens, histórias e temas abordados na televisão são usados por telespectadores como referência para ilustrar certas experiências. Como veremos mais adiante, muitas vezes, a personagem Mel — de “O Clone” — foi utilizada por essas jovens como pano de fundo para as suas histórias, assim como outras personagens e notícias veiculadas.

A família, a escola, os técnicos e os monitores são agentes marcantes na vida desses adolescentes durante a internação; e todos trabalham para reforçar o discurso institucional que procura levar o jovem a reconhecer o erro de seu comportamento, assumir responsabilidade pelo que fez e expressar empatia pelas pessoas prejudicadas por seus atos, reconhecendo que o crime não compensa (NACI, 2001, p. 56). Todos esses discursos são importantes para esses jovens e influenciam na apropriação que fazem das mensagens televisivas, mas conflituam com os seus diferentes discursos, já que estes jovens estão constantemente comentando sobre as suas aventuras lá fora e reforçando, através da narrativa de suas histórias, os discursos da rua. Seus programas preferidos e a forma como falam sobre eles, como veremos mais adiante, deixa clara a supremacia da sua identidade sobre o discurso institucional.

Enquanto a gente vê TV, a gente tá sempre falando sobre as coisas que a gente vivia lá fora [...] quando a gente via alguma coisa que uma de nos tinha feito, a gente contava. Tem gurias aqui que já viveram de tudo [sic]. (Mary – 17 anos - Casa feminina da Capital).

#### 4.2.2.4 Mediação individual e supertemas

Adorei “O Clone” porque aquilo lá é a minha vida.  
Mary – 17 anos – CFC.

Durante a realização dessa pesquisa e da análise dos dados, percebemos que a mediação individual está diretamente ligada a noção de supertemas, proposta por Jensen<sup>125</sup>.

---

125 Segundo Jensen (1995, p. 114), supertemas são “*highly generalized concepts that serve to establish meaningful relations between the discursive realities of programs and the everyday social realities of viewers. Previous research in the United States, Denmark, and Italy has identified such super-themes as principles structuring the reception of television news as well as the everyday conceptualization of politics*”.

Os supertemas são definidos por Orozco (1996a, p. 101) “como aqueles universos temáticos que são cotidianamente importantes para a audiência” e que “inspiram e condicionam as prioridades de ação e pensamento dos membros da audiência com tudo aquilo que se tem mais presente e que é sobre o que mais se gosta falar”.

Segundo o autor, como membros de uma audiência, cada um dos sujeitos tem alguns temas como prioritários. Esses temas possibilitam se aproximar de tudo que preocupa e interessa aos membros da audiência e que influenciam em seus modos específicos de se apropriarem das mensagens, permitindo que possamos entender a maneira como estes se relacionam com o conteúdo das mensagens.

De acordo com Orozco (1996a, p. 142), os supertemas são apropriações próprias dos participantes com respeito ao seu ser e são condições situacionais que permitem compreender a racionalidade que há por trás da recepção televisiva e também a interação que existe entre os mundos individuais dos membros da audiência e a TV. Segundo o autor, as identidades das audiências estão presentes de alguma maneira na recepção televisiva, reafirmando-se ou reconvertendo-se a partir delas e reconfigurando-as, aflorando de maneiras diversas e inesperadas nas inter-relações e apropriações dos referentes televisivos, mediando e processando os possíveis usos que as audiências fazem da televisão. (OROZCO, 2001, p. 47).

O autor explica que os supertemas resultam de várias mediações, como as instituições das quais os sujeitos fazem parte e, principalmente, da mediação individual, a qual se origina no âmbito dos sujeitos-audiência enquanto indivíduos particulares, com características próprias, produto da sua herança genética, de seu desenvolvimento e trajetória pessoal, de sua aprendizagem anterior, das peculiares apropriações de suas experiências, de sua criatividade, arrojo ou inibição, assim como de suas visões e ambições frente e mais além da televisão.

Por outro lado, como Orozco (2001, p. 40) ressalta, enquanto membros de uma audiência, as pessoas concretizam "estratégias televisivas". São inspirados, em primeiro lugar,

no que lhes é característico como indivíduos, para logo concretizarem também "contratos de vidência" (leitura ou escuta) a partir dos quais se conectam com os outros, conformando "comunidades de apropriação e de interpretação" dos referentes televisivos. Por isso, a televidência, por mais individualizada que pareça, é um processo altamente culturalizado<sup>126</sup>.

A identidade desses jovens, a herança que trazem para a assistência da televisão, suas experiências na rua e seus valores familiares, como vimos anteriormente, também ditam quais são os temas que os inquietam e os interessam e que influenciarão na sua decisão do que assistir na televisão, que tipo de música ouvir, que notícias procurar em um jornal e que livros ler. Todos esses fatores são marcantes também na leitura que esses jovens fazem dos seus programas favoritos e na maneira como analisam a importância de diferentes "medias" em sua vida. Durante a realização dessa pesquisa, a noção de supertemas e a sua importância na criação das estratégias televisivas<sup>127</sup> por parte desses jovens ficaram bastante evidentes. Assuntos relacionados com o mundo da rua, com criminalidade, drogas, juventude, enfim, com a sua realidade, foram apontados como os mais interessantes para eles. Para ilustrar melhor a importância dos supertemas na sua agenda televisiva e a sua relação com a identidade desses jovens, falaremos sobre alguns programas destacados por eles e de que forma os descrevem ou justificam a sua preferência. Também abordaremos a influência de suas histórias de vida e de que forma os supertemas ditam quais são as suas músicas, seus jornais, seus livros e seus filmes preferidos.

---

126 O autor lembra que estudos, em diferentes disciplinas, têm mostrado que mesmo o que parecia mais individual está configurado culturalmente. Este é o caso das "Inteligências Múltiplas" (GORDNER, 1993), ou das culturas (MORLEY, 1992) nos quais se encontram padrões criativos e expressivos que denotam o pertencimento a comunidades maiores ou a repertórios culturais comuns entre os setores sociais.

127 As estratégias implicam horários de interação com a TV ou com um gênero especial, interesse do sujeito, preferências, maneiras de interagir com as distintas mensagens e modos concretos de uso dessas mensagens. Nelas, há uma série de decisões envolvidas de tipo estético, informativo, emotivo, funcional e decisões pertinentes à satisfação de necessidades cognoscitivas e afetivas concretas. As estratégias permitem observar a maneira como os membros da audiência enfrentam aos meios e mensagens, suas rotinas audiovisuais e sua vinculação com o tempo livre e com a agenda cotidiana.

### A) “Malhação”: A adolescência sonhada

Para a maioria dos adolescentes do sexo masculino que participaram dessa pesquisa, a novela “Malhação” é o seu programa favorito. De acordo com esses jovens, entre as 17h30 e 18 horas, horário do programa, a sala lota e ninguém se atreve a trocar de canal ou a fazer barulho, como explicou um dos nossos entrevistados:

Mexer na “Malhação” é comprar briga. Baixar o volume ou trocar de canal é uma briga. (Pedro – 17 anos – CMC).

Quando perguntamos o motivo que os leva a gostar do programa, todos citaram o fato de este ser dirigido ao público adolescente, ao público a que pertencem, como ilustram os depoimentos a seguir:

[Malhação] tem tudo a ver com adolescência. (J – 18 anos - CMC)

Mostra as travessuras, as mulher bonita, a gurizada. É tri [sic.]. (Pedro – 17 anos - CMC).

É tri. Mostra que ser jovem tem os momentos bons e os momentos ruins. (X – 18 anos - CMC).

Mostram histórias legais, de jovens. (João – 19 anos – CMC).

Os temas abordados no programa, como relacionamentos, drogas, AIDS, relações familiares e romances são assuntos que fazem parte da vida deles, como adolescentes. São temas que os inquietam e que os atraem. Apesar de muitos deles não frequentarem a escola antes da internação, cenário onde passa a maior parte do programa, eles vivem situações semelhantes às vivenciadas pelos jovens de “Malhação”, como as crises comuns à adolescência e a necessidade de encontrar seu espaço em uma sociedade cada dia mais individualista, competitiva e exigente.

Outro ponto marcante na forma como esses jovens falam sobre “Malhação” é que, embora se reconheçam como jovens, os entrevistados fazem uma divisão bem clara entre “eles” — os jovens de “Malhação” — e “nós” — os adolescentes que vem das vilas e que

precisam se “virar” para poder ter acesso a uma pequena parte do que “eles” têm. Como explica este adolescente: “É tri ver o que eles fazem”. No grupo de discussão, essa tendência foi elucidada pelos participantes que explicaram:

Lá, ‘eles’ são *playboys*, não são como nós [sic].

[O programa] mostra uma outra juventude, não a nossa.

A partir dos seus depoimentos, podemos concluir que um outro fator que os atrai em “Malhação” é a possibilidade de fazer parte, por mais que seja apenas por 30 minutos, de um outro mundo; um mundo no qual os jovens são bonitos, têm acesso a vários bens aos quais eles não têm, e no qual, embora existam problemas, sempre há também um jeito de revertê-los.

## **B) “O Clone” e o mundo das drogas**

A maioria dos adolescentes que participou desse estudo disse já ter usado drogas. Muitos desses jovens usavam seguidamente, sendo que um número significativo deles entrou no mundo do crime por causa delas; outros, primeiro começaram a roubar e logo se depararam com as drogas, tornando-se usuários diários. Foi essa parte de suas histórias que fez com que muitos dos jovens entrevistados apontassem a novela “O Clone”<sup>128</sup> como um dos seus programas favoritos<sup>129</sup>.

Muitos jovens narraram histórias em que a droga passou a ser mais forte que eles, como conta este adolescente:

Comecei a usar drogas aos 11 anos. Aos 14 estava viciado, precisava da droga todo o dia [...] a gente assaltava tudo o que vinha pela frente: pessoas, lojas, postos de gasolina. Também traficava [...] fiquei internado por 20 dias, mas não agüentei, voltei para as drogas. (João – 19 anos – CMC).

---

128 A novela “O Clone”, que foi ao ar entre 1º de outubro de 2001 a 15 de junho de 2002, trouxe entre as suas tramas principais uma ampla discussão sobre as drogas, através das histórias dos personagens Mel, Lobato, Nando e Regininha. A novela mostrou a forma como esses personagens se relacionavam com as drogas, desde os primeiros contatos estabelecidos com ela, até a árdua luta que travaram para se livrarem das drogas. Para mais informações sobre o programa, ver anexo 5, no qual se encontra a ficha com dados sobre o mesmo.

129 Segundo o IBOPE-RS, a novela “O Clone” teve uma audiência média de 9,4% entre os jovens porto-alegrenses.

Entre as jovens da Capital, a presença das drogas na sua vida é marcante e muitas das suas histórias são bastante parecidas:

Comecei a usar drogas aos 11 anos. Aos 15, comecei a roubar para poder comprar [sic.], estava completamente viciada e precisava da droga para viver [...] tentei largar várias vezes, fui internada, fiz de tudo [...]. Vivia um dia de cada vez, roubando para poder comprar as drogas que precisava naquele dia [sic.]. (Mary – 17 anos – CF).

Assim como Mary e João, outros adolescentes passaram por experiências parecidas, travando uma árdua batalha para se livrarem das drogas. Alguns estiveram internados em centros de desintoxicação, sem alcançar qualquer resultado, identificando nos personagens de Débora Fallabela, a Mel, e de Thiago Fragoso, o Nando, muitos sentimentos, angústias e experiências.

Eu sou uma dependente química [...] por isso me identifiquei com cada cena vivida pela Mel [...] Os gritos da Mel, a forma como ela implorava pela droga e pedia ajuda, as brigas com a mãe me mostraram muito do que passei e foram bons para que eu não use mais drogas. (Mary – 17 anos – CF).

Para esses adolescentes, “O Clone” também pautou muitas das suas discussões, como explicam os depoimentos desses adolescentes durante o grupo de discussão:

A gente nunca perdia “O Clone”. A novela nos passou uma mensagem muito boa [sic.]. (Casa Feminina).

Gostava das partes com o Lobato e a Mel porque aquilo é realmente o que acontece com um dependente químico, aquilo lá passou a verdade. É isso mesmo, aquilo lá é a verdade, é o que acontece. A novela mostra que às vezes a pessoa tem tudo e não é feliz [sic.]. (Casa Feminina).

[A novela ] era boa. Fazia uma discussão, uma propaganda contra as drogas [sic.]. (Casa Masculina).

[A novela] era muito boa. A gente se identificava com a história. Tinha umas cenas que abalavam o cara [...] que emocionavam o cara [sic.]. (Casa Masculina).

Nenhum dos jovens entrevistados referiu-se às outras tramas da novela, como clonagem, religião ou amores proibidos. A identificação com o tema drogas foi apontada como o motivo principal que levou esses jovens a assistirem à novela:

Adorava “O Clone” por causa das histórias da Mel. (Q – 17 anos – Casa Feminina da Capital).

“O Clone” foi minha novela preferida. Gostava de ver a Mel. (L - 18 anos – Casa Feminina da Capital).

Gostava do “Clone” por causa dos drogados [sic]. (E – 16 anos – Casa Feminina da Capital)

### C) “Linha Direta”: A violência que não é ficção

A maioria dos jovens que participou desse estudo disse gostar do programa “Linha Direta”<sup>130</sup>, apontado por eles como “muito tri”<sup>131</sup>.

As respostas foram diversas, mas muitas delas apontaram para uma direção: “o programa é informativo, mostra a realidade”. Para esses jovens, o “Linha Direta” tem a função de um noticiário, que é visto com o objetivo de deixá-los informado sobre o que acontece na sociedade (ou no mundo do crime), como revelam estes depoimentos:

É tri, mostra a realidade. (G - 15 anos - CMC).

Mostra o que está acontecendo. Através desse programa a gente fica informado. (J - 18 anos – CMC).

É tri. Dá um monte de notícias boas. (Q -18 anos - CMC).

Gosto porque aparecem fatos reais. Coisas que dá raiva. (AT - 18 anos - CMC).

Mostra os cara assaltando, a reação deles e das vítimas. É tri [sic]. (AV - 17 anos - CMC).

Porque mostra a verdade. Não inventa, não mente. [sic]. (J - 16 anos - CMI)..

As pessoas falam a verdade [sic]. (T – 17 anos - CMI).

Conta as verdades [sic]. (V - 18 anos - CMI).

---

130 O programa “Linha Direta” vai ao ar toda a quinta-feira à noite, na rede Globo, após a novela das oito. Criado em 1999, o programa traz histórias de diferentes crimes, as quais são enviadas à emissora pelos próprios telespectadores. Cada programa traz três histórias sobre diferentes crimes, contando detalhes sobre a vida dos envolvidos, mostra uma reconstituição da forma como esses supostamente ocorreram e depoimentos das famílias dos envolvidos, sendo considerado um programa bastante violento. Para mais informações sobre o programa, ver anexo 5, no qual encontra-se a ficha com mais detalhes sobre o mesmo.

131 Usando como base à pesquisa realizada pelo NACI que apontou o “Linha Direta” como um dos programas preferidos desses jovens, acrescentamos no formulário uma pergunta aberta relacionada a ele, questionando-os se gostavam de programas como o “Linha Direta” e o “Ratinho” e por que. A maioria dos jovens, diante dessa pergunta, fez uma divisão clara entre os dois, dizendo: “o Linha é tri”, ignorando o “Ratinho”, que pelas respostas dos adolescentes não tem a mesma importância e é visto por muitos deles como “pura baixaria”.

Outros adolescentes disseram gostar de ver as armas, as mortes, os crimes, como demonstram os depoimentos a seguir:

Gosto por causa das mortes, das armas [sic.] (F – 16 anos - CMC).

Fala de cadeia. É tri [sic.]. (X – 18 anos - CMC).

Mostra morte, tiroteio. E como um filme de ação [sic.]. (AC – 18 anos - CMC).

Fala sobre morte, assassinatos, mostra as cenas como aconteceram [sic.]. (T – 16 anos - CMC).

É tri. Mostra umas coisas que dá arrepio [sic.]. (Y – 17 anos - CMC).

Para alguns jovens, principalmente internos na casa da Capital, o programa tem o papel de justiceiro, sendo o responsável pela prisão de “bandidos” e garantindo que a justiça seja feita. Esses jovens dividem a mesma opinião que muitos dos telespectadores do programa, cujo *slogan* tenta vender essa imagem: “Toda quinta-feira, após [a novela das 8 que estiver no ar], o programa que coloca os criminosos no seu devido lugar”. Os depoimentos a seguir demonstram essa tendência:

O ‘Linha’ é tri. Mostra a realidade. ‘Aqui se faz, aqui se paga’. Gosto das denúncia, por causa das várias injustiças. É um programa que explica os fatos reais [sic.]. (I – 17 anos - CMC).

É tri. Fala sobre morte, crimes, coisas que indignam o cara. Imagina, agora a senhora sai daqui pra ir pra casa e alguém lhe mata? Tem que denunciar [sic.]. (N – 16 anos – CMC).

Aparecem coisas que a polícia vai lá e prende [sic.]. (AH – 16 anos - CMC).

Mostra o que tá acontecendo [...] faz justiça [sic.]. (W – 17 anos - CF).

Alguns entrevistados também relacionaram o programa com a sua realidade, como relataram estes adolescentes:

É tri. Fala da vida do cara. O cara roubou [sic.]. (K – 13 anos - CMC).

O programa sou eu. É a minha vida [sic.]. (S – 16 anos - CMC).

Um dos jovens apontou ainda o caráter educativo do programa, explicando:

Passa informação sobre várias coisas. Aprendi um monte sobre DNA em um

programa que eu não sabia [sic.]. (AW – 18 anos - CMC).

Um adolescente externou que o programa pode ser prejudicial para eles nesse momento, pois, na sua opinião,

O “Linha” é que nem droga. Sabe quando tu quer parar de usar e tu vê a droga, tu fica louco pra usar de novo [sic.]. (J- 18 anos – CMC).

Muitos deles apenas disseram que o programa “é tri” sem aprofundar muito o porque gostam, enquanto outros disseram não saber. A principal motivação que leva a esses jovens a apreciarem o programa é a temática abordada por ele. O “Linha Direta”, como esses adolescentes explicaram, mostra cenas de violência, drogas, armas e crimes; temas que fazem parte da realidade que viviam na rua, mostrando fatos que acontecem nos contextos sociais aos quais pertencem.

As adolescentes, ao contrário dos jovens de sexo masculino das outras casas, não demonstraram o mesmo interesse pelo programa. Enquanto 55% disseram adorar o “Linha”; 45% detestam, repudiando o mesmo. Entre as adolescentes que gostam do “Linha Direta”, este é citado como um programa informativo e que “faz justiça”<sup>132</sup>:

O “Linha” mostra o que está acontecendo, mostra justiça [sic.]. (W – 17 anos - CF).

Fala bastante da realidade. Como as pessoas são. Não há discriminação [sic.]. (N – 14 anos -CF).

Mostra o que as pessoas são capazes de fazer [sic.]. (G - 17 anos - CF).

Mostra o que está acontecendo [sic.]. (U - 17 anos – CFC)

As adolescentes que não gostam explicaram que o programa é muito violento, mostrando coisas horríveis:

---

132 O “Linha Direta” também foi destacado por estas jovens durante o grupo de discussão. Quando perguntamos a elas se havia algum programa que não podiam assistir na instituição e que sentiam falta, três delas apontaram o “Linha Direta”, justificando que adoram o programa. Ou seja, embora não seja um consenso entre as adolescentes, há um número significativo de jovens do sexo feminino que gosta do programa e que faz uma leitura similar à feita pelos adolescentes das casas masculinas.

Mostra muita violência, é só tragédia [sic]. (F – 17 anos -CF).

Mostra muita violência, às vezes, eu até choro assistindo [sic.]. (V- 15 anos -CF).

Eu odeio o “Linha”. Acho horrível [sic.]. (L- 18 anos – CFC).

Um dado curioso, entretanto, é que duas das adolescentes que disseram não gostar por este mostrar muita violência e cenas horríveis, foram institucionalizadas por cometerem homicídios.

Segundo números fornecidos pelo IBOPE- RS, o “Linha Direta” não tem uma audiência expressiva entre os jovens porto-alegrenses. O índice do programa entre esse público é de 7,6%. O índice geral do programa na cidade é de 8,5%.

#### **D) Filmes de ação: sexo, drogas e rock n’ roll**

Os filmes de ação foram escolhidos pela maioria como os seus filmes favoritos. Quando perguntamos a eles o porque, as respostas foram bastante semelhantes, apontando a emoção que esses filmes passam e os temas abordados por eles:

“Vizinhança do barulho” é o filme que mais gostei. Ele mostra drogas, armas. Tem tudo a ver com a minha vida [sic.]. (S – 16 anos - CMC).

Adorei um filme chamado “Talismã”. É pura ação, mostra um monte de armas. Eu adoro armas [sic]. (Q – 18 anos – CMC, que contou que tinha cinco armas em casa).

Curti “60 segundos”. É um filme de ação, com muitos carros, velocidade. Tudo o que gosto [sic.]. (AQ – 17 anos - CMC).

“Últimas conseqüências” conta a história de mulheres perdidas que decidiram roubar bancos. Gostei da atitude [sic.]. (Y – 17 anos - CMC).

“Pulp Fiction” é massa. Uma história de tráfico e drogas [sic.]. (AV– 17 anos - CMC).

Gosto de filmes de ação, gangues e tráfico [sic.]. (AZ – 13 anos - CMC).

“60 segundos” é tri. Mostra um monte de roubos de carro. É adrenalina pura [sic.]. (AR – 18 anos - CMC)

Só gosto de filmes de briga, de tiroteio e assalto [sic.]. (N – 16 anos - CMC)

“Cidade dos Pistoleiros” – só dá tiroteio [sic.]. (W - 17 anos - CMI)

“Máquina Mortífera” é tri, pura ação [sic.]. (V – 18 anos – CMI)

Meu filme favorito foi “Um sonho de Liberdade” que conta a história de um cara que foi preso [sic.]. (AL – 18 anos - CMC).

Adorei “Pixote”. Fala da nossa história. [sic.]. (K– 15 anos - CFC)

Filmes de ação também são os gêneros favoritos entre outros adolescentes, que, assim como os jovens internos na FASE-RS, apreciam as aventuras, a emoção e a adrenalina provocada por esse gênero cinematográfico. A principal diferença entre esses dois grupos centra-se, basicamente, na identificação com os temas abordados e nas justificativas das suas escolhas. Enquanto os jovens institucionalizados apontam gostar desses filmes por trazerem assuntos que os interessam, como armas, crimes e velocidade, ou seja, o fator “realidade”, os demais apreciam esse gênero pelo fator “ficcional” que atribuem aos mesmos.

Pesquisadores como Gomes e Cogo (1998), por exemplo, destacam a violência como um tema relevante no cotidiano dos adolescentes e que vai repercutir no processo de recepção televisiva e como um dos supertemas de interesse desse público. Entretanto, os autores ressaltam que “essa seleção oscila entre a rejeição de conteúdos de violência quando difundidos nos formatos de documentário, como o telejornal, e uma atração por esses mesmos conteúdos quando abordados no gênero ficcional, como nos filmes. (GOMES e COGO, 1998, p. 127). Segundo os pesquisadores, os jovens disseram gostar da violência em filmes “porque a do filme é só invenção”, repudiando a “do jornal”, por esta ser real<sup>133</sup>. Os adolescentes entrevistados neste estudo, ao contrário, disseram gostar desses filmes, assim como do programa “Linha Direta”, por estes mostrarem temas que fazem parte da sua realidade, ou seja, por estes “mostrarem a sua realidade”.

---

133 Magno Medeiros (1995) também aborda a questão da violência em sua pesquisa, destacando que os adolescentes sentem-se atraídos pela “violência-imagem”, que o autor define como violência iconoflica, como demonstram os depoimentos a seguir de adolescentes que participaram de sua pesquisa: "Para mim, a violência na televisão é tipo um sonho, uma coisa fantástica. Acho que foi feita para a gente sair um pouco da realidade, para pode invadir o mundo da fantasia". (Sandra, 17 anos); "Cena de violência, eu adoro, porque deixa a gente meio atordoado. Parece que a gente é levado para um lugar fantástico, meio ficção, meio realidade". (Pedro Paulo, 18).

### **E) Música, livros e jornais: Como os supertemas pautam as preferências**

A influência dos supertemas na agenda desses jovens pode ser observada no tipo de jornais que lêem e nas suas músicas preferidas. Muitos desses adolescentes, quando perguntados se liam jornais e o que liam nos mesmos, apontaram a importância das páginas policiais, dizendo que a primeira coisa que liam nos jornais quando estavam em liberdade eram as notícias relacionadas com prisões e crimes:

a primeira coisa que fazia quando pegava um jornal era ler as páginas policiais. Tinha que saber se algum amigo tinha sido preso, ficar informada [...] sempre tinha alguém conhecido [...] depois lia meu horóscopo. (Patrícia – 17 anos - CFC).

Sempre lia as páginas policiais para saber o que tava acontecendo, saber quem foi preso, se tinha algum conhecido [sic.]. (T – 16 anos - CMC).

Gosto das páginas policiais. Pobre é curioso. Olho para ver se tem alguém conhecido [sic.]. (M – 18 anos - CMC).

Durante a internação, o jornal perde o seu espaço já que dentro da instituição eles só têm acesso eventualmente e nunca às páginas policiais. Antes da internação, para esses jovens, ler a página policial, assim como assistir o “Linha Direta”, significava uma forma de ficar informados, de saber o que estava acontecendo, de não ficar “alienados” quanto ao mundo; quanto ao seu mundo. De acordo com esses adolescentes, mais importante do que saber que filmes estão passando no cinema, que time está vencendo um campeonato, o que está acontecendo no mundo ou como vai a economia do País, é saber se aconteceu algo a algum conhecido, a alguém do seu bairro, ou algo que possa realmente afetar a sua vida. As páginas policiais dos jornais locais são consideradas as mais importantes para esse grupo. O jornal “Diário Gaúcho” foi apontado como o periódico favorito por muitos dos jovens que participaram da pesquisa. As páginas policiais também foram apontadas por Cogo e Gomes (1998, p. 99), em sua pesquisa, como uma das seções preferidas pelos adolescentes que participaram do seu estudo. Esses jovens também citaram horóscopo, cadernos de emprego, agenda cultural, esporte, classificados, suplemento de informática, caderno de TV,

suplemento feminino, quadrinhos, poesia e carros como as suas seções preferidas. Os pesquisadores explicam:

as preferências de leitura acabam se canalizando para aqueles temas mais ligados a uma dimensão lúdica, como o horóscopo (um dos mais citados como preferência dos jovens) e o esporte, além da utilidade pública e dos serviços. (COGO e GOMES, 1998, p. 99).

Em relação aos seus estilos musicais, a tendência de gostar de gêneros que trabalham questões relacionadas a sua realidade se repete. Muitos dos jovens entrevistados apontaram o Rap como o seu estilo musical favorito, ressaltando o quanto se identificam com o som, com as suas músicas e como muitos grupos conseguem cantar a sua realidade:

O Rap fala como é a realidade, em droga, assaltos, maldades e desemprego. (M – 18 anos - CMC).

O Rap foi feito para nós que somos ladrões e bandidos. Conta a nossa história [sic.] (Y - 17 anos - CMC).

Gosto de Rap porque fico viajando com as músicas, elas me ligam ao mundo de fora [sic.]. (AV -18 anos - CMC)

Gosto dos Racionais porque eles falam de cadeia, da nossa realidade [sic.]. (X - 18 anos - CMC)

Curto Rap porque mostra a realidade, fala o que realmente acontece no mundo [...] é tri! (Mary – 17 anos - CFC)

Nasci no bairro -----, fui criada em uma vila. Gosto de Rap porque eu me sinto bem, eu sei dançar e porque eu curto há muito tempo. (N – 14 anos – CFC)

A identificação com as letras foi citada por muitos dos jovens como a principal razão que os levam a apreciar o gênero. Essa mesma tendência havia sido detectada durante a pesquisa realizada pelo NACI (2001), que apontou:

Os grupos de Rap, como os Racionais, o Pavilhão 9 e o 509-E, que passam para a linguagem descritiva do Rap um pouco da realidade vivenciada por esses jovens na periferia, são uma unanimidade entre os adolescentes infratores. Fazendo uma comparação entre as suas histórias de vida e as letras de Rap desses grupos, é possível perceber uma grande semelhança nos dois discursos: briga com rivais de outras gangues, enfrentamentos com a polícia, realidade das prisões, consumo de drogas e exclusão social. (NACI, 2001, p. 55).

Os supertemas também estão presentes nos seus livros favoritos. Muitos dos nossos entrevistados citaram títulos que falam sobre a sua realidade, como a relação com as drogas, prisão, problemas familiares, e a possibilidade de mudança, como os seus livros favoritos. A maioria desses livros foi lida durante a internação, entretanto, eles os lêem porque querem e não são obrigados a realizar essas leituras.

O livro que mais gostei foi ‘Diário do Diabo’. Ele fala sobre a vida de um guri que está preso. (E – 15 anos - CMC)

“Encontros e desencontros” [...] fala sobre família, os problemas que enfrentam. (AJ - 17 anos - CMC)

“Um pássaro com frio” conta a história de um guri que morava em um morro e roubava. Ele foi pra FEBEM e acabou se matando. (P – 14 anos - CFC).

“Histórias alucinantes” fala sobre as drogas na adolescência. É tri. (G – 18 anos - CMI).

Alguns deles disseram não lembrar o nome do livro que mais gostaram, descrevendo apenas o seu conteúdo:

O livro que mais gostei é um que conta a história de um cara que usava drogas e parou. (M – 16 anos - CMI).

Um livro que conta a história de um jovem que tinha problemas. (W – 17 anos - CMI).

Não me lembro o nome, mas gostei de um livro que fala sobre uma guria que vivia na rua. Ela foi abandonada aos 6 anos. (AK- 18 anos - CMC)

Um livro que conta a história de três jovens que roubaram droga do patrão e fugiram. Mostra a realidade de quem já viveu na rua. (AL - 18 anos - CMC).

Um livro que conta a história de um rapaz que sai do interior para viver na cidade grande. (AG - 18 anos – CMC, é do Interior e vivia no campo).

Foi um livro que conta a história de um guri de vila que vivia fugindo de casa e usando drogas. O juiz foi prender o guri e ele se suicidou. Daí acabou nascendo um outro gurizinho [sic.]. (K – 15 - CFC).

Livros de auto-ajuda e relacionados à religião também foram citados por alguns jovens que se agarram a esses livros para tentar buscar forças para, quem sabe, mudar de vida:

Adorei o livro do Chico Xavier. Gostei porque ele me acalma. (J - 18 anos - CMC)

Gostei de um livro sobre o Espírito Santo. Ele é religioso e mostra um outro caminho. (AN - 15 anos - CMC).

Meu livro favorito foi “No Caminho de Deus”. Sou adventista. (AQ - 17 anos - CMC).

Adorei “Cem Mensagens” [...] conta histórias tristes de pessoas, fala de Deus. (W-17 anos - CF)

“Para Melhorar de Vida” foi o que mais gostei. (L – 18 anos - CF)

“Violetas na janela” é tri. (H – 15 anos - CF)

#### **4.2.2.5 A vida segue mesmo sem televisão: o caso de uma unidade onde não há acesso ao meio**

Nunca vi TV na rua por isso ela não me faz falta aqui – Gerson, 17 anos.

A história de uma das casas masculinas da Capital pode ser dividida em dois períodos: antes e depois de setembro de 2001. Até essa data, a unidade era uma casa que oferecia uma certa autonomia aos internos, que podiam circular pelas alas, assistir televisão quando queriam, entre muitas outras liberdades. Entretanto, após a ocorrência de vários conflitos internos, seguidos por uma séria rebelião, a casa fez uma revisão de sua política interna, criando restrições, entre elas à televisão.

Antes das mudanças, a televisão estava à disposição dos internos em tempo integral, e, muitas vezes, era difícil fazê-los sair da frente da tela para realizar outras atividades. O novo diretor da casa, que assumiu logo após o conflito, explica que a população da unidade começou a crescer e tornou-se impossível administrar 97 adolescentes juntos em uma sala. A partir daí, a televisão passou a ser usada exclusivamente para passar filmes e jogos à noite e durante os finais de semana. Os técnicos de recreação, juntamente com os internos, selecionam, todas as noites, um filme em vídeo, que é apresentado em várias sessões, cada uma com seis adolescentes. O filme tem de ser liberado para menores de 16 anos e não pode

ser “muito violento”. O diretor da unidade externou a transição<sup>134</sup> como um processo traumático, mas que deu certo: “no começo foi bastante complicado realizar a mudança, mas, aos poucos, eles foram se habituando e, hoje, ninguém mais reclama a falta da televisão”. Além dos filmes à noite, os adolescentes participam de oficinas e de atividades lúdicas.

Rogério, que está na casa há um ano e viveu a mudança, conta que sentiu um pouco por não poder mais assistir quando não tinha o que fazer, para passar o tempo, mas, por outro lado, tem participado mais das oficinas e feito mais trabalhos manuais em tapeçaria. Para Vítor, o outro interno que viveu a transição nas normas da casa, a mudança no sistema foi bastante difícil. Ele lembra que “assistia direto” televisão e que naquela época não tinha oficinas, então ficava o tempo inteiro grudado na tela: “quando via já era a hora de ir dormir, o tempo voava, era tri”. Vítor conta que todos ficaram muito indignados com a mudança, que “pedalavam”<sup>135</sup> as portas para reivindicar, mas, com o tempo, foram se acostumando e, atualmente, já não sente tanto a sua falta. Para passar o tempo, antes ocupado pela TV, ele diz que começou a participar mais das oficinas, jogar carta com os colegas, ouvir rádio e buscar outras formas para passar o tempo. Vítor e Rogério são as únicas testemunhas entre os adolescentes institucionalizados daquela época, os novos internos, quando falam sobre esse passado, relatam algo muito distante e ausente da sua realidade: “diz que antes dava para assistir televisão, andar pelas alas livremente, mas eu não peguei essa fase”. Para os novos internos, essa é a norma e não dá para mudar.

Os adolescentes entrevistados relataram que apesar de que “seria legal” ter acesso a TV, não se importam muito, pois enquanto estavam na rua, não tinham o hábito de assistir ao meio. Como explica este adolescente: “seria legal se desse pra olhar, pra passar o tempo, mas

---

134 Com as mudanças, os adolescentes foram privados de muitas coisas e apenas com o passar dos dias perceberam que a liberdade para assistir televisão também havia sido perdida. Apenas dois adolescentes que viveram essa mudança continuam na casa, por isso e difícil resgatar o sentimento generalizado, mas os monitores contam que eles pedalavam as portas e reclamavam insistentemente para a volta da sua liberdade e da televisão.

135 “Pedalar” é uma gíria utilizada pelos jovens e significa bater nas portas sem parar com os pés, como se estivessem pedalando. O barulho é horrível, principalmente quando um grande número de jovens faz isso ao mesmo tempo.

pra mim não faz falta”. Gerson conta que nunca assistia televisão na rua e, por isso, não assistir aqui também não faz diferença, ele explica ainda que não sente falta de saber o que acontece lá fora: “pra mim, não faz a menor diferença saber o que acontece. Nada vai mudar nada na minha vida, eu tô preso”. O rádio, para ele, é único e exclusivamente sinônimo de música e diversão. Ele conta que foge das notícias e que sempre que elas aparecem no rádio, ele troca de estação. Paulo também divide a mesma opinião que Gerson, explicando que não sente a menor falta da TV ou de saber o que está acontecendo lá fora, já que nunca foi “muito ligado em televisão na rua”. Além disso, ele argumenta: “O que acontece lá fora, não tem nada a ver com o meu mundo hoje”. Assim como esses adolescentes, para Marcos, a televisão não faz falta, é um eletrodoméstico com o qual não está habituado e sem o qual a sua vida segue o mesmo rumo.

Esses dados revelam que a televisão, por não ser um meio utilizado por esses adolescentes enquanto estavam em liberdade, não faz falta para eles durante a institucionalização, mas, por outro lado, uma vez que ela é liberada e passa a ocupar um determinado espaço na sua rotina, como aconteceu com os jovens das casas citadas anteriormente, ela passa a ser crucial e uma presença importante nas suas vidas durante a institucionalização.

## CONCLUSÕES

Planejar um projeto de pesquisa pode ser comparado com planejar uma viagem. Antes de começar, você precisa considerar que tipo de viagem mais o atrai, o que você gosta de fazer, quanto ela poderá custar, onde você quer ir, qual a melhor forma de chegar lá, quanto tempo você quer ficar e assim por diante. (Sharan Merriam, 2001).

Quando começamos este estudo, tínhamos várias perguntas e inquietações, para muitas das quais encontramos respostas. Entretanto, muitas outras nasceram no decorrer do percurso, mostrando, acima de tudo, que uma pesquisa nunca acaba. Como destaca Merriam, realizar uma pesquisa é como fazer uma viagem: temos um período, uma verba e um roteiro determinados, mas, por mais planejada que esta seja, sempre descobrimos milhares de outras coisas que nem imaginávamos encontrar, uma infinidade de lugares maravilhosos que gostaríamos de ver, de conhecer, mas que, por inúmeros motivos, têm de ficar para uma próxima viagem. É com esse sentimento que escrevemos as próximas linhas, que tentam levantar alguns pontos que surgiram durante este longo trajeto e tecer algumas considerações sobre a relação que os adolescentes sujeitos deste estudo estabelecem com a televisão e o espaço que esse meio de comunicação de massa ocupa na sua rotina diária, o objetivo central desta dissertação e a meta inicial desta viagem.

### **Televisão dentro da instituição**

Durante essa pesquisa, percebemos que a televisão é uma companhia importante para este grupo durante a institucionalização. A televisão é utilizada por eles para se conectar com o mundo externo e para se informar sobre o que acontece lá fora, especialmente nas suas comunidades, tornando-se uma **mediação entre a sociedade e a instituição**. Ela também é uma forma de passar o tempo, ajudando-os a suportar esse período em que estão privados da maioria das coisas de que mais gostam, fazendo “o tempo passar mais rápido” e tornando a estada na FASE-RS mais tolerável. De um meio sem importância antes da internação, a

televisão passa a ser considerada uma grande companhia, sendo assistida pela maioria dos jovens institucionalizados nas unidades estudadas. Ela passa a ganhar horários determinados e a ocupar um espaço definido dentro da sua rotina diária, o que antes não acontecia. Por outro lado, as entrevistas com os adolescentes da casa onde o acesso ao meio não é liberado demonstraram que, embora a televisão seja importante para os jovens que têm acesso ao meio, ela não faz falta para os adolescentes aos quais esse acesso é negado. Segundo eles, o fato de ela não ser importante antes da internação, não tendo um espaço na sua rotina diária, faz com que não sintam a sua falta, embora reconheçam que “seria legal poder assistir televisão”.

### **Recepção televisiva a partir do modelo das múltiplas mediações**

Uma das questões que mais se destacou nesse estudo, confirmando o que já havia sido levantado por outros pesquisadores, foi a importância dos **supertemas** na relação que indivíduos estabelecem com os meios de comunicação de massa. Temas como criminalidade, drogas e relações juvenis, que estão constantemente presentes na vida desses jovens, antes e durante a internação, são também os que mais os atraem na televisão, pautando as suas estratégias televisivas e a escolha do que irão ou não assistir. Os programas que trazem esses temas são os que têm a sua atenção e são os que esses adolescentes assistem com mais interesse, demonstrando que a conexão com sua experiência de vida influencia na escolha do que os indivíduos irão ou não assistir e na forma como estes irão interpretar determinadas mensagens. Isso ficou claro quando eles destacaram a “Malhação” (temática: mundo da adolescência), o “Linha Direta” (temática: crimes), filmes de ação (temáticas: drogas, crimes, carros, velocidade), e “O Clone” (temática: drogas) como programas que gostam ou novelas que os marcaram, ressaltando que o que os atrai nesses programas são estes temas, os quais fazem parte da sua realidade.

Outro fator importante que verificamos nesse estudo é que, por estar privados de liberdade e não ter contato direto com suas famílias, o próprio grupo de jovens assume o papel

de principal **comunidade de apropriação** dos conteúdos televisivos na recepção desse grupo. É na sala de televisão que esses jovens trocam idéias sobre o que estão assistindo e é nela que eles se apropriam, reapropriam ou refutam as mensagens veiculadas, realizando, na maioria das vezes, uma leitura coletiva dessas mensagens, a qual é mediada, principalmente, pelas suas experiências pessoais. Durante a recepção televisiva, esses jovens estão, permanentemente, trocando informações e comentando o que vêem, contextualizando com suas histórias pessoais. Essa característica minimiza o papel da escola como comunidade de apropriação, já que quando chegam à escola eles já “resolveram” a apropriação das mensagens assistidas.

A diretoria de cada casa tem uma grande influência na relação que estes jovens estabelecem com a televisão, pois é ela que determinará os horários que eles terão acesso ao meio, exercendo o papel de uma importante **mediação institucional**. É a partir dessa política que os adolescentes da FASE-RS irão criar suas estratégias televisivas e determinar, driblando as limitações, o que irão ou não ver. Como vimos ao levantar o exemplo da casa onde o acesso ao meio não é liberado, o papel da chefia de cada unidade é decisivo, já que esta tem autonomia para determinar a política adotada, sem precisar consultar a diretoria geral da instituição. Por outro lado, os monitores não foram apontados pelos adolescentes como agentes importantes nesse processo, já que, segundo os nossos entrevistados, eles não interferem no que eles irão assistir, sendo que esta decisão é realizada pelos próprios adolescentes que negociam entre si o que será visto ou não.

### **Gênero e Recepção**

Embora não tenhamos proposto entre os objetivos desse estudo comparar de que forma o gênero desses jovens influencia na sua relação com a televisão, em muitos momentos este foi importante, determinando algumas tendências. Entre elas, podemos citar o que já havia sido destacado por pesquisadores como James Lull e David Morley que apontaram o uso da

televisão por parte das mulheres como uma espécie de “pano de fundo” para a realização de outras atividades. Este uso, que era comum antes do ingresso na instituição, continuou durante a sua estada na FASE-RS. O fato da sala de ver televisão, no caso da casa feminina, ser um local com outras finalidades também colaborou sensivelmente para isso. Na instituição, muitas adolescentes relataram realizar outras atividades enquanto assistem televisão, que pode ser fazer tricô, crochê, cozinhar, limpar a peça ou mesmo estudar. Entretanto, o objetivo principal de estar na sala é assistir TV, já que este é o único horário que elas têm acesso ao meio. De acordo com seus depoimentos, “no horário de ver TV”, elas normalmente comentam as coisas que vêem, contextualizando as mensagens televisivas com as suas experiências. O fato de as adolescentes se encontrarem em um menor número na casa feminina do que nas casas masculinas, assim como a própria estrutura da casa, faz também com que elas estabeleçam uma relação mais próxima entre si. Para elas, a sua ala é a sua casa. Durante o grupo de discussão, elas ressaltaram que se sentem em casa na instituição e que, muitas vezes, quando têm direito a visitar seus familiares, sentem falta do grupo. Esses fatores também colaboraram para tornar a sala um local no qual sentem prazer em estar e que, de uma certa forma, influencia no ato de assistir televisão.

Quanto aos seus gostos, percebemos uma maior afinidade do grupo feminino com as telenovelas, mesmo estas sendo também assistidas pelos adolescentes. As meninas mostraram-se mais à vontade para dizer que gostam de novelas e que assistem porque apreciam o gênero. Já os meninos disseram que assistem porque começaram a ver na instituição e embora não sejam “fãs”, começaram a gostar. Alguns dizem, inclusive, que não gostam e que vêm apenas porque não há outra opção.

Outro ponto em que percebemos uma certa divergência é quanto a programas que mostram cenas de violência, como o “Linha Direta”, que embora seja apreciado pela maioria dos jovens do sexo masculino, divide as meninas, já que 50% delas disseram adorar o

programa e 50%, detestar o mesmo. As que disseram gostar referiram-se aos mesmos aspectos apontados pelos meninos, como os temas abordados, o fato de o programa mostrar a realidade e fazer justiça. As que não gostam criticaram a violência e as cenas “horríveis” que o mesmo mostra. Há uma menor tolerância por parte das meninas do que por parte dos meninos à violência via satélite, o que também é uma tendência já diagnosticada em outros estudos.

### **Interior/ Capital**

Embora o contato com os jovens do Interior tenha sido menor do que com os da Capital, principalmente pelo fato de só termos realizado a etapa quantitativa com esses adolescentes, não percebemos aspectos determinantes que diferenciem a relação que estes estabelecem com a televisão. Os dois grupos apontaram os mesmos programas como os mais assistidos e, também, como os seus preferidos. Além disso, as salas de televisão das duas casas são similares, ou seja, locais destinados apenas para assistir televisão. Apesar de possuir perfis diferenciados, como vimos durante a primeira etapa desta pesquisa, já que os jovens do Interior têm uma menor escolaridade do que os da Capital, trabalham mais que os mesmos e gostam de outros estilos de música, quando o tema é televisão, essas diferenças perdem espaço.

### **Dados quantitativos e dados qualitativos**

Neste estudo, trabalhamos com quatro tipos de dados coletados a partir de técnicas diferenciadas e que geraram diferentes tipos de informações: o primeiro e o segundo, a partir de formulários com perguntas abertas e fechadas; o terceiro, de entrevistas individuais; e o quarto, de discussões grupais. Três técnicas completamente diferenciadas, nas quais estavam em jogo subjetividades, captadas de maneiras diferentes, e que influenciaram nos nossos resultados de uma forma efetiva. A adoção dessas técnicas exigiu um constante ir e vir a esses diferentes tipos de informações e uma vigilância constante, principalmente para decidir o que, entre esse volume de dados, realmente representava a relação que esse grupo estabelece com o meio.

Comparando os dados coletados nos diferentes momentos citados anteriormente, podemos concluir que os mesmos, embora se diferenciasssem em alguns aspectos, eram complementares. As informações coletadas através dos diferentes instrumentos, ao serem cruzadas, possibilitaram-nos ter uma visão mais completa de cada tópico abordado, permitindo-nos ter uma melhor compreensão do fenômeno em estudo. Um dos exemplos é quando os jovens falam sobre o contato com a televisão antes da internação. Embora muitos na etapa quantitativa apontaram assistir diariamente, na qualitativa eles explicaram melhor esse contato, que, segundo os adolescentes, quando acontecia, era em poucas horas e não era significativo. A relação com seus familiares, a sua postura diante da televisão, a relação com o meio, entre outras questões, puderam ser aprofundadas nas etapas posteriores à aplicação do formulário e confirmadas ou refutadas durante os grupos de discussão.

### **Considerações finais**

Para nós, a realização deste estudo foi uma experiência enriquecedora e um grande desafio por este estar focado em um público que só conhecíamos a partir das lentes da *media* e da visão estereotipada que a sociedade tem desses sujeitos; um desafio gratificante que, certamente, colaborou não só para o nosso desenvolvimento acadêmico, mas também pessoal. Para a área de Comunicação, acreditamos que este estudo traz algumas contribuições significativas, seja pelo uso do “Modelo das Múltiplas Mediações” em um contexto diferenciado, colaborando para futuras pesquisas que venham a adotá-lo; seja pelo estudo de um público ainda estranho para a nossa área; ou mesmo pela realização de uma pesquisa empírica fora do âmbito família e escola, contribuindo para que se entenda melhor o processo de recepção televisiva e se explore novas possibilidades.

Reconhecemos, entretanto, que não esgotamos o objeto em estudo e que há muito ainda para ser investigado sobre essa relação. Um estudo etnográfico, por exemplo, permitirá aprofundar outros aspectos, assim como uma análise mais profunda da leitura dos seus

programas favoritos poderá colaborar para o conhecimento mais amplo desses sujeitos e da sua relação com a televisão. Um estudo comparativo entre adolescentes em diferentes contextos sociais também permitirá um entendimento mais completo sobre a recepção televisiva desse segmento que, como demonstramos neste estudo, sofre uma grande influência do contexto no qual estão inseridos.

Concluimos este estudo desejando que esta Dissertação inspire novas viagens a novos velhos mundos ainda inexplorados pela nossa área e que esses adolescentes ganhem com a sua experiência na FASE-RS não apenas mais um rótulo que os acompanhará para sempre, mas a oportunidade real de começar de novo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. A experiência precoce da punição. In: MARTINS, José de Souza (coord.). **O massacre dos inocentes: A criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993.

ALVES, Hílania Reis de Arruda. **Álbum de família: A trama das representações sociais de adolescentes abandonados**. 1993. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, 1993.

ALZAGA, Bernardo Russi. Grupos de discusión: De la investigación social a la investigación reflexiva. In: **Técnicas de investigación en sociedad, subcultura y comunicación**. México: Addison Wesley Longman, 1998.

ANG, Ien. **Desperately Seeking the Audience**. London: Routledge, 1991.

BERDET, Marcelo. **Elementos para reflexão da sócio-educação**. Porto Alegre: [s/ed.], 1990. Texto xerox.

CÁCERES, Jesús Galindo. **Sabor a ti: Metodologia cualitativa en investigación social**. Xalapa: Universidade Veracruzana, 1997.

CANALES, Manoel e PEINALDO, Anselmo. Grupos de Discusión. In: **Las técnicas e las prácticas de investigación**. [S/l], [s/d.]. Texto xerox.

COSTA, Antônio Carlos Gomes. O novo direito da criança e do adolescente no Brasil: O conteúdo e o processo das mudanças no panorama legal. In: **Cadernos do CBIA, nº 2**. Rio de Janeiro, 1992. Texto xerox.

FAILA ELIAS, Maria de Fátima. **O adolescente diante da telenovela. 1995**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade Metodista. São Paulo, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescente - um sujeito “capturado” pela mídia**. Texto apresentado no VII INTERCOM, GT Comunicação e Recepção. Londrina, set. 1996. Texto xerox.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: Mídia e produção de subjetividade**. 1996. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.

FONTANA, Andréa e FREY, James. Interviewing: The art of science. In: DENZIN, Norman e LINCOLM, Yvonna. **Handbook of Qualitative Research**, Thousand Oaks, United States: Sage, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Pedro Gilberto e COGO, Denise Maria. **O adolescente e a televisão**. Porto Alegre: UNISINOS, 1998.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Televisão, escola e juventude**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

GONÇALVES, Liana Lemos. **A vez e a voz de adolescentes em prestação de serviços à comunidade na UFRGS: Ato infracional e educação**. Disponível em: [www.fase.rs.gov.br/artigosforum/artigos.htm](http://www.fase.rs.gov.br/artigosforum/artigos.htm). Acesso em: 10 out. 2002.

GRISA, Jairo. **Os sentidos culturais da escuta: Rádio e audiência popular**. 1999. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

HÖIJER, Birgitta. Confiabilidade, validez y generalizabilidad: Tres cuestiones para la investigación cualitativa de recepción. **Comunicación y Sociedad**, n.1 4-5, enero/ago., p. 65-81, 1992.

JACKS, Nilda. Televisión y identidad en los estudios de recepción. Cuadernos de comunicación y prácticas sociales, n. 6. México: UIA/ PROIICOM, 1996 a .

\_\_\_\_\_. Televisión, recepción, identidad: Cuestiones e imbricaciones. In: OROZCO, Guillermo (org.) **Miradas latinoamericanas a la televisión**. México: UIA/ PROIICOM, 1996 b.

\_\_\_\_\_. Tendências latino-americanas nos estudos da recepção. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 5, dez. 1996 c.

\_\_\_\_\_. **Querência - cultura regional como mediação simbólica: Um estudo de recepção**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

JANKOWSKI, Nicholas e WESTER, Fred. **Metodologias cualitativas de investigación en comunicacion de masas**. Barcelona: Bosch, 1993.

JENSEN, Klaus e JANKOWSKI, Nicholas. **A handbook of qualitative methodologies for mass communication research**. London: Routledge, 1991.

\_\_\_\_\_. Introducción: "El cambio cualitativo". **Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993.

- \_\_\_\_\_. **The semiotic of mass communication.** London: Sage, 1995.
- \_\_\_\_\_. After convergence: Constituents of a Social Semiotics of Mass Media Reception. **The Audience and its Landscape.** United States: Westview, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A handbook of Media and Communication Research – Qualitative and Quantitative Methodologies.** London: Routledge, 2002.

JOKE, Hermes. **Reading Women's magazines.** London: Policy, 1991.

LINCOLN, Yvona e GUBA, Egon. **Naturalistic Inquiry.** Thousand Oaks, Califórnia, United States: Sage, 1985.

LOPES, Maria Immacolatta. Recepção de meios, classes, poder y estructura. **Comunicación y Sociedad.** n. 24, maio/ago., 1995.

\_\_\_\_\_. Uma metodologia para a pesquisa das mediações. In: **Mídias e Recepção, 2000.** São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

LULL, James. **World family watch television.** Newbury Park, CA: Sage, 1988.

\_\_\_\_\_. **Media, communication, culture: A global approach.** New York: Columbia University, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones:** Comunicación, cultura y hegemonia. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARRÉ, Jacques Leon. História de vida e método biográfico. **Cadernos de Sociologia.** Porto Alegre, v.3, nº 3, p.55-88, 1991.

MARSHALL, Catherine e ROSSMAN, Gretchen. **Designing qualitative research.** California: Sage, 1989.

MC.ANANY, Emile G e LA PASTINA, Antonio. Pesquisa sobre audiência de telenovelas na América Latina: Revisão teórica e metodológica. **INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação,** SP, v. XVII, nº 2, p. 17-37, jul./dez., 1994.

MEDEIROS, Magno. **Televisão e violência:** O imaginário sombrio dos adolescentes. [s/l.],[s/ed.], 1998. Cópia xerox.

MEINE, Belmire. Os jovens e a televisão. In: Televisão e audiência aspectos quantitativos e qualitativos. **Cadernos de Comunicação 1.** São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

MERRIAM, Sharan. **Qualitative Research and Case Study application in Education.** San Francisco: Jossey-Bass, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos e outros. **Fala galera: Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Departamento da Criança e do Adolescente - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). “Mapeamento nacional da situação do atendimento das unidades que executam medida de privação de liberdade ao adolescente em conflito com lei”. Brasília, set./out. 2002.

MORLEY, David. **Family Television**. London: Comedia, 1986.

NÚCLEO DE ANTROPOLOGIA E CIDADANIA (NACI), UFRGS. “Clima Institucional 2001”. Porto Alegre: FEBEM, 2001.

OLIVEIRA, Carmem. **Sobrevivendo no inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

\_\_\_\_\_. **A adolescência em conflito com a lei: Cartografias da juventude brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OROZCO, Guilherme Gomez. Recepción televisiva: tres aproximaciones e una razón para su estudo. **Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales** nº 2. México: Universidad Iberoamericana, 1991 a.

\_\_\_\_\_. La audiencia frente a la pantalla: Una exploración del proceso de recepción televisiva. **Dia-logos** nº 30. Lima, 1991b.

\_\_\_\_\_. **La influencia de la TV en la educación de niños y jóvenes: opiniones, mitos, hechos**. México: Universidad Iberoamericana, 1992.

\_\_\_\_\_. Hacia una dialéctica de la recepción televisiva. **Comunicação & Política na América Latina**, ano XIII, nº 23, 24, 25. São Paulo: CEBELA, 1993.

\_\_\_\_\_. (coord.). **Televidencia - perspectivas para el análisis de los procesos de recepción televisiva**. UIA. Universidad Iberoamericana, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Ao resgate dos meios**. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 1994b.

\_\_\_\_\_. Recepción televisiva y mediaciones: la construcción de estrategias para la audiencia. In: Televidencia. **Cuadernos de Comunicación, n. 6**, México, 1994 c.

\_\_\_\_\_. **Televisión y audiencias: un enfoque cualitativo**. México, UIA. Universidad Iberoamericana, 1996a.

\_\_\_\_\_. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Buenos Aires: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1996 b.

\_\_\_\_\_. (coord). **Miradas latinoamericanas a la televisión**. Ciudad de México, 1996c.

\_\_\_\_\_. **Hacia una dialéctica de la recepción televisiva: La estructuración de estrategias por los televidentes**. 1996 d. Cópia xerox.

\_\_\_\_\_. **Televisión, audiencias y educación**. Buenos Aires: Norma, 2001.

\_\_\_\_\_. e CREEL, Mercedes Charles. **Educación para la recepción: Trillas**. México, 1990.

PATTON, Michael. **Qualitative evaluation and research methods**. United States: Sage, 1990.

\_\_\_\_\_. **Utilization-Focused Evaluation**. Thousand Oaks, United States: Sage, 1996.

PORTO, Mauro Pereira. Televisão, audiências e hegemonia: Notas para um modelo alternativo na pesquisa de recepção. **Comunicação & Política**, v.3, n.3, p. 120-145, 1995.

RENERO, Martha. La diversión televisiva y el moderado placer de cada día. Jóvenes, televisión y tiempo libre. **Comunicación y Sociedad**, n. 28, sept./dic. 1996.

ROLIM, Marcos. **Relatório da IV Caravana Nacional de Direitos Humanos**. Brasília: 2001. Disponível em: < <http://www.rolim.com.br/RelatIV.htm>....>. Acesso em: 20 jun. 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1991.

SCHUCH, Patrice. **A Constituição do adolescente autor de ato infracional: Dramas e processos sociais**. Porto Alegre: [s/ed.], 2000. Cópia xerox.

\_\_\_\_\_. **Adolescentes autores de ato infracional: Incluir ou excluir?** Porto Alegre: [s/ed.], 2000. Cópia xerox.

\_\_\_\_\_. e JARDIM, Marta Denise da Rosa. **Considerações sobre a história do atendimento à infância e à juventude**. Porto Alegre, 1999. Cópia xerox.

SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación**. Ciudad de México: Addison Wesley Longman, 1998.

SIGNATE, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares**, ano 1, nº 2, 1998.

SILVA, Eloá Muniz da. Como os jovens vêem televisão. **Televisão e audiência aspectos quantitativos e qualitativos**. Cadernos de Comunicação, n. 1. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

STRAUSS, Anselm e CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques**. United States: Sage, 1990.

TUFTE, Thomas. Estudos de mídia na América Latina/Media Studies. In: Latin América. **Revista Comunicação & Sociedade**, São Paulo, n. 25, UMESP, 1996.

VOLPI, Mário. **O adolescente e o ato infrator**. São Paulo: Cortez, 1997.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 – FORMULÁRIO DA PESQUISA QUANTITATIVA

**Nome:**

**Idade:**

**Cidade onde nasceu:**

**Profissão do pai:**

**Profissão da mãe:**

**Quantos irmãos e irmãs você tem?**

**Onde mora a sua família?**

1) Você estuda?

( ) Sim ( ) Não

2) Que série você está?

( ) Entre a 1º e 3º do 1º grau

( ) Entre a 4º a 6º do 1º grau

( ) Entre a 7º a 8º do 1º grau

( ) Entre o 1º e 3º do 2º grau

( ) Outros: \_\_\_\_\_

3) Você estava estudando antes de vir para a FEBEM?

( ) Sim ( ) Não

4) Você estava trabalhando antes de vir para a FEBEM?

( ) Sim ( ) Não

Em quê? \_\_\_\_\_

5) Qual é o seu passatempo favorito, marque de 6 a 1 por ordem de preferência:

( ) Ler

( ) Escutar rádio

( ) Assistir televisão

( ) Conversar com os colegas

( ) Jogar futebol

( ) Praticar esportes em geral

( ) outros: \_\_\_\_\_

6) Qual o meio de comunicação que você mais gosta e confia?

( ) Jornal

( ) Revistas

( ) Televisão

( ) Rádio

7) Qual é a sua rádio preferida?

( ) Cidade

( ) Eldorado

( ) Atlântida

( ) Pop rock

( ) Ipanema

( ) Outras: \_\_\_\_\_

8) O que você mais gosta de ouvir no rádio? (numere de 1 a 4 por grau de importância)

- música
- notícias
- futebol
- programas em geral

9) Quantas horas você escuta o rádio por dia?

- menos de 1 hora
- de 1 a 2
- de 3 a 4
- mais de 4 horas

10) Em que local você escuta: \_\_\_\_\_.

11) Que estilos musicais você mais gosta? (Numere de 1 a 7 por grau de importância)

- Rap
- Funk
- Rock nacional
- Rock internacional
- Sertaneja
- Pagode
- Samba

Outros: \_\_\_\_\_.

12) Quem é o seu cantor (a) e grupo favorito?

13) Você já entrou na internet alguma vez?

- Sim
- Não

Quantas: \_\_\_\_\_.

14) Você gosta de videogames?

- Sim
- Não

15) Você gosta de cinema?

- Sim
- Não

16) Você lê jornais?

- Sim
- Não

17) Você gosta de ler?

- Sim
- Não

18) O quê?

- Jornais
- Revistas
- Livros
- gibis

19) Você está lendo algum livro agora?

Sim  Não

20) Qual foi o livro que você mais gostou e por quê?

21) Você assiste televisão aqui na FEBEM?

Sim  Não

22) Em que horários?

à noite

à tarde

pela manhã

em vários horários diferentes

23) Qual é o seu canal favorito?

Globo

SBT

Bandeirantes

Record

Outros: \_\_\_\_\_.

24) Que programas você assiste?

Novelas

Filmes

Notícias

Documentários

Programas de auditório

Todos

Outros: \_\_\_\_\_.

25) Por quê?

É o programa escolhido pelos monitores.

É o programa escolhido pela maioria.

Porque você gosta.

26) Qual é o seu programa favorito?

27) Você gosta de novelas?

Sim  Não

28) De todas que você já assistiu, qual foi a sua preferida? Por quê?

29) Você gosta de programas como “Ratinho” e “Linha Direta” que mostram a realidade social?

Sim  Não

30) Por quê?

31) Antes de você vir para a FEBEM, com quem você morava?

- com toda a família
- só com o pai e irmãos
- só com a mãe e irmãos
- com alguém da família, como avó, tio, etc.
- em alguma instituição
- na rua

32) Havia rádio lá?

- Sim
- Não

33) Você possui rádio próprio?

- Sim
- Não

34) Havia aparelho de televisão neste lugar?

- Sim
- Não

35) Quantos?

- 1
- 2
- 3 ou mais

36) Com que frequência você costumava assistir televisão:

- diariamente
- 1 vez por semana
- 2 vezes por semana
- 4 vezes por semana
- mais de quatro vezes

Outros:

37) Quantas horas por dia?

- menos de 1 hora
- de 1 a 2
- de 3 a 4
- mais de 4 horas

38) Quem decidia o que você iria assistir?

- seu pai
- sua mãe
- algum parente
- você

39) O que você costumava assistir?

- novelas
- filmes
- notícias
- documentários
- programas de auditório
- todos
- outros: \_\_\_\_\_

40) Você assistia comerciais?

( ) Sim

( ) Não

41) Você gosta de filmes?

( ) Sim

( ) Não

42) Qual é o filme que você mais gostou? Por quê?

43) Como é a sua rotina diária?

44) Como é a vida na FEBEM? Como você se sente vivendo aqui?

45) Você tinha contato com drogas?

46) Que delito você cometeu?

47) Você já esteve aqui outras vezes? Quantas?

48) Quais são os seus planos quando sair daqui?

## **ANEXO 2 - A POLÍTICA DA TELEVISÃO NAS CASAS DA CAPITAL QUE NÃO FIZERAM PARTE DESDE ESTUDO<sup>136</sup>**

### **Casa 1**

A **Casa 1** é dividida em duas alas, que fazem atividades diferenciadas paralelamente: se uma ala tem aula pela manhã, a outra tem oficinas, pátio, jogo ou televisão, e vice-versa. No horário inverso a sua aula, os adolescentes podem participar das oficinas oferecidas, como culinária, hip-hop, cidadania, *office-boy* e datilografia, ou assistir televisão, jogar no pátio ou jogar pingue-pongue. A televisão é usada basicamente para transmitir filmes, dos diferentes canais disponibilizados pela Net, que a casa ganhou há quatro anos. A unidade é a única na FASE-RS que possui TV a cabo. Os adolescentes, raramente, têm acesso aos canais abertos. Segundo o diretor da casa, a instituição optou por essa prática por entender que no canal aberto, muitas vezes, aparecem notícias de rebeliões, crimes, e até mesmo que mostram conhecidos, assim, os adolescentes são poupados desse tipo de informação que possa abalar a sua internação. Os filmes são escolhidos pelos próprios internos, e passa pelo crivo da monitoria que veda filmes muito violentos ou com muitas cenas de sexo.

Os horários em que a televisão fica ligada na unidade é basicamente das 8h às 11h pela manhã, das 13h30 às 17h, pela tarde, e das 19h30 às 22h30 à noite. Durante a noite, há um revezamento entre as duas alas para o uso do pátio, da televisão e da sala de pingue-pongue. Uma noite uma ala desce e a outra fica no dormitório. Na noite seguinte, a ala que desceu fica no dormitório e a outra desce. Os adolescentes da ala que desce podem optar por assistir filmes, jogar vôlei, futebol ou pingue-pongue. O diretor comenta que depende do filme, a sala da TV lota e, outras vezes, eles preferem mesmo é jogar futebol ou fazer outra coisa.

---

136 O nome das casas não foi citado para evitar a identificação das mesmas

A televisão é vista pela direção como um veículo de divertimento, uma forma de passar o tempo, e, por isso, em hipótese alguma é utilizada para punir os jovens coletivamente. Algumas vezes, se o adolescente tem um mau comportamento, ele é privado das atividades, da escola e também da televisão, mas o grupo não paga pelo erro de alguns.

A casa conta, atualmente, com 112 adolescentes, quatro em cada dormitório, desses, 40% estão na FASE-RS pela primeira vez, o restante é marinheiro de outras viagens. 95% já usaram drogas e 30% são viciados.

## **Casa 2**

Até setembro de 2001, a **Casa 2** oferecia uma certa autonomia aos internos, que podiam circular pelas alas, assistir televisão quando queriam, entre muitas outras coisas, até que vários conflitos internos seguidos por uma rebelião dos internos fizeram com que a casa revisse a sua política interna e entre elas a liberação da televisão. Com as mudanças, os adolescentes foram privados de muitas coisas e apenas com o passar dos dias perceberam que a liberdade para assistir televisão também havia sido perdida. Apenas dois adolescentes que viveram essa mudança continuam na casa, por isso é difícil resgatar o sentimento generalizado, mas os monitores contam que eles pedalavam as portas e reclamavam insistentemente para a volta da sua liberdade e da televisão.

Antes das mudanças, a televisão era liberada, e os internos podiam assistir quando queriam, o diretor da casa conta que era um sufoco tirá-los da frente da televisão, até mesmo para ir para a aula era, literalmente, uma novela. A população começou a crescer e ficou impossível administrar 97 guris juntos em uma sala, assistindo televisão e fazendo bagunça.

A partir daí, a televisão foi cortada e passou a ser usada exclusivamente para passar filmes e jogos. Os técnicos de recreação, juntamente com os guris, selecionam todas as noites,

um filme, que é apresentado em várias sessões, cada uma com seis adolescentes. O filme tem de ser liberado para menores de 16 anos e não pode ser muito violento. No começo foi complicado realizar a mudança, explica o diretor, mas aos poucos eles foram habituando-se e hoje, ninguém mais reclama a sua falta. Além dos filmes à noite os adolescentes participam de oficinas e de atividades lúdicas.

Leandro, que está na casa há um ano e viveu a mudança, conta que sentiu um pouco por não poder mais assistir quando não tinha o que fazer, para passar o tempo, mas por outro lado, tem participado mais das oficinas, por falta de opção, e feito mais trabalhos manuais em tapeçaria. Leandro diz que costumava assistir novelas e o show do milhão, que nunca foi muito de assistir noticiários ou coisas mais úteis, por isso, não sente muita falta, pois ficar sem essas duas coisas, não mudou em nada a sua vida. Para ele, televisão é divertimento e o que aconteceu foi uma redução do seu divertimento, e só.

### **Casa 3**

A **Casa 3**, que já contou com mais de 120 adolescentes, hoje, possui uma população de 19 jovens, que se dividem em 6 alas, completamente distantes umas das outras. Além de ser a com a menor população, a casa é a que conta com o maior número de televisores: seis, um para cada ala. Três adolescentes em média dividem cada ala e um televisor, que fica ligado o dia inteiro e é administrado por eles, da forma como bem entendem. Há alas em que os internos colocam o televisor em um dormitório e assistem a noite inteira, desde que o volume esteja baixo. Têm outras em que a TV fica no corredor e cada um leva o seu colchão para assistir. Dentro das suas alas, devidamente trancadas e com policiais do lado de fora, os adolescentes podem fazer o que quiserem. As alas são tão grandes que dão a impressão de serem apartamentos em um grande edifício abandonado.

Aqui, por ser liberado, eles vêem de tudo: programas policiais, noticiários, novela, desenho, esporte, basta entrar em um consenso e, segundo eles, sempre há consenso: "nunca brigamos para escolher um programa. Gostamos das mesmas coisas", conta um dos adolescentes, que divide seu televisor com outros dois jovens. O Flávio, um dos internos, teve ainda mais sorte, por não ter se entrosado com os internos de nenhuma ala, ele ganhou uma ala só para ele e, conseqüentemente, um televisor só para ele também. Ele conta que assiste o que quer, quando quer, e só não assiste quando tem aula, ou está participando de alguma atividade.

A direção da unidade diz que a televisão é uma forma de passar o tempo e que por isso não priva os adolescentes dessa liberdade pelo menos. Na casa, algum adolescente só é privado da televisão se estiver isolado por mau comportamento, mas nunca ela é usada como castigo coletivo.

#### **Casa 4**

A **Casa 4** é, atualmente, a com o maior número de internos. A unidade, que tem capacidade para 116 adolescentes, possui 190 internos, por isso a direção optou por, assim como a casa 1, fazer revezamento para o acesso ao meio.

A **Casa 4** possui 5 unidades, cada unidade é como se fosse uma casa independente, possui o seu refeitório, o seu pátio e a sua televisão e conta com uma população média de 44 adolescentes. Para evitar conflitos, durante todas as atividades, os grupos são divididos ao meio: 22 adolescentes ficam no pátio, assistem TV ou jogam, enquanto 22 ficam no dormitório. 22 vão à escola, enquanto os outros 22 fazem outra atividade. À noite, os grupos dividem-se novamente, só que, nesse horário, enquanto a metade tem acesso à TV e ao pátio, os outros ficam no dormitório. No dia seguinte, o que teve pátio fica no dormitório e o outro grupo é liberado para as atividades da noite. A direção optou por esse controle para poder

administrar a casa, que recebe adolescentes com perfil bastante agravado, muitos que, inclusive, já participaram de rebeliões.

Durante o dia, a televisão fica ligada nas alas das 8h30 às 11h30 pela manhã, e das 14h30 às 18h30 durante à tarde. À noite, é ligada novamente, das 20h às 23h. Durante o dia, geralmente, eles assistem desenhos, filmes e novelas. À noite, por haver o revezamento, quatro vezes por semana, eles podem escolher um vídeo para assistir e nos demais, eles têm acesso ah programação normal. Quando tem vídeo, o pátio não é liberado. Quando a televisão é usada para passar a programação normal, eles podem fazer outras atividades, se preferirem.

### **ANEXO 3 - ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - ECA**

A socióloga Patrice Schuch, no artigo “A Constituição do Adolescente Autor de Ato Infracional: Dramas e Processos Sociais”, faz uma reflexão sobre a implementação do ECA, que, para a autora, trouxe efeitos importantes de reformulação do campo de proteção à infância e à adolescência. Segundo a socióloga, o Estatuto influenciou na constituição de significados sociais e categorias classificatórias de infância, adolescência e juventude. Schuch (2000, p. 6) defende que “no que diz respeito aos adolescentes a quem se atribuía autoria de ato infracional, o ECA expressou o reconhecimento, do ponto de vista jurídico, da necessidade de novos conceitos e equipamentos especializados e exclusivos para o seu atendimento, dando uma visibilidade distinta a esse ator social”.

Para o educador, assessor da INESC e consultor da UNICEF Mário Volpi (1997), o ECA instituiu mudanças substanciais no tratamento que o Estado dispensava à criança e ao adolescente empobrecidos. A principal, porque dela derivam todas as outras e porque implica novos deveres do Estado para com essa parcela da população, é a mudança do enfoque doutrinário da “situação irregular” para o da “proteção integral” à criança e ao adolescente. Para o autor, quando se fala em criança e adolescente empobrecidos, é preciso lembrar que não são eles que estão em situação irregular e sim as condições de vida a que estão submetidos. Entretanto, segundo o autor (1997, 48), hoje, pode-se constatar uma dicotomia entre a produção teórica sobre a criança e o adolescente e o atendimento dispensado aos mesmos. Citando Rizzini (1993), Volpi explica que essa dicotomia, existente desde a criação do primeiro Juízo de Menores, permanece até os dias atuais, já que na maioria das regiões do país a implementação efetiva das mudanças preconizadas pelo ECA só ocorreu no plano legal. Para o autor, um dos fatores que certamente contribui para essa situação é a resistência de determinados segmentos da sociedade que atribuem ao Estatuto a responsabilidade pelo

aumento da delinquência e defendem a tese do rebaixamento da maioria penal, condenando as mudanças propostas pelo ECA.

Patrice Schuch (2000, p. 06) explica melhor, ressaltando que “a produção de programas especializados no atendimento a adolescentes a quem se atribua autoria de ato infracional, implementados após o ECA, pode ter facilitado a produção de discursos emanados pela opinião pública a respeito da crescente periculosidade dos adolescentes autores de ato infracional e do fenômeno que lhe é associado – a violência juvenil”.

Mario Volpi, que divide a mesma opinião de Schuch e Berdet, lembra a importância de não ver a prática do ato infracional como algo inerente à identidade desses jovens, mas como uma circunstância de vida que pode ser modificada (1999, p. 7), ressaltando a necessidade de que a sociedade veja esses jovens com outros olhos, buscando a sua inclusão social e não a sua exclusão.

O sociólogo Marcelo Berdet complementa, dizendo que ao longo dos dez anos da existência e aplicação do ECA houve um incremento no número de Adolescentes Autores de Ato Infracional ingressos na Fundação do Bem Estar do Menor do Estado do RS. Em 1990, a Fundação comportava 208 adolescentes e no mês de junho de 1999 tinha uma população de 567 adolescentes, correspondendo a um aumento aproximadamente de 175% na oferta de vagas. Em maio de 2001, esse número chegou a 750. Ou seja, a sociedade passou a ser cada vez mais rígida com esses adolescentes apelando para a institucionalização antes de propor outras alternativas.

Para Volpi, as crianças e os adolescentes do Brasil representam a parcela mais exposta às violações de direitos pela família, pelo Estado e pela sociedade.

Os maus-tratos; o abuso e a exploração sexual; a exploração do trabalho infantil; as adoções irregulares, o tráfico internacional e os desaparecimentos; a fome; o extermínio, a tortura e as prisões arbitrárias infelizmente ainda compõem o cenário por onde desfilam

nossas crianças e adolescentes. Contrapondo-se a este quadro, parcelas cada vez mais significativas da sociedade mobilizam-se para enfrentá-lo, coibi-lo e modificá-lo. Observa-se que a sociedade tem maior facilidade de mobilizar-se sempre que se trata de defender vítimas de possíveis agressores. O apelo emocional parece ser mais forte e sensibilizador quando encontra uma criança indefesa a ser ajudada.

Os adolescentes em conflito com a Lei, embora sejam componentes do mesmo quadro supracitado, não encontram eco para a defesa dos seus direitos, pois, pela condição de terem praticado um ato infracional, são desqualificados enquanto adolescentes. A segurança é entendida como a fórmula mágica de ‘proteger a sociedade (entenda-se, as pessoas e o seu patrimônio) da violência produzida por desajustados sociais que precisam ser afastados do convívio social, recuperados e reincluídos’. É difícil para o senso comum juntar a idéia de segurança e cidadania. Reconhecer no agressor um cidadão parece ser um exercício difícil e, para alguns, inapropriado.

Para Volpi, as medidas de proteção à criança e ao adolescente, preconizadas pelo ECA, bem como as medidas sócio-educativas previstas para o adolescente, não possuem caráter punitivo, visando, antes, a reinserção social, mediante o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. As medidas socioeducativas, explica Volpi, têm-se mostrado eficazes quando adequadamente aplicadas e supervisionadas. “O que é preciso é criar mecanismos de controle para fazer valer o Estatuto”, é preciso garantir a aplicação de medidas pedagógicas aos adolescentes privados de liberdade, garantindo seus direitos e explicando, ao mesmo tempo, as suas obrigações. O trabalho educativo deve, para Volpi (1997, 66), visar à educação para o exercício da cidadania, trabalhando eventos específicos da transgressão às normas legais por meio de vivências que possam contribuir para a construção de um projeto de vida do adolescente privado de liberdade.

## ANEXO 4 - NOMENCLATURAS ADOTADAS EM TODO O PAÍS PELAS ANTIGAS FEBEMS

	ADM. INDIRETA		Exclusivo p/ Atendimento de jovens infratores		Vinculação
	Autarquias e Fundações		SIM	NÃO	
<b>REGIÃO NORTE</b>					
AC		Departamento da Infância e Juventude		*	Secretaria do Trabalho e Ação Social.
AM		Departamento da criança e do adolescente		*	Secretaria do Trabalho e Ação Social.
AP	Fund da Criança e do Adolescente			*	Secretaria do Trabalho e Cidadania
PA	Funcap – Fund. Da criança e adolescente do PA			*	Secretaria de proteção e Ação Social.
RO		CERPEMSE	*		Gabinete do Governador
RR		Sec. do trabalho e Ação Social		*	Gabinete do Governador
TO		Ação Social	*		Sec. do trabalho e Ação Social
<b>REGIÃO CENTRO-OESTE</b>					
DF		Diretoria de Ação Social		*	Secretaria de Ação Social
GO		Superintendência da Criança e do Adolescente		*	Secretaria de Cidadania e Trabalho
MS		Coordenadoria de Medidas socioeducativas	*		Sec. Assistência Social, Cidadania e Trabalho
MT	Diretoria de Atividades Especializadas		*		Prosol – Fundação de Promoção Social
<b>REGIÃO SUDESTE</b>					
ES	ICAES – Instituto da Criança e do Adolescente			*	Secretaria da Justiça
MG		SAREMI – Superintenderia de Atendimento e Recuperação de Menor Infrator	*		Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos
RJ		DEGASE – Departamento Geral de Ação Social Educativa.	*		Secretaria dos Direitos Humanos
SP	FEBEM			*	Secretaria da Juventude
<b>REGIÃO NORDESTE</b>					
AL		Departamento de Medidas Socioeducativas	*		Secretaria da Justiça e Cidadania
BA	FUNDAC – Fundação dos Direitos da Criança e do Adolescente			*	Secretaria do Trabalho e Ação Social

CE		Coordenadoria de Proteção Soc. Med. Educ.		*	Secretaria do Trabalho e Ação Social
MA	FUNAC – Fundação dos Direitos da Criança e dos Adolescentes			*	Secretaria do Trabalho e Ação Social
PB	FUNDAC – Fundação dos Direitos da Criança e dos Adolescentes			*	Secretaria do Trabalho e Ação Social
PE	FUNDAC – Fundação dos Direitos da Criança e dos Adolescentes			*	Secretaria da Justiça e Cidadania
PI		SERSE – Serviço Social do Estado		*	Gabinete da primeira dama
RN	FUNDAC – Fundação dos Direitos da Criança e dos Adolescentes			*	Secretaria do Trabalho e Ação Social
	FUNDAC – Fundação dos Direitos da Criança e dos Adolescentes				
SE	Fundação Renascer			*	Secretaria de Ação Social e Trabalho
REGIÃO SUL					
PR	IASP – Instituto de Ação Social do PR			*	
RS	FASE-RS- Fundação do Atendimento Sócio Educativo do RS		*		Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social
SC		Diretoria de Proteção a Criança e ao Adolescente		*	Secretaria da Justiça e Cidadania

Fonte: Relatório do Governo Federal, 2002

## ANEXO 5 - FICHAS DOS PROGRAMAS

a) **“Linha Direta”**: "Toda a quinta-feira, após ‘Porto dos Milagres’, o programa que coloca os criminosos no seu devido lugar".

"Mulher tem setenta e cinco por cento do corpo queimado pelo ex-companheiro e morre sem conhecer a mãe, de quem foi separada aos 11 meses". "Mulher de um dos dentistas mais requisitados de Anápolis, em Goiás, é assassinada. Segundo a família dela, semanas antes de morrer, ela teria flagrado o marido com outro homem"; "Agricultor é acusado de matar a mulher por não conseguir manter relações sexuais com ela"; "Fazendeiro, em Minas Gerais, é acusado de mandar matar o ex-namorado da filha"; "Prefeito de São Roque é assassinado e, segundo a polícia, a mandante é a ex-mulher dele"; "Empresário é assassinado. A mulher - uma defensora pública com quem era casado há 13 anos - é a principal suspeita de ser a mandante"; "Estudante de contabilidade é morto com cinco facadas pelo pai da ex-namorada"; "Homem mata a mulher após descobrir que ela mantém um caso com o pastor da igreja que freqüentam"; "Lavrador é acusado de tentar matar a mulher e seqüestrar a filha dela - de apenas 11 anos -, com quem sonhava viver um romance e já havia abusado sexualmente"; "Menina de 14 anos é obrigada pela mãe a se casar com o homem que a estuprou e que, sete anos mais tarde, a mataria"; "Mulher grávida de nove meses é assassinada com uma facada pelo marido em Peruíbe, litoral sul de São Paulo"; "Herdeiro de uma das famílias mais ricas de Niterói, no Rio de Janeiro, torna-se criminoso"; "Servente de pedreiro ataca 27 mulheres nas cidades de Montes Claros e Esmeraldas, em Minas Gerais".<sup>137</sup>

O programa “Linha Direta” foi ao ar pela primeira vez no dia 27 de maio de 1999. Desde então, toda a quinta-feira, o programa leva a inúmeros lares brasileiros cenas de violência, de dor e sofrimento, mas também mostra que a justiça pode ser feita, e a mídia, com a participação de todos através da denúncia, pode ajudar a sociedade nessa luta, narrando histórias como as citadas acima.

Desde o seu primeiro programa, o Linha Direta foi responsável pela prisão de 130 foragidos, localizados a partir de denúncias feitas por telespectadores que assistiram ao programa. Os capturados têm espaço para se defenderem no ar ou justificarem seu crime, mostrando diversos sujeitos, alguns arrependidos do que fizeram, outros que ainda não entendem a gravidade dos seus atos e outros que se dizem inocentes, apesar de todas as evidências que os incriminam.

---

<sup>137</sup> Estes são alguns dos casos mostrados no programa este ano e podem exemplificar os diversos dramas que são exibidos via satélite para milhares de brasileiros.

Os telespectadores também são convidados a participar fazendo denúncias ou indicando pistas sobre os procurados. Durante todo o programa, lhes é disponibilizado vários instrumentos e informações para que eles ajudem a encontrar os culpados.

A seguir, destacamos, como exemplo, um dos programas que foi ao ar no dia no dia 02 de agosto de 2001.

"No dia do seu aniversário, mulher mata o amante com um tiro no peito. O crime ocorreu no dia 15 de dezembro de 2000, em Caxias, no Maranhão. A acusada e a vítima - trinta e cinco anos mais velho do que ela - viveram um romance marcado por muitas brigas durante três anos. Na maioria das vezes, as brigas aconteciam porque a amante pegava dinheiro da vítima para se divertir com homens mais jovens. No dia do crime, a acusada completava 26 anos e, enquanto a vítima passava a manhã com uma das filhas, ela foi para o sítio dele e ordenou que um empregado matasse um leitão para comemorar o aniversário. Quando a vítima chegou ao sítio, a amante estava embriagada e disposta a brigar. Segundo a acusação, ela pegou uma pistola que a vítima guardava num móvel e atirou. Ao tentar desarmá-la, a vítima levou um tiro fatal."

Essa é a descrição disponibilizada no *site* do programa. Durante a narração e reconstituição do caso, as imagens eram intercaladas pelos depoimentos da viúva e das filhas da vítima, que choravam ao falar do crime brutal e da forma como seu esposo e pai fora seduzido pela acusada e roubado delas, da vida feliz, perfeita que viviam até a aparição da acusada. O drama da família comove, pois relata uma situação que acontece em muitos lares brasileiros.

O programa dá espaço para todos os envolvidos pronunciarem-se, seja os familiares da vítima, que externam sua indignação, os peritos (inspetores ou delegados) que legitimam o discurso; a família do acusado ou amigos próximos do mesmo; e o foragido denunciado em programas anteriores que foram capturados.

#### **b) “O Clone”:**

A novela “O Clone”, veiculada na Rede Globo de 1º de outubro de 2001 a 15 de junho de 2002, foi escrita por Glória Perez e dirigida por Jayme Monjardim, Mário Márcio Bandarra

e Marcos Schechtmann. A trama da novela baseou-se no encontro de um homem com sua imagem 20 anos mais jovem:

“No começo da história Lucas é um adolescente alegre, romântico, cheio de projetos, e está apaixonado por uma moça muçulmana: Jade. Mas a vida não correu bem pra ele: separa-se de Jade e, ao longo dos 20 anos que se passam na novela, decaiu fisicamente, seus projetos se perderam pelo caminho, não tem mais a ternura, o romantismo, a poesia de antes. Tornou-se seco e duro. Jade, por outro lado, viveu todo esse tempo imaginando que sua vida teria sido muito mais feliz se tivesse casado com ele. Vinte anos mais tarde eles se reencontram. Jade se decepciona, tentando encontrar, no Lucas quarentão, resquícios do adolescente por quem se apaixonara um dia. É quando aparece o clone, feito à revelia de Lucas pelo seu padrinho, o geneticista Albieri. O clone não é Lucas, mas é a imagem que Jade amou e cultivou durante a vida inteira. Temos então, um triângulo incomum: Lucas se tornando o rival de si próprio. O aparecimento do clone revoluciona completamente as vidas de todas as outras personagens da trama”. (Fonte: <http://www.telenovela.hpg.ig.com.br/clone.htm>).

É no meio dessa trama que surge a personagem Mel, interpretada pela atriz Debora Falabela. Filha de Lucas e Maisa, Mel, que é uma menina rica e muito retraída, acaba envolvendo-se com drogas para se sentir mais auto-suficiente. O que começou com uma brincadeira e algo controlável acabou se tornando um grande vício, que acabou controlando sua vida. Mel parou de cuidar de si mesma, perdeu seu namorado e destruiu sua família, que tentou de tudo para ajudá-la, vivendo o drama de milhares de adolescentes viciados em drogas. Assim como a história de Mel, a novela contou a história de Nando, personagem vivido por Thiago Fragoso, amigo que introduziu Mel no mundo das drogas e que viveu situações semelhantes as vividas pelo personagem de Debora Falabela, de Regininha, que estava viciada há muito tempo e que já não tinha mais ninguém, e de Lobatto, que aos seus 40 anos continuava lutando para se livrar das drogas. No final da história, Mel e Nando acabam recuperando-se e abrem uma clínica para ajudar outros dependentes. Regininha desaparece.

### c) “Malhação” - Múltipla Escolha

O programa “Malhação” vai ao ar de segunda à sexta, na Rede Globo, das 17h30min às 18h. De autoria de Emanuel Jacobina e Andréa Maltarolli e dirigida por André Nunes, Claudio Boeckel e Edson Spinello, “Malhação” está no ar há sete anos, consolidando-se como

o programa dirigido a adolescentes de maior sucesso dentro da emissora. Desde a sua criação, o programa passou por várias mudanças e a mais importante delas foi a mudança no cenário central da trama, que passou de uma academia para uma escola, a Múltipla Escolha, cujo nome foi acrescentado ao programa. Essa mudança foi a principal responsável pela alavancada que a novela viveu nos últimos três anos. Desde então, conquistou um público fiel e uma audiência média de 30 pontos.

Temas delicados como AIDS, virgindade e gravidez na adolescência, e outros que fazem parte do cotidiano de qualquer adolescente, como brigas entre amigos, desemprego, desempenho sexual, drogas e pais separados são abordados constantemente no programa. Temas pontuais como dengue e outros discutidos na *media* no momento também são incorporados, pautando discussões protagonizadas pelos personagens da trama. De acordo com a emissora, não são só os jovens que assistem a “Malhação”, grande parte da sua audiência é composta por adultos que também demonstram interesse pelos temas abordados na novela.